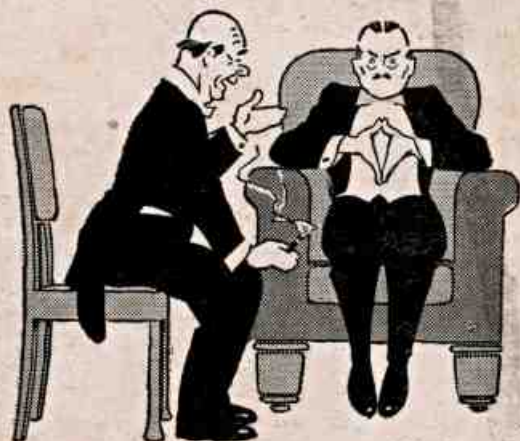
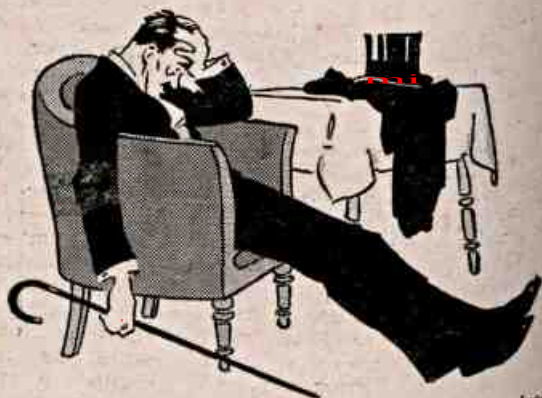
1907 ABRIL 1932
ANNO XXVI
NUM. 16 • PREÇO 2$000
16 • ABRIL • 1932
fon-fon

QUANDO...

O dono da casa te paulifica...

e a musica e o canto são horripilantes...

e a tua sorte no jogo não podia ser peor...

e, chegando em casa, sentes uma dôr de cabeça desesperadora, é então o momento de tomar a infalivel

CAFIASPIRINA

o remedio de confiança

que te aliviará e reanimará sem prejudicar o teu organismo

A CAFIASPIRINA é tambem prodigiosa para as enxaquecas, nevralgias, reumatismo, dôres de dentes e ouvidos, resfriados, etc.

O conto brasileiro

Uma historia antiga

Foi num "rink" de Copacabana que conheci o homem evocativo e sentimental.

Os patinadores, principalmente as patinadoras, voavam cimento em fóra, em acrobacias difficeis e graciosas. De cima, a luz, partindo de poderosos reflectores, envolvia numa caricia quente os corpos bem feitos em requebros de dansarina vaporosa. O radio, possante mas rouquenho, soltava no ar sons doidos de musicas populares. Na archibancada, — si assim podemos chamar aquelle circulo de arame e madeira, — muita gente, de cigarro á bocca ou de "casquinha" de sorvete em punho, assistia ao divertimento da moda. Bailavam no ar sorrisos e chalaças, louvores aos melhores e mais habeis patinadores e, aqui e ali, o "flirt", — tão moderno quanto o patim entre nós, — brincava nos olhos de um e sorria nos olhos de outro.

Eu, só, olhava sem maiores interesses o chão polido e, de quando em quando, arriscava uma olhadela em torno. Perto de mim, uma velha gorda e vermelha, de "rouge", como uma porta pintada de fresco, tecia elogios ás duas filhas solteiras, que ultrapassaram os 25 janeiros e ainda estavam sem noivo e sem marido. Um pouco adeante, um senhor já grisalho dava o "estrillo" com o "garçon", por lhe ter manchado a roupa de sêda com um "chop" entornado desastradamente. Mais além, uma moreninha, tostada como um torresmo, fazia signaes a um rapaz que, embevecido e meio "arara", se occultava, apertado entre uma mesa e uma cadeira, dos olhares indiscretos...

Já me cansava dessa observação, quando se approximou de mim um velhinho sorridente, regularmente vestido, muito sympathico e com signaes evidentes na face cavada de que mais de um seculo lhe pesava sobre os hombros. E, com bom humor, vendo que eu retribuia a sua affabilidade, perguntou-me:

— Gosta disto, moço?

— E'-me indifferente — retruquei. Entrei aqui como entraria em qualquer outra parte onde houvesse muita gente. Procurava distrahir-me...

— E distrahia-se, numa profunda observação, em tôrno daquella mocinha e daquelle rapaz que se namoram. Tambem não gosta deste "sport"?

— A's vezes, para variar...

— Si o senhor não tivesse os cabellos tão pretos e a face tão nova, eu lhe contaria um caso que, talvez, lhe fosse interessante. Foi um caso passado ha muitos annos, com este seu creado. Sempre tive o maior segredo acerca dessa historia, guardando-a no coração, como um usurario occulta o seu thesouro. Nasceu-me a vontade de contál-a, agora, a alguem que se interesse pelas coisas antigas e possa aproveitar a minha grande licção. Mordeu-me ainda o desejo que a gente tem, quando os ultimos dias passam sobre as nossas cabeças, de relembrar as coisas que nos são caras, embora os nervos já não se electrizem como antigamente. Acho que o amigo, embóra moço, tem o dom da observação e é capaz de medir o valor das coisas que não são da sua época. Desejava contar-lhe a minha historia para que ella pudesse servir-lhe de bàse para uma analyse amorosa. Desejava dar-lhe uma idéa do que era o amor no meu tempo. Dizem uns que era um amor casto, innocente, que a mulher amada era um idolo, um deus intangivel, immaculado quasi. Eu lhe contaria, si a sua bondade o permittisse, a historia da minha existencia dolorosa, attestado flagrante de que, si o amor daquella época não viajava de aeroplano, era tão violento e rapido como o de hoje. Mas, com a sua idade, mesmo que seja observador e perspicaz, não dará grande importancia á minha narrativa e dirá comsigo mesmo que são coisas de um velho desilludido, coisas que cheiram a môfo e a tumba.

Gostei da linguagem franca e facil do meu improvisado interlocutor e respondi-lhe:

— Sou todo ouvido. E creia-me incapaz de zombar das reminiscencias alheias, mesmo de um desconhecido. Ellas me despertam a sensibilidade e nem por um instante sou capaz, repito, de zombar das recordações sagradas de um homem que tem neve na cabeça, muita experiencia de vida, e, talvez, muita amargura na alma.

Elle sorriu e convidou-me a ir até a praia. Accedi. Uma lua pequenina mais esbranquecia a espuma revolta. E ouvindo o marulho de sonho que o mar gemia quebrando seus vagalhões verdes na areia de prata, o velho fitou-me, deixou de sorrir, suspirou profundamente, offereceu-me um cigarro, e começou:

— Eu, quando moço, fui um grande sonhador. Subjectivista no mais alto grão da exaltação. Para mim só existia valor nas coisas não adquiridas. Os meus amores eram sempre revestidos de sonho, de platonismo. Dahi, talvez, a razão por que a minha vida foi sempre dolorosa como a existencia de um cardo agreste.

"No meu tempo não existiam patins, nem "foot-ball", nem banhos de mar, onde as mulheres se mostram quasi paradisiacamente..., nem "dancings", nem passeios de automovel a horas perdidas da noite. O amor, porém, como já disse, era o mesmo deus traquinas de hoje. Si não se mostrava despudorado em plena rua, ou num "rink" como agora, vivia em longos beijos nas bôccas dos namorados, entre roseiraes cheirosos ou sob a cumplicidade de um caramanchel de myosotis. As damas mereciam curvaturas de chapéo na mão e os homens se cumprimentavam com respeito, com cordialidade.

"Quando a "caleche" do imperador rodava nas ruas mal calçadas, o povo, á sua passagem, se descobria reverente como si passasse o andor do Senhor Morto. Hoje, quando o presidente da Republica se afunda nas almofadas do automovel official e, cercado de homens agaloados, roda, avenida em fóra, os grupos se sub-dividem e, de costas, á socapa, dizem coisas que não se devem dizer de um bandido. Mas, estou a abusar da sua condescendencia. Não foi para falar dessas coisas que aqui viemos. Retomando o fio da meada: eu falava do amor do meu tempo. O amor tal qual como o de hoje, apenas mais velado, mais em segrêdo. Ouça como se amava no tempo em que o Rio era ainda garôto.

"Eu tinha 19 annos. Estudava direito. Habitava uma mansarda com mais dois collegas, á rua do Hospicio, hoje pomposamente Buenos-Aires. Durante o dia, como tinha bôa letra, — naquelle tempo as machinas de escrever e calcular eram o cerebro e as mãos humanas, — trabalhava algumas horas durante o dia numa fabrica de sabão.

(Continúa na pag. seguinte)

onde ganhava o sufficiente para estudar e não morrer de fome.

"Um dia, ou melhor uma noite, entrou no quarto um dos meus collegas, muito agitado e com um cartão na mão. Eu estudava com o terceiro. E, em grandes gestos, como faria talvez Napoleão em commando, nos foi dizendo: "Avi-em-se, rapazes! Um convite para o baile, hoje, no Paço!" Nós, que quasi nunca iamos a bailes e de mais a mais no Paço, ficámos indecisos. Depois de grandes conjecturas e na esperança de dar ao estomago alguma coisa que elle nunca recebêra, resolvemos pôr o caso em acção. Como os nossos fatos, por economia, eram azues, podiamos, á força de escova e garrafa, apparecermos na festança, menos vestidos, é verdade, que o mais baixo dos creados. E num momento arranjámos as coisas melhor do que parecia á primeira vista. E fomos. A principio, ficámos deslocados naquella sociedade aonde só iam nobres empoados e damas de saias balão. Como, porém, pouca ou quasi nenhuma importancia nos davam, longe de procurarmos dançar ou outra qualquer diversão incompativel com os nossos trajos, fomos fazer nossas provisões no "buffet", que, por signal, era excellente. Os creados, de libré, em grandes etiquetas e gestos serviam-nos meio desconfiados. Eu comia um doce muito gostoso e muito complicado, quando uma pequena mão pousou sobre o seu braço. Era tão pequenina que caberia na corolla de um lyrio. Trazia luvas altas, de renda, decote pronunciado, deixando ver umas espaduas que Raphael desejaria para modelo, cabelleira branca e leque de plumas. Os olhos brilhavam tão singularmente, que me julguei em frente de um precipicio. Na bôcca rosada um sorriso punha curvas graciosas e harmonicas de um arco indigena. Fitou-me mais tempo que a conveniencia e o bom tom determinavam. Perturbei-me. Quiz reverenciar-me e a espinha negou-se-me a curvar. Quiz falar e a voz morreu-me na garganta. Todo eu estva dominado por um profundo abalo, por uma commoção que até hoje não sei definir. E a dama, numa faceirice bem feminina, se afastou, deixando-me no cerebro um sonho divino e nas narinas dilatadas um cheiro delicioso de carne moça. E, como um cysne immensamente bello, vae mergulhou na onda dos que valsavam. Desisti das iguarias e corri ao parque para, sozinho, entregar-me inteiramente á recordação daquelle sorriso e dos lampejos daquelle olhar. E entre flores cheirosas e o clarão do luar, sentado no tronco de uma velha arvore, os olhos meio cerrados, pensava na fada que, com o condão da sua graça e da sua formosura, me tocára o coração, quando notei atraz de mim um pequeno estalido como de uma haste que se quebra. Volvi-me curioso e, quasi suffocado pela surpreza e pela felicidade, reconheci a creatura do meu encantamento. E, sem saber como, ajoelhei-me com a mesma uncção, a mesma reverencia como si estivesse em frente da imagem da Purissima Virgem. Ella se approximou tão de leve, que parecia ter pés de algodão e, tomando-me as mãos geladas pela commoção, levanteu-me. Olhámo-nos de frente, sem falar. Nossos olhos se comprehenderam e nossos corações pulsaram num só rythmo. E, sob os raios do luar e a magia das rosas, um beijo...

— E amaram-se sempre? Casaram-se? Foram sempre felizes? — perguntei, ansioso.

E elle, limpando com as costas da mão as lagrimas que lhe corriam a fio:

— Não! Ella era nobre! Eu rolava na plebe como um filho de ninguem! Do nosso amor criminoso, sublime embóra, amor de uma noite de lua e de roseiraes em flôr, nasceu, occultamente, uma creança linda, que a matou. E, para castigo do crime que a natureza me impôz, a minha filha foi creada e educada entre os nobres e nunca, nunca consegui vêl-a! Estou velho! Quasi nada mais resta do que fui! Mas, nunca mais amei e nem por um momento deixei de recordar aquella noite de lua e de roseiraes em flor, num parque majestoso e deserto do Paço...

O velhinho chorava copiosamente. E o mar continuava, monotono, a sua canção eterna e doce...

Para rejuvenecer o rosto basta a Cêra Mercolized

Procure hoje mesmo Cêra pura Mercolized em sua pharmacia para recuperar incontinenti o seu aspecto juvenil anterior. A Cêra Mercolized, usada segundo as instrucções, faz com que a epiderme exterior da cutis, envelhecida e morta, se vá desprendendo paulatinamente, levando com ella todas as imperfeições da pelle, taes como manchas, sardas, affecções, tostaduras, etc., o que permitte que á superficie venha surgir uma nova e assetinada cutis louçan. A cêra mercolized tende a diminuir, após breve tempo de sua applicação, os annos da pessôa que a usa, dando-lhe aspecto rejuvenescido.

Si deseja eliminar o pello superfluo de uma fórma instantanea, é preciso que faça uso do Porlac puro pulverizado. Usando-o methodicamente, dá resultados radicaes e definitivos.

A Cêra Mercolized, é vendida no Brasil pelo preço de Rs. 12$000 e 7$000

PASSOS...

EMILE SOLARI

— A neve, disse Gerard, emquanto contemplamos o Mediterraneo, a neve não se vê frequentemente d'aqui! Quando cahe, fica nos picos que se vêm da costa, para o norte, e esses poucos flócos depressa se volatilizam, pelo sol de Provença. Na minha idade, passo muito bem sem a neve. Mas forçoso é reconhecer que esse elemento tem certa poesia, pelo menos emquanto nada lhe perturba a virginal brancura.

Os cristaes de neve, todos o sabem, vistos ao microscopio ou com uma lente forte, apresentam bellissimos desenhos, ornamentos que lembram, pela sua regularidade, as admiraveis rendas de Veneza. E depois a neve fixa as nossas recordações da infancia a tal ponto que pensamos todos ter vivido, nos nossos verdes annos, invernos regularmente rudes... Eu, que vi em 1893 o Sena gelado, em Paris, de se atravessar a pé, ouvia já nessa época, os antepassados dizerem que, antigamente, fazia muito mais frio, ou muito mais calor. A observação não é nova, pois no terceiro seculo São Cypriano recebia a esse respeito clamôres dos plantadores...

A verdade é que o tempo varia. Mas, a proposito de recordações suggeridas pela neve, tenho uma, é serio, impressionante.

Eu ia pelos meus sete annos e morava com minha mãe e minha avó paterna, no pequeno arrabalde de Paris, durante o grande inverno de 1879. Meu pae estava fóra a negocio e sabiamol-o gravemente gripado, em Toulouse. O carteiro vinha duas vezes por dia, de noite ás sete horas e de manhã ás 8 horas, e estavamos todos de pé nesse momento, esperando noticias de meu pae, que vinham todos os dias. Infelizmente, durante tres mortaes dias, nada havia chegado e, na terceira noite, houve uma tal tempestade que eu fui o unico a dormir, um pouco. No emtanto, despertando durante a noite, senti que tudo havia voltado á calma lá fóra e tornei a afundar no delicioso somno da infancia.

De manhã, fui eu o primeiro a levantar-me e fui eu que da janella descobri a immensa e silenciosa brancura da neve. Annunciei-a aos gritos... E penso vêl-a ainda...

A's sete horas e meia, estavamos em baixo e esperavamos a campainha do carteiro. Ai de nós! Oito horas soaram, depois o quarto d'hora, a meia hora, nove horas, dez horas...

Minha avó, sempre tão corajosa, chorava. Eu encolhia-me todo, como o gato, n'um canto e, provavelmente, julgavam-me de volta á cozinha atraz do pão e da manteiga.

— Meu Deus, mamãe! disse minha mãe, não queria confessar-te, mas tive um sonho horrivel! Nosso Gastão, depois da grippe, morreu e vinha dizer-nos, mas foi detido á nossa porta...

Houve um silencio, e ouvindo meus dois anjos da guarda chorar, puz-me a chorar tambem, com um desses terriveis desgostos de creança. Minha mãe achou forças para sorrir, ainda que estivesse afflicta, e o que me agoniava sobretudo era a physionomia de minha avó, que sempre vira tão calma.

Pelas onze horas, minha mãe deu um grito. Ella acabava de abrir a porta do jardim todo branco e mostrava á minha avó, que acudira, a mancha negra d'um passo sobre a neve... Esse signal parava em nossa porta...

As duas mulheres olharam-se com olhos de horror e eu me lembro que murmurei baixinho:

— Foi papae que veio? Por que não entrou?

Minha mãe levou-me como uma louca nos braços, para o interior da casa; minha avó tornou a fechar a porta e foi o um pavoroso dia, durante o qual, com a garganta apertada pelos soluços, esperámos a distribuição da noite, com medo, agora, de receber confirmação da horrivel nova. Só ouvi falar dos signaes funebres na neve, ainda que tudo isso se commentasse em voz baixa.

A's sete horas e dez (dezenove horas e dez, como se diz agora) o correio chegou. Não precisou tocar a campainha; estavamos os tres á soleira da porta. Só tinha na mão um impresso.

— E' tudo? interrogou minha mãe, com voz estrangulada.

— Mas a senhora é muito gulosa! disse o carteiro, jovial. Esta manhã, puz-lhe uma linda carta de Toulouse, na sua caixa, alli na porta. Parti com tres quartos d'hora de antecedencia, para o meu gyro, prevendo difficuldades de estrada por causa da neve e como cheguei aqui ás sete horas e um quarto, não quiz tocar. Fui até a sua caixa. Aqui estão ainda os vestigios de meus passos, na neve. Bem, bôa-noite!

Elle se foi. Minha mãe e minha avó, ha muito, já não o ouviam. Precipitaram-se para a caixa.

— E' a letra de Gastão! Meu Deus!

— Minha mãe, como mais viva, foi quem rompeu o envelucro. Minha avó tremia; minha mãe leu:

"Meus queridos filhos, vou bem melhor, estou por assim dizer, curado. Conto estar ahi dentro de tres dias."

Chorou-se de novo, depois dançou-se. Nunca vivi uma noite tão alegre. Comeu-se um jantar esplendido, que minha mãe preparou cantando.

Dr. Antonio Austregesilo.

Dr. Miguel Couto.

Dr. Aloysio de Castro.

Dr. Fernando Terra.

Dr. Werneck Machado.

A affirmação valiosa de cinco eminentes professores da medicina brasileira basta para consagrar o triumpho de

o excellente preparado pharmaceutico que supprime a transpiração das axilas evitando assim que se estraguem os vestidos e fazendo desapparecer como por encanto, o mau cheiro caracteristico do suor.

Maravilhoso preparado pharmaceutico que, sem prejudicar a saúde, secca o suor das axillas, tira o seu natural máo cheiro, supprime o uso dos antigos suadores, evita que os vestidos, ternos e roupas finas se estraguem e rasguem com o suor. Ninguem mais apparece fazendo a impressão de não ser pessôa asseiada. MAGIC é economico: um vidro dura seis mezes. — Vende-se nas pharmacias e perfumarias. — Pedidos e prospectos, a Araújo Freitas & Cia. — Rua dos Ourives n. 88 — Rio. Preço 7$000, pelo correio mais 2$000.

CARIDADE FATAL

Depois de percorrer 110 kilometros no meio da neve, chegou a Nome, no Alaska, um esquimáu, que narrou, então, a aventura dramatica de um sacerdote — o padre Ruppert. Este abnegado missionario foi uma victima do seu enorme e caritativo devotamento, quando tratava de fazer chegar um pouco de alegria ao orphanato de Hot Sping, não distante do rio Peregrino, na parte norte do Canadá.

O cadaver do sacerdote foi encontrado na neve e, a tres metros do corpo sem vida, o cão guia do trenó, a guardar, carinhosamente, aquelles despojos.

No interior do trenó foram encontrados brinquedos, bombons, todas as gulozeimas com que o padre Ruppert ia alegrar a petizada do orphanato.

Suppõe-se que os outros cães do trenó, amedrontados com a presença de lobos, conseguiram desatrelar-se e debandar, emquanto o desventurado sacerdote morria de frio em meio da neve a muitos kilometros de distancia do asylo de que era elle um dos maiores arrimos.

O AEROPLANO PROJECTIL

Helice ou explosivo? E' provavel que dentro de poucos annos se realize mais uma das geniaes visões de Julio Verne: aeroplanos convertidos em projécteis para alcançar grandes velocidades e alturas phantasticas.

A ultima disputa da taça Schneider marcou mais de seiscentos kilometros por hora.

Vejamos o que diz um technico: "Para obter um apparelho capaz de alcançar velocidades que oscillem alem dos mil kilometros por hora será necessario afinar as reformas do aéreo, supprimir as resistencias passivas, applicar a construcção metalica e, por fim, ter em considerar absoluta a theoria do projectil. Acho que a helice não poderá alcançar velocidades superiores as de seiscentos, oitocentos kilometros, por hora.

O milagre das velocidades acima de mil kilometros será realizado pelos aeroplanos-foguetes ou aeroplanos-projécteis.

GALANTERIA

Quando Anatole France se casou autorizou a assistencia de um sacerdote á cerimonia. Este, depois de dar a benção aos noivos, disse umas palavras allusivas ao acto, tão lindas, porem, que Anatole France o felicitou effusivamente.

— Oh! — respondeu-lhe o padre — nada fiz para merecer felicitações. Com o intuito de agradecer sua amavel tolerancia, limitei-me, apenas, a recitar algumas paginas de sua vasta obra.

OS FUMADORES DE OPIO

O bebedor de alcool, natural ou artificial, em todas as suas fórmas e variedades, em nada parece com o fumador de opio. O alcoolatra, quando em plena embriaguez, é aquelle de quem um proverbio arabe diz que se transforma primeiro em leão e depois em porco.

O fumador de opio, pacifico e sereno, estirado no seu leito, é correcto e amavel ás primeiras cachimbadas, immovel e sonhador no fim da sua dose e em nada, realmente, se parece com o borracho sujo, idiota, do Occidente.

A excitação cerebral produzida pelo fumo determina uma hyperemotividade intellectual, de maior ou menor amplitude, segundo o maior ou menor gráu de educação e cultura que possúa o viciado.

Historia de uma origem

OBSERVANDO que, na Europa, as maiores summidades medicas recommendam uma dieta de uvas nos casos de perturbações do apparelho digestivo, falta de appetite, bilis, indigestão, prisão de ventre, dores de cabeça, nauseas e demais molestias do estomago, tivemos a feliz idéia de preparar um medicamento com saes e acidos naturaes extrahidos da uva que retivesse o seu sabor agradavel e as suas propriedades medicinaes. O resultado dessa idéia foi o já hoje famoso Sal de Uvas Picot, o laxante de maior venda no mundo, não obstante os poucos annos do seu apparecimento no mercado. Tanta popularidade deve ser bem merecida. Faça a sua experiencia. Peça ao seu pharmaceutico, um vidro de Sal de Uvas Picot, do legitimo, porque sómente o Picot é Sal de Uvas. Vende-se em todas as pharmacias de primeira ordem, em vidros de tres differentes tamanhos. Caso não o encontre no momento, faça o seu pedido ao representante do Sal de Uvas Picot no Brasil; elle terá o maior prazer em attendel-o. S. V. Mangual, rua Carlos de Carvalho, nº 59 — Rio de Janeiro. Preços: pelo correio, vidro grande 7$500, 3 vidros 20$000.

AS PESSOAS DE IDADE AVANÇADA GANHAM FORÇAS COM O OLEO DE FIGADO DE BACALHAU

O INSTINCTO DO SALMÃO — Curiosa observação, de importancia scientifica, acaba de offerecer á publicidade um celebre naturalista sueco.

Todas as especies de peixes migratorios apresentam as caracteristicas dos passaros, e, como as andorinhas, em regra geral, voltam a pôr seus ovos no mesmo logar durante annos e annos.

Estas observações foram feitas com um peixe que apresenta a particularidade de passar das aguas do mar para as doces do rio: o salmão. Este peixe todos os annos volta a pôr seus ovos no mesmo logar utilizado no anno precedente.

De accordo com as observações feitas, este phenomeno deveria ser aproveitado para o estudo da "repopulação" dos rios e, ao mesmo tempo, explicaria porque o salmão e as outras especies de peixes migratorios — são rarissimas em certos rios que têm as mesmas caracteristicas daquelles em que vivem os referidos peixes.

A MAIOR COLLECÇÃO DE MOEDAS — Está no Banco Internacional Norte Americano. Avaliada, antes da guerra, em cincoenta milhões de dollares, vale hoje dez vezes mais.

Consta de mais de cincoenta mil moedas que representam a historia do mundo. As mais antigas são de barro cosido e

serviam para as transações commerciaes da Babylonia, ha cinco mil annos.

Alem das primeiras moedas e das notas chinezas do anno 1200, a collecção contem exemplares monetarios de todos os paizes.

Figuram, tambem, na collecção objectos que servem como moeda: *tablettes* da Siberia; as cruzes de ferro dos Pahibas, na Africa; as folhas de tabaco de algumas ilhas do oceano Indico, crystaes de cores, pelles, dentes de animaes, etc.

*

UMA PLANTA QUE SE ALIMENTA DE CARNE — Nas proximidades das Guyanas, onde habitam os indios Yatapus, existe uma arvore que se nutre de carne dos animaes. Tem o aspecto de uma bananeira commum, sendo mais alta e de folhas mais largas.

Desprende-se dessa planta um perfume penetrante, que attráe os animaes. Os macacos que povôam a região procuram a arvore e nella trepam. Então, as enormes folhas cerram-se e o macaco fica preso. Passados dias, as folhas voltam a abrir-se e deixam cahir no chão um montão de ossos perfeitamente descarnados.

*

O DESCOBRIMENTO DO CANADA' — Breve fará quatro seculos que Jacques Cartier, o celebre navegante de Saint-Malo, embarcou para o Novo Mundo.

O homem que descobriu o Canadá não é apenas o primeiro branco que percorreu o São Lourenço até Montreal, porque é, tambem o primeiro *pionnier* daquella região.

A relação de suas viagens escriptas por elle mesmo em estylo ingenuo e simples, contem descripções encantadoras que teem conservado toda sua attracção através dos seculos.

Traduzida em varios idiomas, deu a conhecer ao Velho Mundo todos os enormes recursos dos paizes do Oeste.

Cartier foi tambem o primeiro historiographo dos Pelles Vermelhas do Canadá, a que serviu de verdadeiro missionario. Observador dos seus costumes, tratou de aprender a sua lingua.

O primeiro mappa do Canadá foi feito por Cartier.

A liberdade e a igualdade são relativas. Assim como não deve haver liberdade absoluta, não póde tambem existir igualdade irrestricta. A liberdade illimitada traria consequencias muito mais desastrosas do que a compressão e a injustiça apparente de certos deveres e certas leis.

*

O homem forte e livre é o que tem disciplina, é o que sabe obedecer, curvar-se ao dever e á lei.

*

O homem que se não governa não póde governar ninguem.

GOTTAS...

O homem e a mulher são differentes não apenas em sua compleição e estructura ossea, nos systemas muscular e nervoso, mas, tambem, nos seus desejos e tendencias intellectuaes e moraes. Suas possibilidades não são identicas. Não se póde exigir igualdade de direitos e deveres de creaturas tão pouco semelhantes. E', ao contrario, justo que sejam differentes — sua educação, sua cultura, sua missão, os cargos e profissões que exercerem, suas recompensas e correcções.

*

Desigualdade não é injustiça.

*

A mulher outorgando-se deveres e direitos iguaes aos do homem confunde-se com elle, perdendo-se os caracteristicos do seu sexo.

*

Da ingressão da mulher no campo do trabalho masculino resultou a transformação — ou revolução — que se vem operando na sociedade, na familia e na moral.

*

A melhor sociedade é a que possúe maior numero de individuos moralmente superiores.

*

Quando um individuo se torna melhor moralmente, melhora a sociedade, pois são os individuos moral e intellectualmente superiores que elevam a socidade.

*

O bem social e o bem universal dependem do gráo de aperfeiçoamento moral e intellectual do seu povo.

*

Afere-se do progresso de uma nação pelo gráo de aperfeiçoamento moral e intellectual do seu povo.

*

A felicidade é o amor. E' mais feliz quem mais ama.

*

Todos nós nascemos para a felicidade. E todos nós, julgando conquistál-a, creamos a nossa desgraça.

*

A saúde da alma é um reflexo da saúde do corpo. E' velho isso, mas é uma verdade que se deve repetir.

*

A felicidade depende de nós. A minha felicidade! Ah, si eu pudesse ser feliz...

*

Não, a felicidade não depende de nós. Quanta coisa influe na balança! O passado (cabedal de aptidões physicas e mentaes herdadas); a saúde, a educação do caracter, espirito e da vontade, o etc...

*

O triumpho sempre depende do valor pessoal. Não, não depende. Ha muita gente de grande valor intellectual, moral e cultural que falha na vida.

*

A emotividade, o medo e o pessimismo são as causas de muitos desastres e tragedias.

REGINA RIZZIERI

NAVIS (S. Paulo) — Caro poeta, o sr. me escreve uma carta longa e cheia de adjectivos encomiasticos, simplesmente para pedir que lhe concerte os versos. Francamente, o sr. não tem o que fazer, e suppõe que o pobre do Yves, a quem attribue paciencia e o predicado de dar conselhos, como

qualquer Accacio, tambem não faz outra coisa, senão aturar o cacetismo dos poetas d'agua doce.

Pobre de mim!

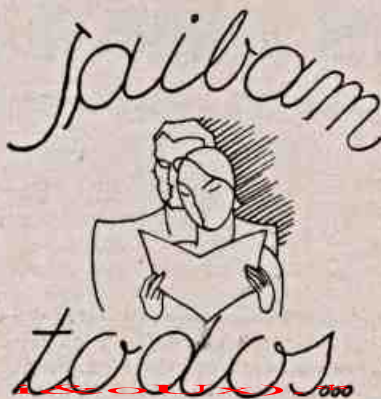
Escreve o sr., aliás num tom delicadissimo:

"Meu Caro Yves. Saudações. Foi com o mais vivo prazer que li sua resposta, á minha carta, sábado último.

Uma vez que você foi tão sincero, tão amigo, para comigo, resolvi tornar a escrever-lhe.

Envio-lhe desta feita um sonêto, ou coisa semelhante, esperando de você a mesma disposição e bôa vontade.

Renovo os meus pedidos anteriores a respeito da sua amizade. Isto é, peço-lhe que corrija o meu versinho, que critique etc.

Tudo com sinceridade, justiça, imparcialidade e autoridade; as quais são seu atributo caraterístico.

A' minha pessôa quero sua amizade.

Aos meus versos quero seu ensinamento.

Você disse que sou sucetivel de fazer uma arte mais elevada, uns versos verdadeiramente dignos dêsse nome. Portanto, alimentou mais a minha esperança, deu-lhe mais uma injeção de óleo canforado. Assim continuarei a fazer versinhos sem valor, sem arte.

E, os farei até o dia em que você diga:

—"Bem rapaz! Chega! Pare! Você não dá "prá coisa!"

Ou então:

— Meu jovem! Parabens! Você realizou uma obra de valor! Você já pode considerar-se um poeta no sentido estrito e puro da palavra.

Yves, amigo, eu creio que já não pode duvidar da minha sinceridade e franqueza.

Eu agora espero que você se permita tornar meu preceptor e conselheiro não é?

Si eu morasse aí no Rio, pode ter certeza não hesitaria um instante em procurá-lo para torná-lo meu mestre e meu amigo.

Tenho certeza, (não veja nisto qualquer vislumbre de convencimento meu, pois seria uma refinada toliee) você havia de simpatizar-se comigo e me estimaria muito.

Sabe por quê digo tal?

Porque tenho tido muitos amigos, quasi todos nortistas como você, que se distinguem dos outros pelo seu bom coração. Entre êles o meu professor de microbiologia, pernambucano de quem recebi altos ensinamentos culturais e grandes provas de amizade.

Por isso estou certo da sua amizade, do seu carinho, da sua bondade e paciência para comigo e meus malfadados versinhos.

Será que errei?

Será que este axioma latim: "Vox populis, vox Dei", não terá a confirmação da sua amizade?

E' o que espero saber na sua proxima resposta pela seção "Saibam todos" do Fon-Fon.

Sem mais abraço-lhe grato. Seu.

— *Navis.*"

Depois vem o seu soneto. "Tempestade":

Blafema e brame o mar em vargalhões!
Assim se agita e cresce ele terrivel!

Cascas de noz são as embarcações
Que morrem a lutar com o impossivel.

São como o mar, que assim brame insensivel.

As tempestades e as desilusões
Que agitam os humanos corações
Dêsses que lútam no mundo insensivel!

Mas, cessado o rumor e a tempestade,
Tudo volta ao socego, tudo acalma,
E, nas praias, do mar, tem-se a bondade.

E, só no coração, só na humana alma,
Depois duma procela, vem saudade,
Vem tristeza, vem tudo e não vem calma.

Caro poeta, eu só penso que o sr. me enviou esse seu soneto para se divertir á propria custa. Queria ler uma resposta, onde eu o mettesse a ridiculo, um ridiculo que o fizesse rir....

(Continúa na pag. seguinte)

O sr. dá a impressão daquelle cidadão muito triste e muito avaro, o qual para se divertir e não gastar dinheiro se dava o gozo de fazer caretas deante do espelho. O sr. não faz caretas, mas faz sonetos detestaveis. E' a mesma coisa.

Por que não prefere o theatro, o cinema ou mesmo o Circo Democrata?

W. B. ABREU (S. Paulo) — Como a sua carta faz uma exposição interessante, que muito se enquadra nesta pagina, resolvo dal-a na integra. La vae ella, portanto:

"Illmo. snr. Yves. Saudações. Ha de dizer (E com razão), quando jogar os olhos para esta carta sem colorido: — ah! esses poetas me não deixam viver!

Entretanto, não sou poeta, mas um vagabundo excentrico da vida que anda com a lua nos bolsos e se alimentando, não sei por que, dessa delicia amarga de fazer versos.

Qual o brasileiro que não nos escreve?

Nenhum.

Eu amo a poesia e creio ser amado por ela. Assim é que na ternura morna das tardes, quando ha um delirio de rosas pelo ambiente pintado de sol, eu pingo idéas musicais e enfeitadas de luz pelo papel.

E por esse motivo banalissimo foi que resolvi mostrar-lhe o coração nas conchas de luar de uns versos que são, para a minha volupia sentimental, como ciscos de estrelas encantadas do meu destino, pela humildade sincera de valor.

Vou pedir ao *suave* critico Bastos Portella (Perdôe-me a intimidade) me dê a douta opinião sobre eles. Haverá algum mal? Não creio que possa haver. Demais o sr. é poeta e sabe naturalmente compreender os escravos da humanamente divina arte de poetar.

Antes é bom que me abra.

Fui nisso impulsionado pelo fino escritor e meu dedicado mestre de português, sr. José Benedito Cursino, a quem devo os primeiros passos nos meandros literarios. Decerto já o conhece, pois que é elle assiduo colaborador da grande revista do "Fon-Fon".

Li mêses atrás o "Suave Enlevo" e não me posso privar da exteriorização dos meus fracos pensamentos sobre ele. Formoso livro onde ha sempre um motivo de amor a beliscar-nos a sensibilidade e uma vergontea de lagrima a florescer alguma face de marmore. Poema que tem a doçura fria das névoas e a embriaguez diabolica das folhas amarelas, rolando ligeiras e levemente no galope do vento.

Pensará que seja bajulação?

Todavia, é justiça que, longe de possuir a observancia introspectiva do analista, faço a um talento luminoso, já conhecidissimo de todos e por todos admirado.

Estou certo que me ha de receber com a afeição (Não tanto a minha pessôa, que é obscura e inepta, mas pela admiração que tenho pela citada revista e, em particular, pelo seu erudito corpo administrativo) que lhe é natural aos que sabem ser gratos e amigos.

Noutras paginas vão os versos. Si é que merecem tão atributo.

A resposta o sr. terá a gentileza de dar-me, a W. B. de Abreu, pela criteriosa seção do "Saibam Todos".

Será possivel uma publicidade no "Fon-Fon" para o melhor deles?

Não. Estou querendo muito. Já disse o proverbio: — Quando se dá o pé, quer-se a mão."

Ora, o nome que cita na sua missiva — o de Cursino — é já um motivo para que o receba com sympathia. O Cursino é nosso amigo e aqui tem um grande prestigio. Mas sabe de uma cousa? Escreva á machina. Não entendi muitas de suas palavras nos poemas que me enviou. Do resto aquella rima *engrinalde*, no singular com o sujeito composto no plural, não está bem. Concerte o seu poema. O soneto *Volta*, serve.

Yves

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2-4136

FON-FON — 16-4-932

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

AGUA DE COLONIA
Lorien
EXALA UM PERFUME ENEBRIANTE E AGRADAVEL
AGUA DE COLONIA
Lorien
Lorien
Perfumaria MODERNA — rua da Assembléa, 78 esq. Rodrigo Silva, 15
Casa Cirio, Exposição, Garrafa Grande e todas as bôas casas do ramo. — Juiz de Fóra: Drogaria Americana, e Colombo, Castro Lessa — Litro 25$ — 1/2 14$ — 1/4 8$ — 1/8 4$500.

MÁ CONSELHEIRA

DE FANFRELUCHE

Personagens: *Elvira*, *Lola* e *André*.

ELVIRA. — Vão me permittir que não tire o chapéo... Como me disseram que a visita vae ser curta e eu tenho que ir esta tarde ao dentista...

LOLA. — Si vamos nos demorar apenas dez minutos... Não é verdade, André?... Temos ainda seis visitas a fazer antes das oito horas...

ELVIRA. — Que horror!... E em todas terão vocês que dizer o mesmo, hein?

ANDRÉ. — Quá! quá! quá!... E' verdade... Visita de recem casados...

LOLA. — Ah, Elvirinha! Não pódes imaginar! Ha pessôas tão indiscretas... Perguntam cada coisa!... E olham-me como si eu fosse um bicho raro...

ELVIRA. — E o és.

ANDRÉ. — Como?!

ELVIRA. — Não se espante, André... Como se conhece que você vem de lá, de muito longe!... Agora está na moda que as recem-casadas não saiam com seus maridos.

LOLA. — Jesus!... Eu não saberia andar só por essas ruas.

ELVIRA. — Por isso te olham. Todos adivinham que vaes com teu esposo. És o phenomeno do dia!...

ANDRÉ. — Pois não ha nada mais natural... Porventura não sinto prazer em acompanhar minha mulher?...

ELVIRA (*ironica*). — Vocês estão *demodés*... Vou dar-lhes algumas lições.

LOLA (*ironica*). — Mas, por muitas que me désses, eu não me separaria de André.

ANDRÉ (*firmemente*). — Nem eu della! Que se usa ao ir cada um para seu lado?... Pois eu não tenho o menor desejo de seguir a moda, e peço-lhe que me perdôe minha franqueza... Além disso, tudo isso sempre me pareceu... Emfim, prefiro não falar.

ELVIRA. — Mas eu não posso permittir que se riam de Lola e de você.

ANDRÉ. — Riam-se o quanto queiram... Digo-lhe aquillo que todo o mundo conhece: rirá bem quem rir por ultimo.

ELVIRA. — De maneira que vocês estão dispostos a continuar passeando assim agarradinhos e offerecendo um espectaculo gratis?...

ANDRÉ. — Sim, senhora... E quem não nos quizer vêr que feche os olhos ou vá por outra rua. Os costumes mudaram?... Pois eu continúo vivendo e *sentindo* como meio seculo atraz.

LOLA. — Depois, filha, não fazemos nada de máo...

ELVIRA. — Naturalmente... Mas não dão vocês a nota chic, distincta... E a sociedade não perdôa essas coisas mais tarde. Toda a vida vocês terão, acompanhando-os, esse ridiculo... A esposa apaixonada, o marido attento e carinhoso... Si agora os que se casam ficam mais separados do que nunca... O casamento não é uma união: é a maneira de conseguir liberdade a mulher e... dinheiro o marido. Uma vez realizadas as cerimonias, adeus!... Tu por aqui, eu por lá, encontrar-se de vez em quando para que as más linguas não murmurem, viver sob o mesmo tecto, mas separados...

LOLA. — Ah! Isso é que não! Tinhas coragem de separar-te de mim, querido?...

ANDRÉ. — Que esperança! Seus conselhos, amiga Elvira, podem estar muito bem inspirados, mas não desejamos seguil-os, porque somos jovens e nos queremos até a morte.

ELVIRA. — Santo Deus!... Vocês são incuraveis... E eu que imaginava um allivio immediato!... De maneira que não querem dar importancia a meus conselhos?... São assim tão detestaveis?... Tão absurdos?...

ANDRÉ. — Vá dál-os a outros: aos que se casam por interesse, ou por indifferença. Sinto não aproveitar seus ensinamentos, baseados, sem duvida, na experiencia, mas....

ELVIRA (*vivamente*). — Oh!... Faça de conta que não disse nada. Eu queria evitar-lhes um vexame, uma troça...

ANDRÉ. — Bemvinda seja! Ninguem nos tirará a delicia e illusão destes primeiros momentos. (*Levantando-se*). — Mas estamos servindo de estorvo.

LOLA. — E' verdade, Elvirinha; tu tinhas que sahir... (*Beija-a affectuosamente*). Adeus, querida... Lembranças a Rodolpho...

ANDRÉ (*pilheriando*). — Si você conseguir vêl-o antes de terminar o anno.... Não se aborreça comigo, senhora.... Eu sou pic-jeu... (*Sáe com Lola*).

ELVIRA (*com raivosa tristeza*). — E pensar que, apesar de tudo quanto disse... tenho inveja delles!...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136

Director: 2-0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 31, 31, Ludgate Hill, Londres

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500

UM DIA BEM APROVEITADO

ENCOLHIDA no fundo de seu carro, a senhora Corvette meditava. Naquella manhã, seu marido entrára em seu quarto com as cartas recem-recebidas nas mãos. As folhas de papel tremiam.

— Martha! Estamos arruinados! Completamente. Toda uma série de negocios com má sorte, compromissos, firmas... Amanhã, estás ouvindo?, amanhã, vencimentos terriveis... Só nos restam algumas notas, o necessario para sahirmos daqui quanto antes. Estás disposta a acompanhar-me?

De certo que ella o acompanharia. Martha comprehendia que vinte annos de luxo feminino a tornavam cumplice dessa ruina... Mas como seu marido se descuidára até o extremo de ter que fugir? Desde que elle a tinha tirado do negocio paterno — objectos de arte e tapeçarias antigas — nunca lhe recusára as sommas que ella lhe pedia. E sabe Deus que... Mas nunca, por sua vez, ella se preoccupára com a natureza e o estado de seus recursos. "Meu marido ganha na Bolsa o que quer" — dizia ella, modestamente, a suas amigas. E essa phrase bastára, durante vinte annos, para a sua necessidade de quietude.

Arruinados!... Ella acceitava a situação com um suspiro e um sorriso. Ora! Corvette era homem capaz de refazer sua fortuna em algum paiz novo. Depois voltariam a Paris, comprariam uma casa, e seria um agradavel divertimento installál-a de novo...

Ai! Seria preciso privar-se, durante annos talvez, desse prazer das compras numerosas a que daria motivo o regresso? Era tão agradavel essa animação das grandes compras, essa solicitude dos vendedores, essa demorada escolha junto aos balcões, esse remorso breve e delicioso de ceder a algum capricho...

E, de repente, uma idéa engenhosa e pérfida germinou naquella cabecinha frivola. Empregar o ultimo dia, antes da fuga, em percorrer as casas commerciaes, em accumular encommendas, sem limites, sem freio... Assim gozaria esse duplo prazer de conhecer, mais uma vez, suas caras deliciosas e troçar de todos esses cubiçosos mercadores que, no dia seguinte, ao levar as mercadorias e as contas, encontrariam a porta fechada.

* * *

— João: vamos á Casa Gramadoc.

E o suave vehiculo conduziu-a á tapeçaria da casa Corvette. Gramadoc, servil, se precipitou ao encontro de sua rica freguesa. Possuia o typo do antiquário: pello, fronte estreita, coberta de pello que parecia querer invadir o resto da cara, sêcca, sumida, terminada em angulo muito agudo.

A senhora Corvette, com o espirito leve, achou pela primeira vez ridicula aquella cara de hospital. De ordinario, se apoderava della uma especie de perturbação e de respeito, quando penetrava no templo dos cortinados e do bibelot.

Sentou-se e começou a deixar-se tentar. Gramadoc inclinava-se a seu lado, aproximando-lhe a fronte grotesca. Sob seus dedos sujos as fazendas se animavam, se irisavam, sussurravam, adquiriam relevo.

— A senhora devia fazer renovar a tapeçaria do salãozinho. Eu tenho aqui uma occasião unica.

E as occasiões nasciam sob os dedos desbotados de Gramadoc: um jarrão sem igual, um armario antigo descoberto por uma casualidade, e uma deliciosa mesinha

De Michel Corday

de tres pés, encurvados, que parecia feita para aquella estatueta de prata.

A senhora Corvette escutava, fazendo com a cabeça leves gestos de assentimento. Acceitou o jarrão, o armario, a estatueta... Experimentava um prazer cada vez mais vivo deante de cada novo objecto que Gramadoc lhe impunha.

Novamente no carro, a senhora Corvette pensou maliciosamente na frente de Gramadoc quando lhe devolvessem, no dia seguinte, todos os objectos tão habilmente vendidos.

— João, vamos á Casa Archimbault!

E ella passou momentos de prazer ansioso e ardente nas mãos do celebre costureiro. Quando sahiu, com as faces vermelhas, a pelle humida, vivamente loquaz, havia encommendado vestidos para um anno, comprehendendo as viagens. Archimbault julgou adivinhar um desses dias bemditos em que a freguesa não tem forças contra a tentação, em que toda a sua vida se condensa no prazer de comprar.

E a senhora Corvette, ao descer a escada, pensou nos bellos vestidos cuja fazenda havia acariciado com os olhos e com os dedos, e que nunca levaria...

— João, para a Casa de Madame Tallieu!

Oh, a delicia de apreciar e tocar nos chapéos, experimentar um e contemplar-se longa e gravemente no jogo de espelhos, de perfil, de meio perfil, de frente!

A senhora Corvette encommendou tantos chapéos quantos vestidos. E de novo suspirou ao pensar que nunca os usaria. Mas immediatamente sorriu imaginando a cara da elephantina madame Tallieu, quando lhe fossem devolvidos os chapéos.

— João, agora á Joalheria Beauvais!

E o prazer se aguça, se torna quasi um espasmo, na joalheria da moda, onde a senhora Corvette acaricia as pedras finas expostas para ella no velludo da elegante mesa. Decide-se por um collar de cinco filas de perolas, uma riviére deslumbradora, alguns aneis e broches. Dá seu nome. O vendedor inclina-se. Terá tudo, em sua casa, no dia seguinte.

Na rua, ella se detém, perturbada. Sabe muito bem que nunca usará aquellas joias. Mas não importa: comprar é uma delicia.

Dispõe ainda de algumas horas. Entrega-se a seu capricho. Visita e aluga um palacete na rua do Eliseu, seu sonho. Encommenda dois carros novos. Mistura-se á multidão que percorre as grandes casas commerciaes pelo prazer de ser attendida por duzias de empregados e comprar tudo o que seus olhos vejam. Isso dá certa sensação de democracia, depois de ter passado pelas casas Archimbault, Gramadoc e Beauvais.

E em toda parte se inclinam deante della, e em toda parte lhe promettem enviar-lhe suas encommendas no dia seguinte.

No carro que a reconduz a sua casa, a senhora Corvette se sente vencida por uma fadiga deliciosa. Espreguiça-se como uma gata. Ah, um dia bem aproveitado, apesar da perspectiva de ter que tomar o trem á meia noite! Em poucas horas, acaba de gastar mais que num anno prospero: todos esses negociantes interesseiros serão, por sua vez, roubados um pouco...

Entra em sua casa. Seu marido precipita-se a seu encontro e a abraça, dizendo:

— Querida!... Querida!... Já não partiremos. Encontrei alguma coisa... Não muito, mas o sufficiente para vivermos e tentar sorte. Vamos ficar, minha Marthinha, vamos ficar!...

E Martha pensa no desfile de entregadores, no dia seguinte...

A DECISÃO

De Beatrice Blakmar

— Richard bem podia me ter trazido esse dinheiro e evitar-me o incommodo! — pensou Janet, exasperada pelo calor e a pressa, ao ver, no majestoso relogio do banco, que só faltavam dois minutos para que o estabelecimento fechasse.

A poeira, que parecia ser caracteristica da velha esquina, lhe bateu nos olhos e Janet baixou a vista, detendo-a com complacencia em seus elegantes sapatinhos marrons, sentindo-se feliz ao pensar que os dias de sapatos ordinarios e gastos haviam passado.

Richard sabia quanto ella odiava aquelle banco. Este ficava situado em bairro horrivel, muito incommodo para ella desde que se haviam mudado para o bairro de familias, e rodeado de casas de compra e venda. Mas, naturalmente, elle não se negaria em trazer-lhe o dinheiro. Estava muito furioso.

— Mas Richard — implorára ella, mais uma vez, á hora do café matinal: — si Mary Lee tem tanto interesse em minha companhia para pagar-me a estadia em Paris...

— Não permittirei que minha esposa passeie á custa de suas amigas ricas!

— Muito bem. Mas, neste caso, tirarei o dinheiro da caixa de economias.

— Ha ali 3.000 dollars, dos quaes 2.500 se destinam a Jenkins, pelo pagamento da hypotheca.

— Sempre ha algum inconveniente. Jenkins póde esperar.

— Sim — respondeu elle, friamente.

— Bem, já que tu nunca te preoccupas que eu me divirta, por menos que seja, sou obrigada a fazêl-o por mim mesma.

— Si essa é tua opinião, faze o que entenderes.

Richard havia retirado a chicara de café e sahira de casa sem dizer mais nada.

O dinheiro era um motivo de conversação odioso para ambos. Com o seguro de vida, vestidos, as contas de medico dos meninos, e as quotas de pagamento da casa de campo, parecia que qualquer trecho de palestra os levava á mesma palavra: dinheiro. E assim, insensivelmente, haviam deixado de conversar. A's vezes, durante longos dias, não trocavam sinão palavras sêccas e indifferentes. Uma impalpavel muralha de palavras vazias se levantava entre elles. E si elle não procurasse demovêl-a, por que o faria ella?

Escrevêra os cheques. Retiraria oitocentos dollars da caixa de economias, ficando com quatrocentos em notas e depositando quatrocentos a sua ordem. E, ao escrever as sommas, Janet não poude deixar de comprehender, com uma confusa sensação de culpabilidade, que seria insufficiente. Mary Lee deveria pagar muitas coisas insignificantes: gorgêtas, taxis, almoços.

Com um gesto de impaciencia, Janet se collocou atraz da fila de pessôas que esperava no *guichet* do banco. Distrahidamente, abriu a caderneta de economias. Era velha e estava quasi totalmente occupada. Só faltava uma linha para completál-a. Começou a folheál-a. Era a mesma com que haviam aberto a primeira caixa de economias juntos, seis annos atraz, depois do casamento.

O primeiro deposito de 500 dollars; depois 90, na semana seguinte noventa... E seguia uma longa fila de cifras identicas collocadas regularmente a uma semana de intervallo. Através da distancia de seis annos Janet recordou curiosamente, como si se tratasse da vida de outra pessôa.

Era possivel que, naquella epoca, 90 dollars representassem as entradas de toda uma semana? Pareceu-lhe ver Richard com sua cara delgada, um pouco preoccupado, muito feliz, detendo-se no banco todas as quartas-feiras para depositar seu cheque: 90 dollars!

E, depois, o regresso de Richard para casa. Ella ia, ás vezes, buscál-o, e um sorriso illuminava o rosto delle quando a via. Richard voltava directamente para casa, naquelle tempo. Não se detinha no escriptorio, nem ia ao club. Não pertencia a nenhum club. Seu ordenado não lhe permittia aquelle luxo. Só possuiam, então, seu mutuo amor.

Janet deu uns passos, machinalmente, adeantando-se para o *guichet*.

Entre a columna de depositos de 90 dollars, uma de 150 lhe chamou a attenção. Naturalmente! Ainda se lembrava daquella gratificação! Richard voltára para casa feliz e contente, naquella occasião, e por um momento pensaram em festejál-a com um pequeno programma varias vezes organizado. Mas um lápis prosaico e realistico lhes havia demonstrado que aquella gratificação devia ir parar nas fauces vorazes do aluguel.

Casaram-se sem ter nada, nem lençóes, nem talheres de prata, nem duzias de nada. Quatro formosos camisões de sêda, feitos a mão, e que ella levava pessoalmente para que durassem, um conto de réis e a benção de seus paes — era tudo quanto possuiam.

O primeiro Natal fôra um pouco triste. Richard conseguiu um augmento de ordenado naquella época: 110 dollars. Mas nem assim podiam pensar em realizar a festa... O chapéo de Richard estava no estado mais deploravel. Precisava de camisas.

Abril, 25. 380 dollars? Um jogado? Abril? Ah, sim! Ella havia tido grippe e tardava em se restabelecer. O medico havia recommendado dez dias á beira mar. Perfeitamente ridiculo. Richard estava preoccupado, nervoso, irritado. Até que um dia chegou radiante de felicidade e lhe annunciou que podia ir, pois ganhára 380 dollars em uma especulação na Bolsa.

Aquelle verão havia sido torrido na cidade. No outomno Richard tinha conseguido aquelle logar na agencia de publicidade. Os depositos subiram a 180 dollars semanaes. E, animados por aquella riqueza, haviam resolvido a chegada de um bebé. O dinheiro augmentára rapidamente e desapparecera com a mesma facilidade, e quanto mais se ganhava e mais se gastava, mais longe parecia levar Richard, separando-o della. Onde estava elle, agora?

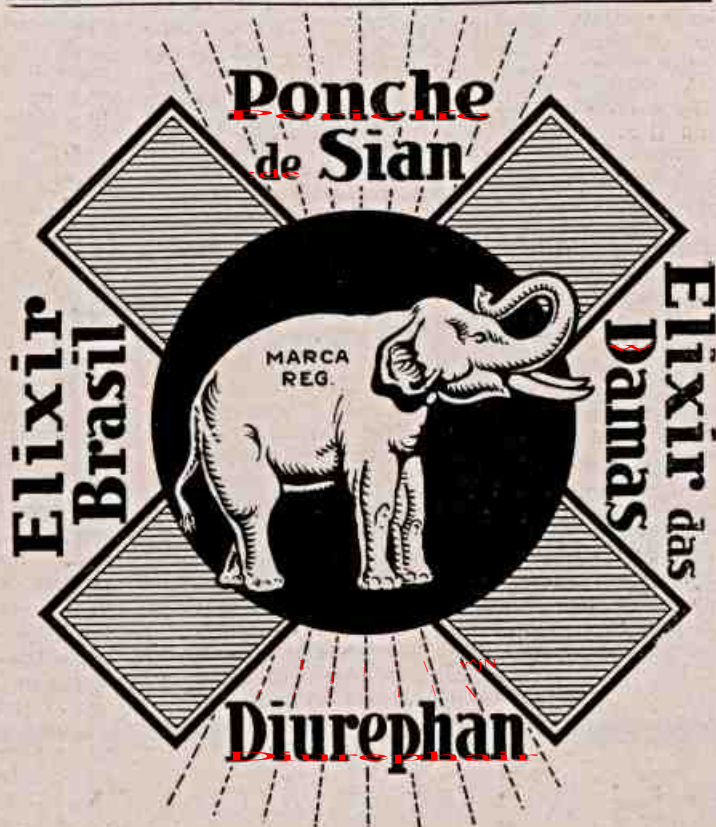
Janet sahiu da fila de gente que esperava e rasgou os cheques. Tranquilla, cuidadosamente, escreveu outro: 30 dollars. Depois de o receber, se dirigiu ao telephone.

— Alô! Alô! Richard? Escuta, querido, tenho muita vontade de fazer alguma coisa esta noite.

Tinha o coração opprimido, e estava tremendo de médo que Richard estivesse ainda aborrecido e não comprehendesse...

— Eu queria jantar comtigo, nós dois sozinhos, num restaurante elegante, esta noite, e depois dar um longo passeio de automovel, como costumavamos planejar... Não irei mais á Europa... Volta cêdo. O mais cêdo que puderes.

Janet deixou o telephone e sahiu com passo vacillante e os olhos humidos. Seria como haviam sonhado frequentemente, noutros tempos. Durante toda a viagem, elle lhe acariciaria a mão e, ao chegar ao parque, a beijaria...

O SYMBOLO DA SAUDE

Estes quatro conhecidos preparados representam quatro excellentes contribuições da moderna therapeutica em bem da saude da humanidade

O PONCHE DE SIAN é um delicioso ponche, de effeito rapido e definitivo, nas tosses, bronchites, asthma e, em geral, em todas as affecções dos bronchios.

O ELIXIR DAS DAMAS é o grande regulador das crises mensaes das Senhoras, combatendo efficazmente as colicas, enxaquecas, perturbações nervosas e proporcionando ás senhoras um completo bem estar nessas occasiões.

O ELIXIR BRASIL excellente depurativo do sangue, agindo com grande efficacia em todas as doenças provenientes do sangue impuro e carregado de toxinas.

O DIUREPHAN é o maior dissolvente do acido-urico, de acção immediata em todas as fórmas de rheumatismo, arthritismo, inflamações da bexiga e dos rins, urinas turvas, colicas de figado, sciatica, darthros, eczemas, frieiras, etc.

UNICOS DISTRIBUIDORES

MARTINS LIBERATO & C.ia

Caixa Postal 2147 — RIO DE JANEIRO

O ERRO

A' mesma hora da noite em que Henry Gale, socio principal da firma Gale & Windram, negociante em brilhantes, se occupava, provavelmente, em ultimar os preparativos para sua viagem annual a Boston, Jack Daboll dava a Bill Stang as instrucções a respeito do assumpto.

— Foste escolhido para esse trabalho — disse lentamente e com um brilho desdenhoso nos olhos — porque tua apparencia se presta para o personagem que deves representar. Experimenta isto.

E entregou-lhe um gorro velho, em cuja viseira estava escripta, com letras pouco nitidas, a palavra *mensageiro*.

— E' um pouco grande — continuou, — mas servirá. Agora escuta-me com attenção. Comprarás uma passagem para Boston, no trem desta tarde, e me esperarás perto da porta de entrada até que eu chegue. O homem atraz do qual eu parar será o typo. Elle tem um compartimento nesse trem: o "A", no carro 187. Não esqueças isto. Além do mais.

Apesar do ciume que em Bill produzia a autoridade de Jack, não poude evitar que seu olhar demonstrasse a admiração que lhe produziu o mysterioso poder daquelle homem para descobrir os planos secretos de suas suppostas victimas.

Daboll, porém, sorriu, e disse:

— Essa é a parte mais facil. — Interceptei o mensageiro que foi tomar a sua passagem. Agora escuta.

E Bill escutou, com o olhar perdido nos bellos moveis do luxuoso *living-room* onde conversavam. Incommodavam-no os ares de superioridade de Daboll, seu refinamento, que demandava o luxo que o cercava, a tranquillidade com que se apropriava da melhor parte da presa. Emquanto seu cerebro registava, com a fidelidade de uma chapa photographica as ordens que Daboll lhe transmittia, invejava a segurança deste e desejava a parte do producto que Jack guardava dos trabalhos em que elle não corria nenhum perigo pessoal. Reconhecia que Daboll era intelligente e que não era facil enganál-o. Bill sabia disso por experiencia propria, pois o havia experimentado sem exito. E esse fracasso só fizéra ajuntar mais um graveto á culta fogueira de sua revolta.

Daboll chegou ao termo de suas explicações.

— Está tudo claro? — perguntou. — Comprehendeste bem?

Rancorosamente, Bill confirmou com uma inclinação de cabeça.

— Então volto aqui? — disse, em voz alta, emquanto comsigo mesmo dizia: "E vou dar-te todo o dinheiro, depois de ter corrido todos os riscos!"

— Perfeitamente. Toma um omnibus, pois os trens serão, provavelmente, vigiados. Eu ficarei esperando aqui. E não esqueças que, si fracassares em teu trabalho, terás que explicar o motivo.

— Não fracassarei. Não se preoccupe.

— Muito bem. O caso fica em tuas mãos.

Perdido entre a multidão que esperava se abrisse a porta do trem de Boston, Bill viu Jack Daboll. Aproximando-se entre passageiros e carregadores, o viu collocar-se atraz de um typo pequeno e insignificante. Jack se manteve alli até que seu olhar encontrou o de Bill. Depois se retirou, para esperar tranquillamente o dinheiro, emquanto algum outro trabalhava duramente para conseguil-o.

Bill observava furtivamente sua presa. Fazia bastante calor e Henry Gale, que transpirava muito devido á pressa, puxou um lenço de seu bolso e, levantando seu chapéo cinzento, enxugou cuidadosamente a fronte, tornando depois a col-

De Frederick Skerry

local-o na cabeça com o cabello côr de milho partido ao meio.

"Quem poderia imaginar — pensou Bill — que este typo insignificante e calmo era portador de duzentos mil dollars?"

Era pouco provavel que ninguem o suspeitasse.

As reflexões de Bill foram interrompidas pela abertura da porta de accesso ao trem, e poucos segundos depois, confundido entre a multidão, mas sem perder de vista Gale, caminhava ao longo da plataforma.

Entretanto, no carro 187, viu que o compartimento de Gale ficava na parte deanteira do vagão, e seu proprio camarote se encontrava dois carros mais adeante. Sentando-se em frente á janella, resolveu esperar tranquillamente.

Duas horas mais tarde, emquanto o carro diminuia sua marcha ao entrar na estação de New-Haven, se poz de pé e, com todos os sentidos alerta, se dirigiu para o vagão 187.

Parado na porta do carro vizinho ao de Gale, viu o porteiro abrir a portinhola e descer acompanhado de dois passageiros. Rapidamente, passou ao vagão 187, e, tirando o gorro o substituiu pelo de mensageiro que tinha no bolso, collocando um par de occulos de aros de tartaruga. Em pé deante da porta do camarote de Gale, com um enveloppe na mão esquerda e uma manopla na direita, esperou.

— Telegramma para o senhor Gale — gritou, batendo na porta.

Quasi immediatamente a porta se abriu, e Bill foi enfrentado por um homem calvo em mangas de camisa. Bil, confuso, o olhou vacillante, mas se tranquillizou quando o homem extendeu a mão, silenciosamente, para receber o telegramma.

Entretanto, no camarote, Bill lhe extendeu o despacho, fechando ao mesmo tempo a porta com o pé. Emquanto Gale rasgava o enveloppepe, o braço direito de Bill lhe applicou, bruscamente, um golpe rápido e brutal com a manopla. Gale tombou com um gemido surdo. Recolhendo o enveloppe rasgado e o telegramma em branco, os metteu no bolso e voltou sua attenção para o traje de Gale. Em um grande bolso interno encontrou o que procurava: uma carteira de couro, que occultou rapidamente entre o jornal que lia a victima quando seu chamado a interrompeu. No passadiço, felizmente vazio, trocou de gorro, tirou os occulos e passou a outro carro para descer do trem, deixando atraz de si outro crime, perfeitamente planejado e executado para desorientar a policia.

De regresso a Nova-York, em um omnibus, se sentia enthusiasmado. Jack Daboll esquecêra um detalhe que poderia ser fatal. Mas elle, Bill Stang, o levára a cabo, com perfeição. Sua mão fechada como uma garra sobre sua victima se crispou ainda mais sobre a carteira de couro. Por que não?

Sim. Por que não guardar aquelles diamantes? A verdade é que Daboll não era homem para se deixar enganar facilmente, e, provavelmente, naquella mesma noite saberia alguma vez *toda* a verdade? Bill achava que não.

Por uma vez, sua tarda intelligencia não falhára. Por uma vez, emquanto se balançava naquelle omnibus, de volta, tivéra uma idéa, uma inspiração. Procuraria pôl-a em execução. Estava seguro de que triumpharia..., desde que a coragem não o abandonasse...

Quando, afinal, o omnibus chegou a Nova York, Bill se dirigiu descaradamente ao apartamento de Jack.

— E então?...

Daboll o recebeu cordialmente em attitude de espectativa. Mas,

(Continúa na pag. seguinte)

ao ver a expressão decahida de Bill, toda a sua cordialidade se dissipou de repente.

— Fracassaste! — accusou-o asperamente. — E's um inutil...

— Não! — respondeu Bill.

Atirou o gorro de mensageiro sobre a mesa. Sentia-se contente de ter a opportunidade de humilhar Jack.

— Não fui eu quem fracassou — proseguiu. — Escuta! O typo do compartimento "A" era calvo e o que tu me indicaste...

Mas a expressão sombria do rosto de Bill e suas eloquentes blasphemias interromperam suas manifestações. Jack voltou-se para a janella. Idiota! Não ter dito a Bill que Gale usava peruca! E

O ERRO

(Conclusão)

não podia permittir que seu subordinado viesse a descobrir seu erro.

— Que desastre! — contemporizou. — O homem deve ter mudado de compartimento, por qualquer motivo. Foi uma pena. Emfim, esquece o caso, Bill.

— Muito bem, Jack — respondeu Bill.

Depois, accendendo um cigarro, com ar indifferente, continuou:

— Sabes quem eu vi no trem? O trahidor Slim Dugan.

— Esse canalha! — grunhiu Dabolt.

De repente, suas pállidas feições tomaram uma expressão de espanto.

— Idiota! — gritou. — Não sabes, acaso, o que isso significa?

— Que significa? — perguntou Bill.

— Simplesmente, que Dugan tambem andava atraz da presa, grandissimo idiota. E provavelmente se sahiu bem. Tu és um...

— Mas, Jack... — começou Bill, com accento lastimoso.

— Sáe daqui! — gritou Dabolt, com o rosto desfigurado pelo furor. — Sáe daqui, e nunca mais me appareças!

E Bill Strang obedeceu ás ordens rapida e estrictamente.

O CONHECIDO

De Pierre Veber

Outro dia um homem me interceptou o passo e me disse:

— Como vae?...

— Conheço essa cara pensei. — Mas onde diabo vi este homem?

E respondi, com um energico aperto de mão:

— Bem, obrigado. E você?

— Sempre no mesmo...

Eu continuava procurando ver si adivinhava de onde conhecia aquelle homem... Faria um anno? Seis meses?... Sem duvida, cultivei sua amizade durante algum tempo. Depois, interrompemos nossas relações... Por que?... Não me lembro...

Si o soubesse, recordaria quem é... Si eu adivinhasse seu nome...

— E seu negocio de assucar? — perguntou-me. — A ultima vez que o vi, estava você muito preoccupado.

Como? Então elle sabia que negocio em assucar? Nesse caso, nos conhecemos mais do que eu o suppunha.

Elle me conhecia. Mas eu não tinha a menor idéa de quem poderia ser.

Vi-me obrigado a responder:

— Sim. Mas já está tudo arranjado. Agora dirijo o negocio.

— Já o soube. Germano mo disse. E sei, tambem, que Albertinho vae muito adeantado.

De maneira que meu incognito amigo tem relações com meu socio Germano e conhece meu filho Albertinho? Positivamente, aquelle homem estava bem ao corrente de meus negocios! Mas, quem era?

Eu ia lho perguntar, quando elle me interrompeu:

— A proposito, eu lhe peço me desculpe não ter respondido a seu amavel convite: aquelle que você me mandou ha seis meses. Eu estava no campo. Senti deveras não ter ido. Mas soube que o baile foi sumptuoso.

— Sim, sumptuoso! — confirmei.

Como iria perguntar o nome de um homem que figura na lista de meus convidados?...

Bem, procuraria saber seu endereço.

— E... você continúa sempre na mesma casa?...

— Não. Mudei-me. Não podia ficar ali toda a vida. Você bem póde imaginar.

Ah! Mudára-se. Pedir-lhe-ia seu cartão.

Assim ficaria sabendo onde elle morava.

— E mudou-se para onde?

— Não tenho cartões aqui. Mas tome nota: Passagem do Obelisco.

Fracassada minha combinação, tentei outra.

— Por que você não vae almoçar commigo, no domingo?

— Acceitaria com muito prazer... Mas não posso deixar sozinha minha mulher.

— Leve-a com você.

Meu Deus! Que fiz eu? Será apresentavel essa senhora?

— Você é muito amavel. Mas não, não póde ser.

Prompto! Aquelle homem não era casado.

E tornei a pensar nos conhecidos que não via desde muito tempo. Jacyntho... Germiro... Calandrini... Nenhum delles poderia ser aquelle homem.

— Bem — disse elle. — Vou no domingo, sem falta.

— E como vão seus negocios? — pergunto-lhe.

— Regularmente. Ando muito desanimado desde que succedeu aquillo.

Olhei-o fixamente. Que seria aquillo?

— Você bem deve comprehender, meu amigo. Ha coisas que se não pódem occultar. Todos nós temos o nosso mão quarto de hora.

Diabo! Que teria succedido áquelle homem? E, adoptando um ar de resignação, murmurei:

— Ora! Essas coisas não têm importancia.

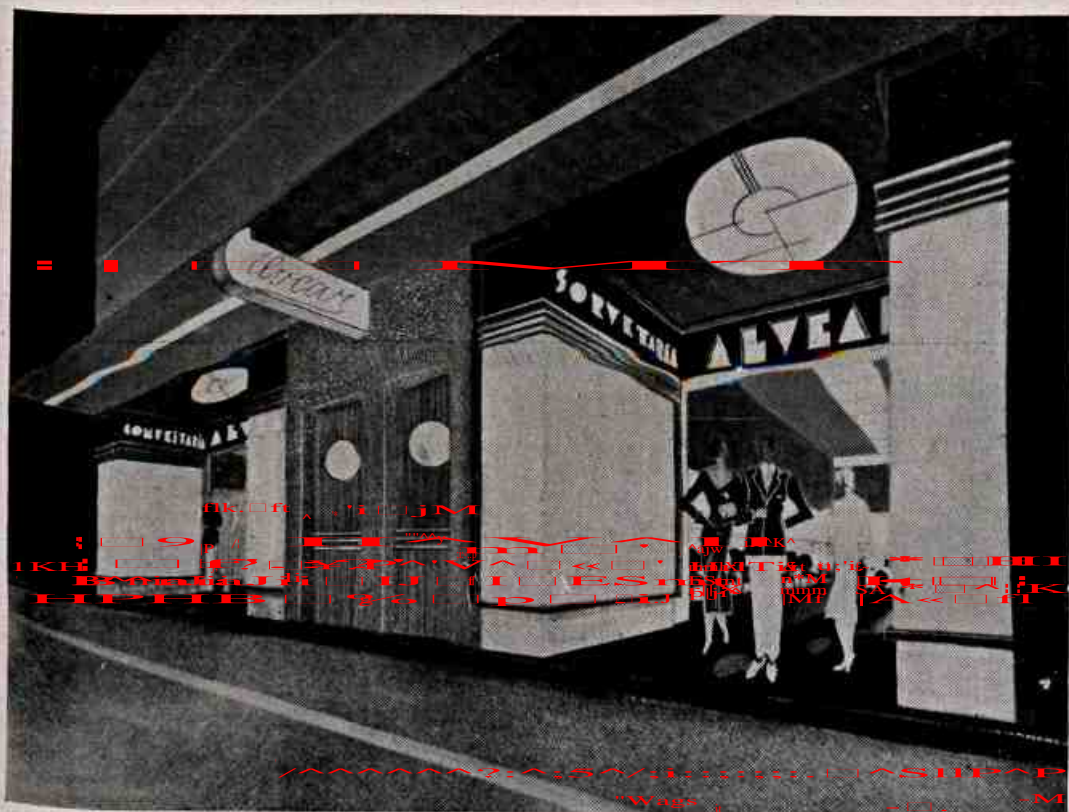
— Isso lhe parece. Ainda que fossem apenas tres meses de prisão... Mas o peor é o motivo: abuso de confiança.

Eu não contava com esta! Mas quem poderia ser aquelle sujeito?

Ia perguntar-lho bruscamente, quando, de repente, elle se afastou, depois de estreitar-me fortemente a mão.

— Até domingo! — gritou-me.

E ahi está como eu vi sentar-se á minha mesa um homem que não tem estado civil, nem profissão, nem historia. A unica coisa que sei a seu respeito é que esteve na cadeia e que tem vida suspeita.

Mas, quem será?...

O NOVO E LUXUOSO

ALVEAR

EM COPACABANA

RECEBE AS SUAS INSTALLAÇÕES DE

LAUBISCH — HIRTH

GRANDE FABRICA DE MOVEIS E DECORAÇÃO GERAL DE INTERIORES ARTISTICOS

RIO DE JANEIRO — RUA RIACHUELO — 81/87
RUA OUVIDOR — 86

BAHIA — LADEIRA DE SÃO BENTO — 7

RECIFE — RUA DO HOSPICIO — 51

UMA VIDA TRANQUILLA

A 11 de novembro de 1918, o dia do armisticio da grande guerra, Petronila Robinson entrou no aposento de sua mamã e perguntou-lhe:

— Mamãe, haveria inconveniente em que eu cortasse os cabellos?

A senhora Robinson elevou seus robustos braços para o céo, e exclamou, horrorizada, chamando o marido, que, nesse momento, se barbeava no quarto de banho vizinho á alcova:

— Crusoé! (Era o carinhoso appelido que ella dava ao senhor Robinson). — Crusoé! ouviste tua filha? Quer cortar os cabellos!

Crusoé appareceu no humbral, sua majestade paterna bastante compromettida pelo pyjama enrugado e pelas volutas de sabão que lhe circumdavam o plácido rosto.

— Cortar os cabellos? Em honra de que, pequena mumia?

— Para festejar a victoria — gemeu a tranquda Petronila. — Agora, que conquistámos a victoria, não quero ser uma excepção. Desejo ter o mesmo aspecto das outras meninas

— Aqui está a infancia imprudente e caprichosa! — dramatizou a senhora Robinson, pondo os braços em posição de jarras. — Não comprehende nada. Ignora o que é raro. Escuta-me, Petronila, e não chores. Do contrario, com a victoria ou sem ella, te largo um bofetão. Escuta-me: tu tens uns cabellos magnificos!

— Cabellos da ante-guerra! — retrucou a precoce Petronila, quasi uma precursora do vanguardismo.

— Cabellos de deusa, pequena! Ainda mais: cabellos que, de agora em deante, symbolizarão as virtudes femininas de outr'ora.

— Bem dito! — apoiou, sentencioso, o senhor Robinson, aliás, Crusoé.

Petronila, entretanto, pareceu insensivel á sizuda observação da senhora sua mãe, que proseguiu:

— Não é pelo prazer de contrariar-te, pequena estupida, que te nego o que me pedes. Minha experiencia materna vae mais longe que tua inquietação infantil. Aliás, aos onze annos não tens a obrigação de enxergar além de teu nariz. Mas eu vejo, filhinha. Vejo crescer uma geração de mulheres de cabellos curtos, e não dou dois centavos por sua felicidade. Os cabellos compridos são um trambôlho, mas ha trambôlhos úteis, acredita-me. Uma mulher não deve ficar muito cêdo penteada, muito cêdo espartilhada, muito cêdo calçada. Eu sei por que o digo... Ha graças faceis, que não implicam em nenhum esforço. Essa geração, Petronila, vae a caminho do cháos. Emquanto que tu, ingenua, representarás a serenidade, a calma, a dignidade. Tu serás uma feliz mulher de tua casa, porque só agradarás a quem procure as virtudes da familia. Adivinho já teu futuro. Emquanto tuas collegas de escola correrão o risco de casamentos imprudentes, de lares desfeitos, de divorcios escandalosos..., tu levarás uma existencia repousada na paz de um lar confortavel... E, agora, deixa-me tranquilla. Si não, saberás mais uma vez quem sou eu.

— Muito bem dito! — falou novamente Crusoé.

Petronila retirou-se da alcova dedicando, mentalmente, á senhora sua mãe, varios epitetos provavelmente indignos do dia do Armisticio.

De Germaine Beaumont

Estava ainda pesarosa, quando, poucos dias depois, na rua, sentiu um violento choque. Voltou-se, lançando um grito mas só entreviu as costas de um individuo que fugia desabaladamente brandindo uma longa serpente dourada. Um maniaco acabava de cortar-lhe uma de suas maravilhosas tranças.

Isso foi o principio da vida tranquilla de Petrolina. Dada a rareza das cabelleiras, o incidente foi amplamente commentado. O retrato de Petronila appareceu em diversos jornaes, com lisongeiros commentarios. O facto de só ficar a metade da cabelleira não incitou a senhora Robinson a permittir que lhe cortassem o resto. Esperou que o tempo exercesse sua obra, no que andou enganada. Porque um artista capillar comprou o direito de reproduzir a imagem da cabelleira parcialmente mutilada, e de interpretál-a como uma prova da excellencia de certa loção. Petronila reappareceu, assim, em jornaes e revistas. Na photographia ella era vista de um lado com os cabellos até o hombro, e do outro com magnifica trança, que lhe acariciava os joelhos.

Todas essas incursões na vida publica alteraram um pouco os costumes familiares. Petronila seguia bastante irregularmente os cursos escolares. Escrevia haver sem *h* e com *h*, confundia os reis de França com os reis do petroleo, mas seria capaz de mostrar erudição em qualquer exame sobre os meritos respectivos dos estudos photographicos.

No emtanto, houve um momento de paralyzação em sua brilhante carreira, e foi quando seus cabellos acabaram readquirindo seu comprimento normal.

A familia Robinson começava a sentir de novo a monotonia da existencia quotidiana, quando Jonathan B. O. Millen se apresentou, uma bella manhã, em seu apartamento. J. B. O. Millen ia buscar Petronila Robinson para levála a Hollywood. Num francez vulcânico atravessado pelos raios de ouro que despediam muitos de seus dentes, explicou que tinha urgente necessidade de uma *girl* de cabellos compridos.

— Temos vampirescas — disse, — mas as vampirescas estão raspadas; temos ingenuas, mas as ingenuas estão laqueadas; e temos jovens casadas, mas estas se apresentam como as manicuras, as telephonistas e as empregadas das grandes casas commerciaes. Entretanto, nos falta a adolescente de cabellos compridos, a que se rapta, a que se martyriza, a que se assassina. É impossivel martyrizar uma heroina de cabellos curtos. É impossivel arrastál-a pelos cabellos. Ou, então, é obrigada a usar peruca, e a peruca fica nas mãos do actor no momento mais culminante das scenas patheticas. Por falta das adolescentes de cabellos compridos, tenho tres pelliculas paralyzadas. Resumindo. *Time is money*: Preciso de miss Robisson!... Quanto quereis por ella? Fazei o preço.

Os Robinson pediram uma somma fantastica, persuadidos de que lhes seria negada. Não conheciam J. B. O. Millen. Este pagou, e

levou Petronilla, que entrou, immediatamente, em sua fructifera mas tumultuosa carreira de victima. Supportou, um após outro, todos os supplicios conhecidos, sem falar nos que o progresso inventou. Papae e mamãe Robinson viviam opulentamente em Paris e fluctuavam — valha a figura rhetorica — sobre o ouro dos cabellos da tranquda Petronilla.

De repente, a *estrella* reappareceu em Paris. Reappareceu tão singular, que seus paes deram um grito:

— Petronilla! Que tens?

— Pellaram-te a cabeça!

UMA VIDA TRANQUILLA

(Conclusão)

Com effeito, a joven estava raspada como um conscripto, como um presidiario, como uma bola de bilhar. Desfigurada, mas serena, deixou-se cahir em uma cadeira.

— Infeliz, por que fizeste isso?

— Para ter a paz que vocês me haviam promettido. Para conhecer, como minhas amigas da infancia, a serenidade de um lar e de uma vida regular. Porquê, com cabellos dourados até o chão, isso não era possivel. Por causa de meus cabellos, ha seis annos estou, diariamente, obrigada a ser victima de mortes violentas e periodicamente amarrada ao pescoço de um cavallo desembestado. Ha seis annos tenho que me resignar a que me estrangulem, me enforquem me queimem, me afoguem e me obriguem a lavar pratos. Recebo diariamente declarações de todos os donjuans moços e velhos dos Estados Unidos, e as companhias de seguros me amolam constantemente. Não posso mais! Quero conhecer a calma!...

Passou a mão sobre sua cabeça, esboçou um sorriso e adormeceu tranquillamente..., contente e arruinada...

OS TEMPOS MUDAM — O effeito que causára, dentro de poucos annos, o apparecimento de uma victoria nas ruas de Paris...

(De "*Le Roy Blas*", de Paris)

Mães, dae aos vossos filhos o novo biscoito "SAUDE"

De facil digestão, fino paladar, altamente nutritivo e rico em substancias indispensaveis a uma alimentação sadia. Especialmente indicado para as creanças, quando começam á fazer uso de alimentos solidos. Tambem recommendado para convalescentes, dyspepticos, e todas as pessôas de vida sedentaria.

Pedi ao vosso fornecedor o novo biscoito Aymoré - "SAUDE"

BISCOITOS AYMORÉ

UM BOM MARIDO — DE — EDMUNDO CLERAY

— O que digo é que não tenho o que vestir — disse a senhora Pécule.

O senhor Pécule deixou a leitura do jornal e olhou carinhosamente para sua mulher.

Ella devia ter sido encantadora vinte e cinco annos atraz. Elle tambem não estava muito loução. Mas, apesar dos estragos da idade, sempre havia uma grande ternura em seu olhar quando fixava sua esposa.

— Imagina — proseguiu a senhora Pécule — que meu vestido *beige* está muito largo; o azul, muito estreito, e o marron tem um rasgão nas costas! Si estivessemos em Never, chamaria a Suzanna. Mas aqui, em Vichy, veraneando... O que preciso é de uma costureira de bôa casa, que trabalhasse horas exraordinarias. Perguntei ao gerente do hotel si sabe de alguma.

— Não te incommodes — disse o senhor Pécule, sempre amavel. — Eu lho perguntarei agora mesmo, quando elle sahir.

O gerente informou que havia uma casa de modas muito conceituada — a Casa Bouzy-Bouzy, no fim da avenida. Elle devia apressar-se, porque o estabelecimento fechava ás seis e meia.

O senhor Pécule sahiu apressado, satisfeito da alegria que ia proporcionar a sua mulher. Falaria com o chefe da casa e este lhe cederia alguma de suas empregadas. Mas depois pensou que aquillo era uma imprudencia, pois não convinha ao negociante ceder seu pessoal. O melhor seria aguardar a sahida das costureiras e abordar uma dellas.

A primeira que sahiu dirigiu-lhe, vendo-o parado deante da porta do estabelecimento, um doce sorriso, e já se dispunha a seguil-a, quando a viu dar o braço a um rapagão e continuar seu caminho.

Outras fizeram o mesmo, e, por fim, viu apparecer uma mulher morena, correcta, séria, de cerca de trinta annos, que caminhou lentamente por uma pequena rua da esquerda.

O senhor Pécule pensou que aquella mulher era a operaria modesta que convinha a sua senhora.

Abordou-a immediatamente com a simplicidade de uma consciencia ignorante do mal.

— Senhorita — falou-lhe, — perdôe minha indiscreção. Mas desejaria saber si lhe convinia, fóra do trabalho da casa, fazer algumas horas extraordinarias.

— Pois não, cavalheiro. Disponho do domingo, e tratando-se de trabalhar...

Seguiram juntos, conversando. Elle explicou-lhe o que sua mulher desejava, e ella contou-lhe sua vida.

Morava com sua mãe, viuva, vivendo modestamente com o que ganhava durante a estação na Casa Bouzy-Bouzy, e durante o inverno trabalhava a domicilio.

— E não se quiz casar? — perguntou-lhe o senhor Pécule.

— Não me faltaram occasiões. Mas os homens...

Lançou um suspiro, que ao senhor Pécule pareceu ainda mais commovedor que nas novellas de Cneh ou Jorge Sand.

Pobre moça! Pobre, mas honesta.

Que alegria poder fazer uma bôa acção e, ao mesmo tempo, satisfazer a um desejo de sua mulher!

— Quando a senhorita irá, então, buscar o trabalho? — perguntou.

— Amanhã, a esta hora. Seu hotel fica a dez minutos da officina. Mas eu lhe agradeceria si o senhor, quando o trabalho estivesse terminado, viesse buscal-o em minha casa. Olhe: eu móro aqui.

Haviam chegado á porta de uma casinha com tres inquilinos, sem portaria.

— Mostrar-lhe-ei a porta. E' aqui, no andar de baixo.

E o senhor Pécule entrou em uma salinha modesta, muito limpa e acolhedora. E quando já ia retirar-se e sua mão se extendia para abrir a porta, sentiu que uns braços torneados lhe cingiam o pescoço e uma voz cálida murmurava:

— Ah! Deixe-me, deixe-me! Como você conhece o coração das mulheres!

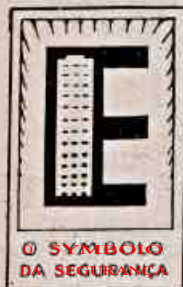
LIPTON
CHÁ LIPTON
CHÁ LIPTON
O MELHOR
NO MUNDO
LIPTON

Não Pense!....

NÃO DEIXE PARA AMANHÃ
O QUE PODE SER FEITO
HOJE...
assigne!

Sociedade de Seguros Sobre a Vida

SÉDE SOCIAL AV. RIO BRANCO-125 RIO DE JANEIRO

E
O SYMBOLO
DA SEGURANÇA

A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

CAIXA POSTAL, 398 — RIO DE JANEIRO

Sirvam-se ministrar-me, sem compromissos de minha parte, informações a respeito dos seus planos de seguro.

Nome ....

Profissão .... Edade ....

Endereço (Rua e numero) ....

Cidade .... Estado ....

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 16

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 16 de Abril de 1932

BODAS DE PRATA

QUANDO *FON-FON* nasceu, fazia um anno que findára o governo do conselheiro Rodrigues Alves, em que o grande Passos arejára, limpára e reformára a Cidade-Mulher; faltava tambem um anno para que se abrissem os portões decorativos da Exposição de 1908, na Praia Vermelha, que marcou uma das grandes épocas urbanas do Rio de Janeiro. Contemporaneo dos primeiros passos da capital do Brasil para a invejavel situação de modernismo, conforto e belleza que hoje desfructa, *FON-FON* foi como um grito alviçareiro do Progresso. Elle repetiu o buzinar dos primeiros automoveis que cortavam velozmente as primeiras avenidas asphaltadas, espantando os velhos e tristes cavallos de tilbury e annunciando uma era nova.

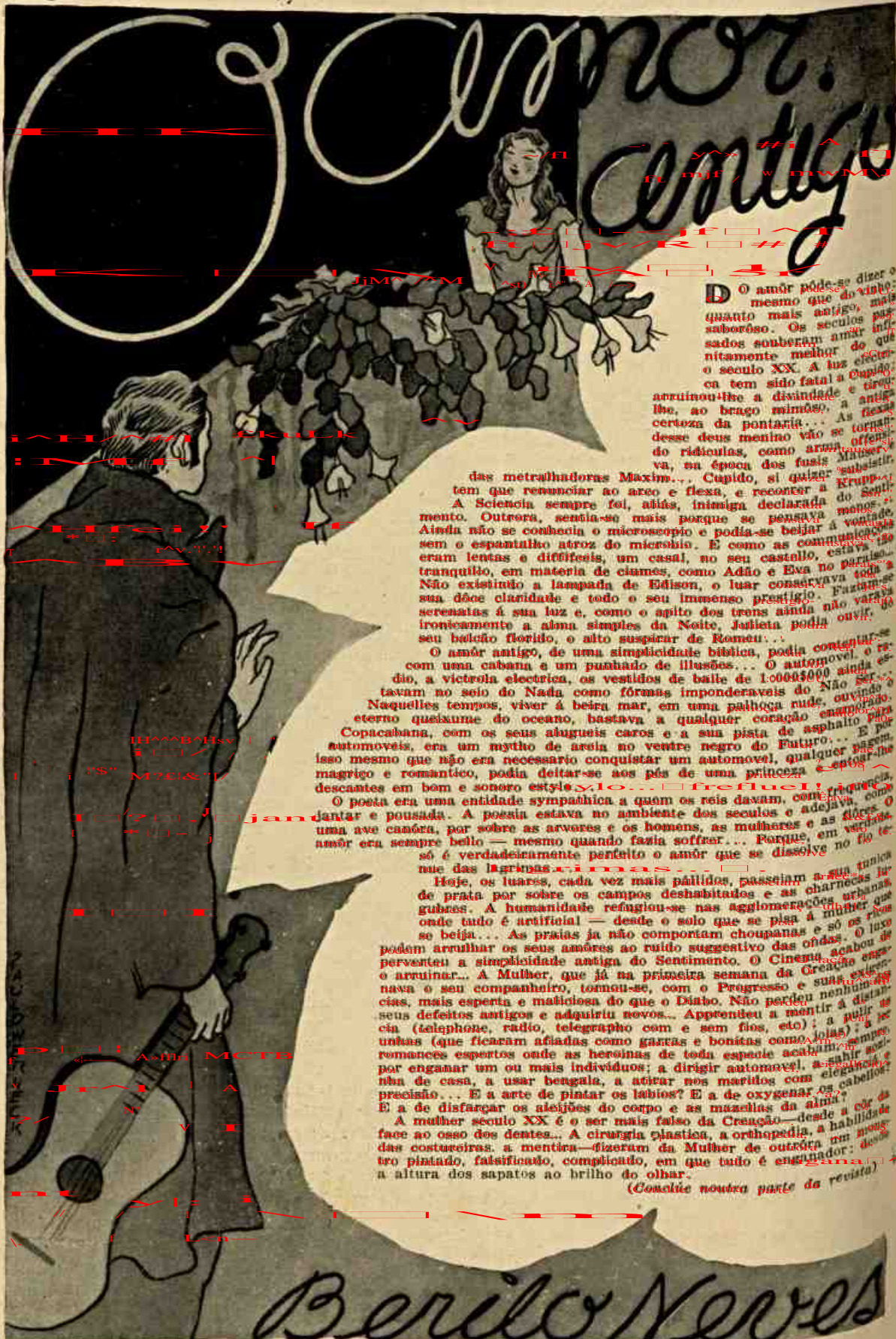
Nesta, a nossa revista, que logo cahiu no gôto do publico, que teve sempre vasta repercussão social, acompanhou passo a passo a vida, que se tornou vertiginosa, da metropole, identificou-se tão intimamente com ella que é nos dias actuaes uma de suas mais palpitantes expressões. Durante o tempo decorrido de 1907 para cá, nossas paginas reproduziram tudo o que politica e socialmente notavel aconteceu na capital e até fóra della, honrámo-nos com a collaboração dos maiores nomes do Brasil na penna e no lapis, vibrámos com a cidade nos seus dias de estouvada alegria ou de ardente enthusiasmo e nos tarjámos de luto nas suas horas de dôr.

Fidelidade insuperavel, nascida da gratidão, alicerçada no amor, é essa que prende *FON-FON* á grande metropole que viçou sob suas vistas, que começou a florescer quando elle veiu ao mundo e que fructifica quando elle já se vae tornando como que uma de suas tradições.

Ha quatro annos, celebrámos a sua maioridade. Hoje, solennizamos as suas bôdas de prata com a Cidade-Mulher. E os nossos votos, que cremos obtenham as sympathias dos leitores, são para que *FON-FON* commemore as bôdas de ouro e nossa mão ainda esteja bastante forte para traçar nesta lauda inicial o registro da grande data.

JOÃO

JOÃO DO NORTE

PAULO WERNER

O amor antigo

O amôr póde-se dizer o mesmo que do vinho: quanto mais antigo, mais saboroso. Os seculos passados souberam amar infinitamente melhor do que o século XX. A luz electrica tem sido fatal a Cupido: arruinou-lhe a divindade e tirou-lhe, ao braço mimôso, a antiga certeza da pontaria... As flexas desse deus menino vão se tornando ridiculas, como armas offensivas, na época dos fusis Mauser e das metralhadoras Maxim... Cupido, si quizer subsistir, tem que renunciar ao arco e flexa, e recorrer a Krupp!...

A Sciencia sempre foi, aliás, inimiga declarada do sentimento. Outrora, sentia-se mais porque se pensava menos. Ainda não se conhecia o microscopio e podia-se beijar á vontade, sem o espantalho atroz do microbio. E como as communicações eram lentas e difficeis, um casal, no seu castello, estava tão tranquillo, em matéria de ciúmes, como Adão e Eva no paraiso... Não existindo a lampada de Edison, o luar conservava toda a sua dôce claridade e todo o seu immenso prestigio. Fazia-se serenatas á sua luz e, como o apito dos trens ainda não varava ironicamente a alma simples da Noite, Julieta podia ouvir, do seu balcão florido, o alto suspirar de Romeu...

O amôr antigo, de uma simplicidade biblica, podia contentar-se com uma cabana e um punhado de illusões... O automovel, o radio, a victrola electrica, os vestidos de baile de 1:000$000 ainda estavam no seio do Nada como fôrmas imponderáveis do Não ser... Naquelles tempos, viver á beira mar, em uma palhoça rude, ouvindo o eterno queixume do oceano, bastava a qualquer coração enamorado. Para Copacabana, com os seus alugueis caros e a sua pista de asphalto para automoveis, era um mytho de areia no ventre negro do Futuro... E por isso mesmo que não era necessário conquistar um automovel, qualquer pagem magriço e romântico podia deitar-se aos pés de uma princeza e entoar-lhe descantes em bom e sonoro estylo...

O poeta era uma entidade sympathica a quem os reis davam, com frequencia, jantar e pousada. A poesia estava no ambiente dos séculos e adejava, como uma ave canôra, por sobre as arvores e ós homens, as mulheres e as flores. O amôr era sempre bello — mesmo quando fazia soffrer... Porque, em verdade, só é verdadeiramente perfeito o amôr que se dissolve no fio [illegible] das lagrimas...

Hoje, os luares, cada vez mais pallidos, passeiam a sua tunica de prata por sobre os campos deshabitados e as charnecas lugubres. A humanidade refugiou-se nas agglomerações urbanas onde tudo é artificial — desde o solo que se pisa á mulher que se beija... As praias já não comportam choupanas e só os ricos podem arrulhar os seus amôres ao ruido suggestivo das ondas. O luxo perverteu a simplicidade antiga do Sentimento. O Cinema acabou de o arruinar... A Mulher, que já na primeira semana da Creação enganava o seu companheiro, tornou-se, com o Progresso e suas exigencias, mais esperta e maliciosa do que o Diabo. Não perdeu nenhum dos seus defeitos antigos e adquiriu novos... Apprendeu a mentir á distancia (telephone, radio, telegrapho com e sem fios, etc); a pulir as unhas (que ficaram afiadas como garras e bonitas como joias); a ler romances espertos onde as heroinas de toda especie acabam sempre por enganar um ou mais individuos; a dirigir automovel, sahir sozinha de casa, a usar bengala, a atirar nos maridos com elegancia e precisão... E a arte de pintar os lábios? E a de oxygenar os cabellos? E a de disfarçar os aleijões do corpo e as mazellas da alma?

A mulher século XX é o ser mais falso da Creação — desde a côr da face ao osso dos dentes... A cirurgia plastica, a orthopedia, a habilidade das costureiras, a mentira — fizeram da Mulher de outróra um monstro pintado, falsificado, complicado, em que tudo é enganador: desde a altura dos sapatos ao brilho do olhar.

(Conclúe noutra parte da revista)

Berilo Neves

Eis algumas folhas do diario de uma garota moderna:

«Sabbado, 6 horas da tarde. — Conheci hoje, na praia de Copacabana, o filho do industrial X... Chama-se Decio. Eu estava semi-núa, no meu maillot azul e preto, typo Alice White, prompta para atirar-me ao mar, quando «elle» appareceu. Olhámo-nos. Pensei, mentalmente: «Gostaria que elle me désse um beijo...» E depois, seduzida pelas suas fórmas apollineas, accrescentei: «... e sentir-me esmagada pelos seus abraços...» Sorri e mergulhei. «Elle» foi no meu encalço. Assim que se viu longe dos outros banhistas, sem me pedir licença, foi agarrando e mordendo o meu braço, beijando os meus olhos, os meus cabellos pesados de humidade, as minhas mãos... Voltámos grogues desse banho de amôr...

Domingo, 9 horas da manhã. — Hontem, encontrámo-nos, eu e Decio, no baile do Botafogo. Elle respirava tão forte quando roçava o rosto pelo meu, que até me assustou. Hoje, elle vem buscar-me na sua baratinha para irmos juntos assistir «Mary Ann», no Broadway.

Segunda-feira á noite. — Estive na garçonnière de Decio. Conhecemo-nos ha vinte e quatro horas e já nos pertencemos inteiramente um ao outro. E' um appartamento chic, com muitas almofadas e muitos espelhos. Passei lá as melhores horas da minha vida. E dizer-se que estive quasi noiva de um palerma que só sabia dizer-me, numa voz entrecortada de amargura: «Tenho um sonho lindo e não sei onde guardál-o... Tenho uma phrase commovida e não sei a quem dizêl-a... Tenho alma demais e não sei onde empregál-a...» Que idiota! Não ha como o namorado moderno, que não nos atormenta com ciumadas ingênuas nem com phrases meladas...»

* * *

Aqui se interrompe o diario da garota moderna. Como se vê, o amôr moderno não comporta os platonicos irritantes do amôr antigo.

Um rapaz de 1832 não se dirigiria abertamente á creatura amada. Procuraria indagar da sua familia, dos seus antecedentes, da sua conducta...

Hoje... Ah! Hoje, nem a classica alliança do annular esquerdo o homem respeita...

Elle não quer saber quem é a pequena que o olha com sympathia. Para que? Quem seria capaz de investigar os mysterios da vida daquella creaturinha bonita e elegante? Quem seria capaz de dizer a verdade sobre a origem das toilettes e das joias que ella usa?

O homem se contenta com os minutos de prazer que essa mulher lhe possa proporcionar. Onde? Não importa. Si estiverem no inverno, num cinema ou num automóvel. E isso ainda é pouco. E os explorados passeios do Sylvestre, da Tijuca, da Pedra da Moreninha? E os bailes? E as garçonnières, agora mais do que nunca espalhadas pela cidade? Quantos peccados não se podem commetter num salão de baile, sob os olhos da mamãe e do papae? E os jardins cercados de trepadeiras, onde os noivos conversam sob a fiscalização de um jury dorminhoco? E os elevadores automaticos? E os telephones?

Indiscutivelmente, o amôr moderno deve muito ao telephone e ao automovel. Ao telephone, porque é o cúmplice discreto, rápido e economico para as combinações do amôr. Ao automovel, porque, concordando com Guido da Verona, «a vida é uma questão de taxis...» O amôr moderno intensificou-se, desde que appareceu a providencial «venda de automoveis a prestações a longo prazo...» Agora, todo rapaz mais ou menos alinhado possúe a sua baratinha Ford ou a sua limousine...

* * *

Actualmente, do primeiro olhar trocado entre um homem e uma mulher, que se vêem pela primeira vez, e uma garçonnière, poucas horas se interpõem. A esse olhar de comprehensão é que os inglezes chamam flirt. Dizem que as intenções dos que gostam de flirtar são sempre puras, affirma Marcel Prévost. Porém muitos ampliam, em proveito proprio, as estrictas regras do flirt. O flirt é o primeiro passo do amôr moderno.

* * *

O amôr moderno é um circulo vicioso. Emquanto o marido de madame faz o «coronel» de certa jeune-fille, madame o engana com o noivo desta, o qual, por sua vez, ignora o seu ridiculo papel de homem trahido...

* * *

O amôr moderno assusta e, ás vezes, decepciona. Ás vezes? Quasi sempre...

As senhoritas já alugam, ellas mesmas, quartos e appartamentos. Para que? Para que possam amar e ser amadas. E' a victoria do «feminismo»...

* * *

Os culpados dessa metamorphose? Não são os homens. Nem as mulheres. E' a crise. Com a crise, os chefes de familia, diminuidos nos seus salarios, foram obrigados a empregar as filhas, as irmãs e as proprias mulheres.

As viagens quotidianas, o grande numero de homens, a tentação do luxo...

E assim surgiu o amôr moderno, o amôr que se baseia na sexualidade. Que se baseia em Freud. Que se baseia nos films emocionantes que Hollywood nos manda...

(Conclúe noutra parte da revista)

O Rio em flagrante 1907

Hontem, quer dizer, quando as elegantes de ha vinte e cinco annos sahiam a fazer o «footing», era assim, cheias de saias e com uns certos chapéus que hoje espantariam as nossas graciosas filhas de Eva...

Hoje, quando a carioca moderna desfila pelas nossas avenidas, com o seu passo leve, saltitante, apparece tão graciosamente decotada, as vestes tão vaporosas, tão finas e volitantes, que assombram as nossas avós e bisavós...

O carro de boi

Martins Capistrano

O velho Simeão era um cearense bronzeado, que as madrugadas do sertão, por mais que se esforçassem, nunca surprehenderam na rêde onde elle repousava, dormindo como um justo, o corpo cansado das fadigas do dia. Conheci-o em 1905. Eu era garoto de cinco annos, mas já sabia apreciar a ternura humana, vestida de algodão ou de sêda, personificada numa figura humilde ou nos brilhos imponentes da elegancia.

O velho Simeão era um homem doce e bom na sua rudeza de matuto. Tinha sempre, nos labios, uma palavra amavel, e, nas mãos calosas, um gesto macio como o seu coração de sertanejo. Gostava das crianças. Procurava agradál-as com a sua fortuna de pobre: a simplicidade e a bondade. Commovia-me aquelle sorriso enternecido com que o velho carreiro conquistava, serenamente, a sensibilidade infantil.

* * *

Uma noite de inverno, depois da ceia de coalhada com rapadura que a minha precoce gulodice não dispensava na tranquilla fazenda do "Longá", o velho Simeão, sentado no batente do alpendre colonial, fumando no seu cachimbo de barro, contou-me a historia mais linda que eu já ouvi na minha vida.

* * *

— Menino — começou elle, paternalmente, com a sua voz demorada de cearense do sertão, — eu tenho setenta e cinco annos, e desde os quinze não faço outra coisa sinão tanger bois curvados sob a canga. Mas nunca mais encontrei um carro tão dócil, que me comprehendesse tanto, como o primeiro que levei pelas estradas do Canindé. Pertencia ao coronel seu avô, e fez muitas viagens carregando carga e gente para a villa. Sob o sol ou sob o luar, no inverno ou na sêcca, apanhando chuva ou guinchando de calor, elle era o mesmo carro que não me dava trabalho e não parava no meio do caminho. As duas juntas de bois que o arrastavam estavam já acostumadas ao ranger magoado e aos solavancos desse companheiro cuja lembrança não me sáe da memoria. Quando a agua das chuvas fortes varria a terra das estradas, cavando as grotas por onde eu tinha de passar, o carro pulava mais, entre as suas grandes rodas de aroeira, gemendo, gemendo talvez sentindo a nostalgia da sua vida antiga de arvore frondosa e opulenta. A's vezes, os bois rajados, de enormes pontas inoffensivas, queriam parar no meio do caminho cheio de lama, exhaustos da jornada estafante. Mas, para que servia o ferrão? Era só encostál-o na garupa dos bois, e estes apressavam o passo manso, cheirando o chão e sacudindo as patas encharcadas. Durante perto de vinte annos, eu andei, pelo sertão, com esse carro que me iniciou na profissão de carreiro. Atravessei rios, subi ladeiras, passei noites vendo o luar sobre o lombo dos bois e ouvindo a voz melancolica das *cantadeiras*... Mas não cansei, nem me fartei do meu carro vagaroso...

O velho Simeão fez uma pausa, para bater a cinza do cachimbo na sola de couro crú da alpercata sertaneja, e, depois, proseguiu:

— Pois você quer saber, menino, qual foi o fim desse carro?

Eu arregalei, ingenuamente, os olhos e agucei, curioso, os ouvidos habituados a só escutar historios de *trancoso*... A chuva não havia cessado, e continuava a cahir, ruidosamente, na grande noite escura e desolada do sertão. De vez em quando, o alpendre da casa da fazenda se illuminava com as lanternas vertiginosas dos relampagos, e eu escondia, medrosamente, o rosto na gola do camisolão de dormir. Os sapos cantavam, nos poços e nos riachos, uma estranha sonata de contentamento...

— O carro do coronel seu avô acabou carregando a bagagem de seu papae, quando elle se mudou daqui para a villa, na vespera do casamento... Na volta, cahiu dentro do rio do Canindé, e foi levado pelas aguas barrentas, numa noite escura como esta.

Nova pausa do velho Simeão. Nova curiosidade do garoto ingenuo que eu era. Nova espectativa da minha fantasia de criança.

— Eu não sou supersticioso — concluiu, balançando a mão direita, o tranquillo carreiro. — Mas ninguem me tira da cabeça que o carro se suicidou com saudades do papae... Porque eu, tambem, chorei nessa noite chuvosa. Chorei pela primeira vez...

* * *

Faz vinte e cinco annos que eu ouvi essa linda historia. A civilização já invadiu a minha terra cearense. As velhas estradas riscadas pelas rodas de aroeira são, hoje, rodovias modernas, por onde gritam as buzinas dos automoveis. O conforto é outro. Outra é a rapidez com que se viaja pelo interior. Entretanto, não posso esquecer o carro de boi...

Eu sou, mesmo, um *homem antigo*...

O automovel

DEU nome a uma éra. Tornou-se indice de uma civilização. Influiu no tempo e no espaço: diminuiu as horas e encurtou as distancias. Nascido para o confôrto e o luxo, cedeu ao poder nivelador das necessidades. Democratizou-se. Na sua evolução, o automovel semelha-se a um sêr vivo. Adapta-se. Aperfeiçôa-se.

De um motivo mecânico para gozo dos poderosos, passou a ser um prosaico instrumento, a serviço crescente do dynamismo da vida.

Sua aureola de nascença era puramente romantica: uma replica dos tempos modernos á elegancia dos [illegible] corseis dos antigos fidalgos.

Faltou-lhe tudo para triumphar, como irmão [illegible], mas autonomo, da berlinda e da carruagem.

Seus fumos de independencia acabaram por incompatibilizal-o com a familia aristocratica dos coches e dos tilburys.

A vaidade domestica accendeu o facho das preferencias.

E o automovel, ainda na infancia, foi relegado, com desprezo, a um plano inferior.

As damas sorriam ao vêl-o trepidante, como quem dá um calafrio polar.

Os artistas, sempre requintados, achavam-no deselegante, nas linhas de sua carrosseria primitiva.

O motor, barulhento; o arranque, difficil; as paradas, frequentes; a trepidação, horrivel.

A dissidio na familia cavou-se, pois, insondavel.

O gentil-homem, que tinha saudades dos punhos de renda, e andava a trautear as lieder amorosas [illegible], como um somnambulo tardio do romantismo, desdenhou o automovel pela composição de uma parelha luzidia de cavallos, atrelada ao carro solenne de linhas nobres, puro vieux-style.

O [illegible] irmão do phaeton cahiu assim num desprestigio. De que lhe valera a independencia, o dirigir-se por si?

Na grei dos carros, como na dos homens, tambem ha os philosophos.

E um, mais petulante, de visão aguda, sceptico, razoavel, considerava:

— «Temos por nós a tradição. No fundo, somos antecessores. Si, por um capricho do destino, a substituir-nos, hão de descer até nós as raizes genealogicas.»

O sentimento da Maternidade vencia, assim, o profundo dissidio. Mas, fôra uma opinião isolada. Os philosophos amam os paradoxos. Uns lu-[illegible]

[illegible] sua grandeza olympica, o sol — relogio da terra, foi marcando a passagem dos dias, dos mezes, dos annos.

Sempre que se fecha um cyclo na ronda interminavel da creação, os homens attribuem ao cyclo novo os milagres do que se convencionou chamar modernidade.

Vieram, pois, com o tempo, as coisas modernas. E uma concepção de novas fórmas dominou a intelligencia contemporanea.

Dentro dessa mentalidade, convinha-se que se tinha vivido até agora au ralenti, isto é, detalhando minúcias, com a volúpia dos benedictinos, mas perfeitamente inúteis em face dos appellos dynamicos da vida.

Era, pois, preciso acompanhar o rythmo accelerado da evolução. Estar em dia com as descobertas da sciencia. Ser em tudo coevo da electricidade e do radio.

Romantismo era achaque sentimental. Doença, cuja therapeutica exigia, apenas, ares sadios, exercicios physicos, banhos de sol e um amôr biologico, absorvente, integral pela natureza, fonte omnímoda da belleza e da vida.

Os antepassados do automovel cahiram de moda. Desactualizaram-se, ao mesmo passo que elle se foi aperfeiçoando, até a obra-prima da mecanica e da arte, que é presentemente.

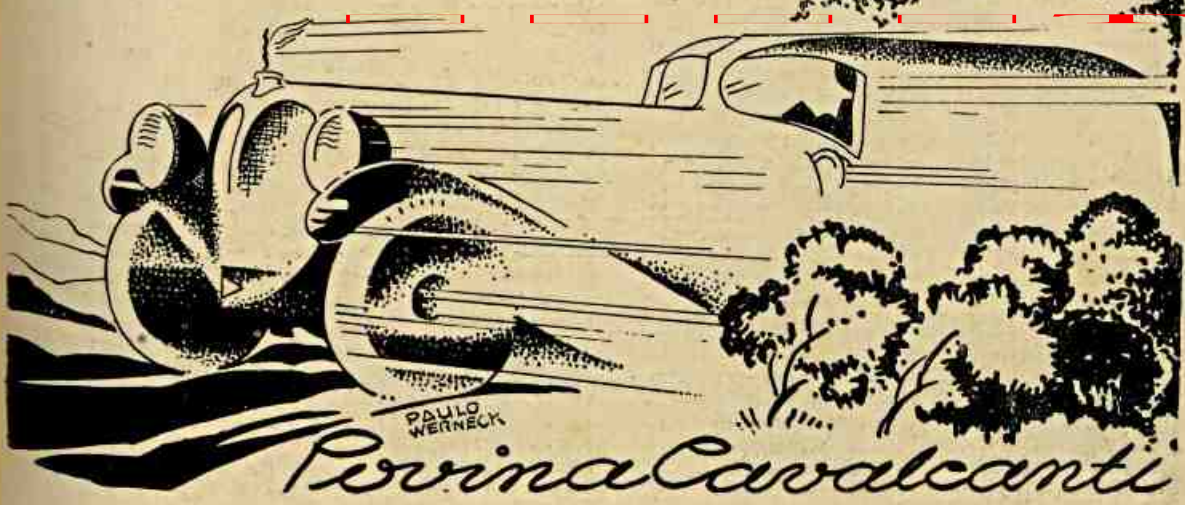
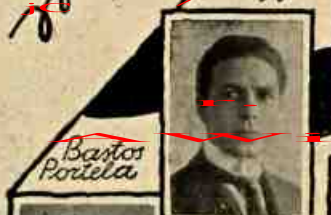
Voltou a prestigial-o sua aureola de nascença: replica ao romantismo, com a poesia moderna dos amores vertiginosos.

Graduador democratico, o automovel conseguiu realizar o milagre de ser uma carruagem de luxo e um simples Ford.

* * *

Pertence já ao patrimonio veneravel dos museus a variada collecção dos velhos carros de passeio, a tracção animal.

Na promiscua familia das antigas berlindas, das solemnes deligencias, das luxuosas carruagens, dos coches imperiaes, das sejes imponentes, dos tilburys e dos cabriolés, aquelle petulante philosopho, — algum caleche encostado, ha-de agora reclamar a restauração da arvore genealogica.

E, no silencio dos longos corredores sombrios, estou a adivinhar, pela noite a dentro, quando as coisas do passado se reunem em lugubres e mysteriosas assembléas, o que dirão os coupés dos fidalgos, feridos no seu orgulho e no seu amor-proprio, a esse obscuro precursor, sem gloria e sem vaidade, que é o carro de boi, a recordar o seu canto nostalgico, como uma prece, que celebrasse a felicidade da paz com fartura e do trabalho com amôr...

Perrina Cavalcanti

"FON-FON" AOS SEUS AMIGOS E AOS SEUS CONFRADES

FON-FON celebra hoje as suas bôdas de prata, ou melhor, commemora o seu 25.º anno de existencia.

Que tem sido a sua vida até este momento da nacionalidade? A nós não compete relembrál-o.

Todos os que nos dispensam os seus favores conhecem, de sobejo, as nossas normas de vida e a orientação que temos sabido imprimir ao nosso semanario.

O que é evidente, o que não se póde negar, é que, graças ao apoio do publico, sempre generoso e acolhedor, e á bôa vontade da imprensa, o FON-FON não encontrou ainda tropeços e óbices que lhe entravassem a marcha ascencional para o seu engrandecimento e progresso.

Por esse motivo, antes mesmo que nos cheguem as primeiras palavras de estimulo e saudação, por parte dos nossos amigos e confrades, é-nos grato dirigir aos numerosos leitores e anunciantes do FON-FON e, particularmente, á imprensa desta capital e dos Estados, os nossos cumprimentos effusivos e a expressão da nossa sympathia agradecida, formulando ardentes votos para que jamais se desfaçam os laços de amizade crescente, que nos vinculam aos brilhantes collegas brasileiros.

Deixa de figurar nesta pagina a photographia de Lima Campos, o saudoso estylista, que foi redactor do FON-FON, por não a termos encontrado em nosso archivo. Com este esclarecimento fica, no emtanto, tributada a nossa homenagem ao illustre escriptor morto, que tanto brilho emprestou ás paginas deste semanario.

Uma noiva de 1917
Ser noiva, hontem,
teria o encanto de ser
noiva hoje? Emfim,
a Moda é como a
Historia: repete-se...
e uma noiva de hoje

A VELHA E A NOVA SENSIBILIDADE

R. Magalhães Junior

PAULO WERNECK

DE 1907 a 1932... Do realejo á victrola... Da lanterna magica ao movietone. Do balão captivo aos dirigiveis transatlanticos... Da valsa dolente e romantica ao fox-trot malicioso e agitado...

Creio que não é preciso mais para significar o enorme salto que a humanidade deu neste quarto de seculo. Operaram-se transformações extraordinarias. A physionomia do mundo mudou, como si por effeito de um milagre de cirurgia plastica...

Tombaram reinos e imperios. Cairam thronos e dynastias. Desappareceram nações. Surgiram novos paizes. O cataclysma das guerras e das revoluções fez jorrar torrentes de sangue. Aggravou-se a questão do trabalho, o problema angustioso do pão.

Mas, no meio de toda essa agitação, de todo esse tumulto, a machina invencivel do Progresso, — como um tank de guerra, que rasga, vence, supera, anniquila todos os obstaculos, — continuou a sua marcha poderosa e triumphal.

O engenho humano, com espantosa fertilidade, produziu inventos surprehendentes. Vinte e cinco annos que valeram por um seculo, pela multiplicação dos recursos que a industria poz ao alcance do homem para ajudal-o a viver melhor e mais depressa. As maiores aspirações humanas da nossa época é a velocidade. "Mais depressa!" é a divisa geral, é o anseio commum, é o grito collectivo.

As absorventes preoccupações modernas, as nevroses dos nossos dias e o abastardamento da especie encurtaram a vida humana. Ha cincoenta annos, vivia-se um seculo. Hoje, morre-se, quasi sempre, antes dos sessenta. E o individuo, instinctivamente, sente que é preciso viver mais depressa, com mais vibração, com maior intensidade.

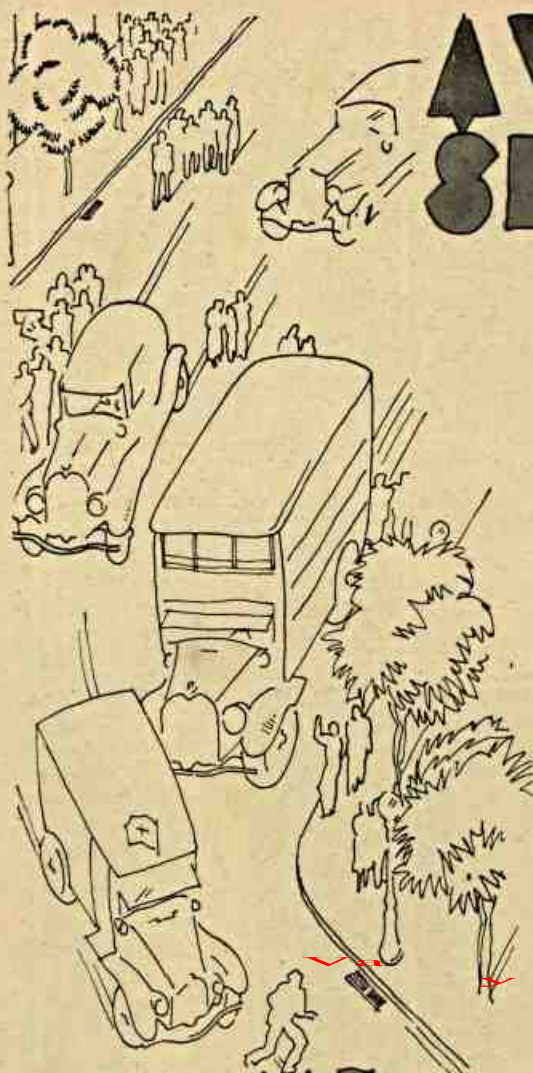
O radio, o aeroplano, as variadas e maravilhosas manifestações do progresso actual procuram satisfazer a esse desejo humano. Mas a humanidade não se satisfaz. Continua na mesma inquietação, na mesma ansia louca de tornar a vida ainda mais vertiginosa...

Aos homens modernos, falta a serenidade de espirito dos nossos ancestraes. A tortura da velocidade os empolga. A vida ultra-dynamica, agitada, trepidante, da actualidade havia, forçosamente, de produzir uma profunda alteração na sensibilidade dos individuos. E produziu, com effeito. O conceito esthetico de hoje não é o mesmo de outrora. O habitante do "arranha-céo" não pode ter sentimentos iguaes aos do habitante do "chalet" colonial.

Não ouso affirmar que houve evolução, que houve refinamento. Ao contrario, os homens modernos, saturados do excesso de civilização e de progresso, voltaram, por desfastio, ás expressões artisticas primitivas. A poesia futurista, a pintura cubista, os rythmos selvagens do "jazz-band" comprovam essa tendencia singular. A architectura, que teve na idade media um periodo de esplendor jamais igualado, estabilizou-se nos arcabouços quadrangulares dos "arranha-céos" colossaes de concepção geometrica primaria. E até mesmo a indumentaria feminina, tão diaphana como aquelle manto que velava a nudez forte da verdade, está de tal modo restricta, exigua, reduzida, que nos faz evocar os deliciosos tempos paradisiacos, em que os homens podiam casar tranquillamente, na certeza de que não seriam perseguidos pelas contas das modistas e das chapeleiras...

As associações nudistas européas querem impôr ao mundo o banimento das roupas de qualquer especie, embora haja certeza de fallencia para as industrias de tecidos... Os "leaders" politicos de outrora vestiam sobrecasacas austeras, mas hoje triumpha, em Londres, a tanga irreverente do "mahtma" Ghandi. Uma barba cerrada nos nossos dias escandaliza tanto quanto uma face glabra ha cinco lustros atraz. O sr. Getulio Vargas, que é o primeiro governante completamente escanhoado que o Brasil já teve, ha vinte e cinco annos não poderia tomar posse do governo, pelo facto de não ter barbas ou, pelo menos, bigode.

O "foot-ball" e as lutas pugilisticas são uma revivescencia empolgante da época das cavernas, dos combates encarniçados entre os troglodytas. Para os homens modernos não ha passatempo mais agradavel do que vêr um individuo arrancar meia duzia de dentes a outro com um bom sopapo...

Assim como houve modificação do criterio esthetico, tambem houve inversão de costumes. A's vezes, ha quem proteste e clame pela necessidade da reeducação das massas. Protesto inutil. Porque estamos deante de um phenomeno irremediavel, gerado por factores complexos e imposto a nós mesmos, paradoxalmente, pela super-civilização da nossa época, que offerece sensações violentas como antidoto á neurasthenia torturante, ás nevroses, ao "tedium vitae" que consome as creaturas humanas envolvidas pelo turbilhão do progresso...

REMINISCENCIAS DE 1907

Convivas do almoço que o presidente da Republica, dr. Affonso Penna, offereceu ao sr. Paul Doumer, durante a visita do estadista francez ao Brasil, em setembro de 1907. O sr. Paul Doumer é o actual Presidente da Republica Franceza.

O presidente Affonso Penna, acompanhado de ministros de Estado e outras altas figuras do governo e da politica, por occasião da solennidade inaugural da linha elevada da Estrada de Ferro Central do Brasil, a 12 de outubro de 1907. Foi um acontecimento de grande significação naquelle tempo.

O prefeito de 1907, general Serzedello Corrêa, durante uma festa em sua honra, nesta capital.

(Do Album do Photographo Malta).

A moda em 1907

Flagrantes da nossa alta sociedade daquella época, que já se vestia pelos figurinos de Paris... Estavam em moda as saias-balão e os chapéos de pluma.

A moda em 1932

Modelos vivos de Paris ostentando vestidos de Jean Patou — o grande costureiro da actualidade.

(Photos especiaes para Fon-Fon).

A mulher de hontem

EM meio á desordem do seu lindo e perfumado *boudoir*, Gaby de Oliveira, numa attitude de repouso e de evocação, que dava sobre o macio divan forrado de damasco. Deitada, de pernas cruzadas ao alto, numa *pose* um tanto desenvolta, que o pyjama de colorido vivo, que vestia, tornava quasi garota, dava a impressão de uma bonequinha scismarenta, afundada entre os almofadões de seda.

Sobre sua cabecinha de cabellos revoltos, á Clara Bow, cruzara as mãos fidalgas, de unhas apontadas e bem tratadas. Seus olhos rasgados, côr de esperança, sombreados a bistre, pareciam maiores do que realmente eram. A luz, porém, que os illuminava, naquelle momento, apesar dos artificios com que ella, diariamente, lhes avivava o brilho, amortecera, esbatera-se, de subito, sob o velario de saudade que se distendera sobre elles. Suas recordações, todas as pequeninas lembranças da sua mocidade aureolada de belleza agitavam sua alma de mulher em pleno outomno.

Espalhadas por quasi todos os moveis de fino gosto que estylizavam aquelle recanto da sua vida intima, da sua vida de dama do *grand monde*, viam-se cartas, photographias, um sem numero de pequenas lembranças, colleccionadas durante annos, de mistura com os *bibelots* artisticos, com figurinhas de Sèvres, Tanagras núas, boiões de pomada e apetrechos de *maquillage*.

Sua vida, toda sua vida passada, ha um quarto de seculo, ella a revivia naquelle instante, num forte, intenso retrospecto emocional.

Apanhou, de novo, uma das photographias e ficou a examinal-a curiosamente, esboçando um sorriso em que havia algo de tristeza e de ironia.

— "Como era horrivel a moda de outrora!, pensou. Tornava a gente deselegante e velha... Saia balão, enorme... Os penteados, então... O coque... As trunfas... E este coque... O meu ridiculo coque, quando eu não soltava o cabello em duas tranças grossas, com laçarotes nas pontas!... Que horror!..."

Riu alto, um risinho secco, nervoso, de falsête.

— Estás a rir sózinha, Gaby? perguntou-lhe o marido, entrando inesperadamente.

— Ah! Sim. Vieste cedo, hoje. Estava a rir para mim propria. Coisas... Mas, vê: estou em arrumação. Deixa-me pôr um pouco de ordem em tudo isto, sim?

— Realmente, que desordem! Cartas, pedaços de carta, pacotinhos de cartas, albuns, photographias de toda qualidade... Esta, que tens á mão, de quem é? Quem é essa beldade de saia balão, coque a Pão de Assucar, e laçarotes de fita?

— Ah! Carlos, dá-me este retrato, não quero que o veja! Não quero!

— Ah! Reconheço-te. Como eras differente! Tão outra... Um arzinho de madona austera... Uma expressão physionomica um tanto rigida. Gostava mais quando as tuas tranças louras emmolduravam teu rosto, illuminado suavemente pelo céo de teus olhos, conforme te conheci. Tinhas, então, dezesete annos e eras tão meiga, tão doce! Teus olhos reflectiam a candidez, a pureza de tua alma ingenua e simples. Nenhum artificio... Só a tua belleza, ao natural. Tinhas personalidade propria, então, ao menos physicamente. Hoje...

— Hoje, que sou hoje para não ter mais personalidade? Continuo a ser mulher, como sempre fui... Desejarias, talvez, que ainda usasse saia balão, coque a Pão de Assucar, como disseste, trunfas, [illegible] céo ou as taes trancinhas ridiculas, enfeitadas de laçarotes, [illegible] Uma mulher á antiga, bolorenta, *demodée*, cujas tranças pudesses cantar, como cantaste as minhas, em versos alambicados e melosos, que ainda guardo?... Queres vêl-os, e relêl-os?...

— Não, não! Que idéa! Queima isso! Mas, ouve: exageras, não queria que voltasses a ser, hoje, o que foste ha vinte e cinco annos. Desejaria apenas que não te tivesses *despersonalizado* tanto, á custa de *maquillage* e de muitos outros artificios. Uma mulher...

— Sei, sei... Comprehendo-te. Querias-me, nesta epoca, uma mulher mumificada para interior de *ménage*, para simples uso interno, [illegible] ainda em vida...

— Não, querida. Não me comprehendeste, não. O que quero dizer-te é que vocês, as mulheres de ha um quarto de seculo atraz, tinham mais caracteristicas pessoaes, mais expressão propria, que as de hoje, tão gritantemente artificiaes...

— E artificiosas, não é?... [illegible] Isso sempre o foram as de hontem, como as de hoje, e sempre o serão todas ellas em todos os tempos e edades...

(Conclúe na ultima pagina)

ELCIAS LOPES

A mulher de hoje

MLLE. MODERNISMO (typo 1932) deixa as colchas de sêda da sua cama ottomana. São dez horas da manhã. Safando-se, agil, do pyjama elegante, enfia o roupão de tecido esponjoso. E, passo miudo, rythmado, as ancas bamboleantes, entra no banheiro, assobiando uma canção do ultimo carnaval:

"Teu cabello não nega, mulata..."

Depois do banho, de agua de Colonia, mlle. Modernismo volta ao seu **boudoir** — um ninho de renda, de almofadas, de photographias, de **batons** e de **rouge**.

Deante da penteadeira, ella se mira e remira, com uma vaidade digna de "Branca de Neve"...; e quasi lembra a Eva do Eden ou Phrynéa, deante dos juizes.

* * *

Brilhando, esmaltada, com a sua cabeça de ephebo — uma cabeça de cabellos "à l'homme", sob a elegancia da boina displicente, um longo bout-doré a pender-lhe dos labios desdenhosos, leve e aerea, no seu costume-sport, copiado das paginas do "Jardin des Modes", — salta para o volante da sua "baratinha" de um bello azul mattier...

... E roda... Para onde?

Olha o relogio-pulseira.

Apercebe-se de que o seu **flirt** — um joven secretario de legação — está á sua espera, para uma partida de tennis, no club.

Do club — antes de jantar — vôam, para um numero extra-programma do dia... Qual será elle?

Não é preciso pôr aqui as reticencias symbolicas. Basta pôr uma "garçonnière", trepada numa encosta de morro, num pittoresco recanto, cheio de rosas e de arvores copadas.

E depois? Depois, será o **cocktail**, ou um chá dançante, ou uma vesperal de arte. E o jantar caseiro, prosaico, familiar, em roda da mesa austéra e burgueza — com a mamãe, o papae e os maninhos?

Ah! Mlle. Modernismo só voltou á casa para um fim: mudar de **toilette**, telephonar ao seu **flirt** n.° 2, ou n.° 3, e reencetar a sua vida ultra-elegante. Isso, depois de umas bôas pitadas de "poeira", ou de uma ampola de heroina, ou qualquer outro entorpecente...

* * *

E que mais? De que ainda é capaz mlle. Modernismo?

Ella é uma creatura illustrada: — linguas: francez, inglez, hespanhol, — letras, artes, sports, etc. Admittamos que se fatigasse muito cêdo. Assim, antes de meia noite, ella se recolheu aos seus aposentos.

Mas, por que essa terrivel insomnia? Por que não dormiu ainda — si o entorpecente a deixou amollecida, até aquella hora da noite?

Lê? Mas que lê mlle. Modernismo? Freud, senhores? Forel? Pitigrilli? Dekobra? Einstein? Pirandello? Lê tudo isso. Mas, agora, o volume que folheia é — "La femme aux prises avec la vie", de Gina Lombroso, obra de feminismo candente...

Continúa a fumar. Viciada, embriaga-se com perfumes de Worth, no qual embebe o seu lencinho de seda, para conserval-o perto do nariz...

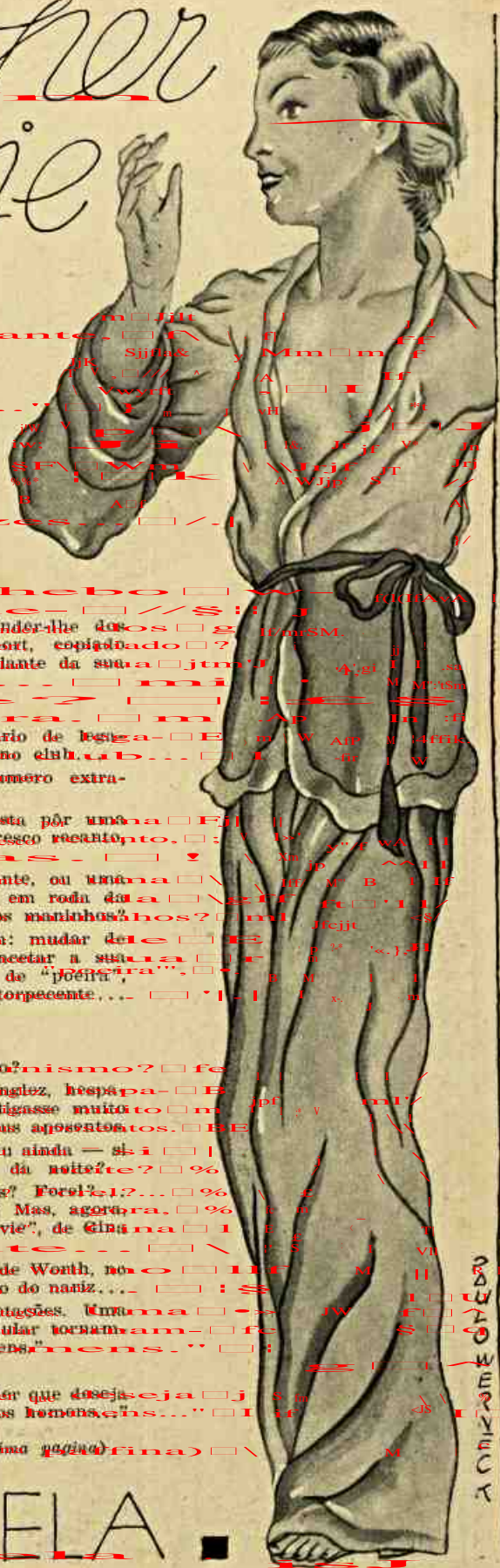
De repente, fecha o livro, onde deixou varias annotações. Uma dellas? — "As mulheres condemnadas ao isolamento cellular tornam-se loucas e succumbem mais depressa do que os homens."

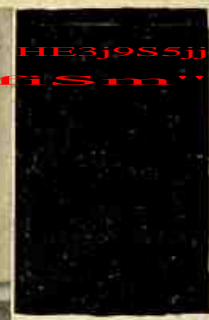
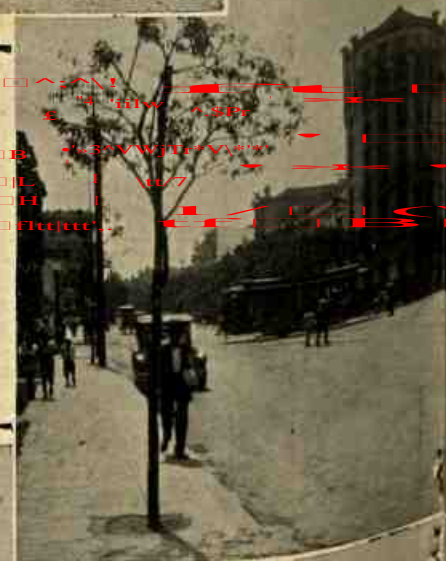
Outra:

"A belleza é uma arma poderosa nas mãos de uma mulher que deseja agradar, que procura attrahir, não um homem, mas muitos homens..."

(Continúa na ultima pagina)

BASTOS PORTELA

O Rio de hontem e de hoje.

O largo da Lapa em 1907, no trecho onde foi aberta a avenida Mem de Sá.

O largo da Lapa em 1932, depois da abertura da avenida Mem de Sá.

COMPARADO com o Rio senior, isto é, o Rio pae, o Rio actual, ou antes, o Rio junior, é um sonho daquillo que o primeiro poderia idear: ruas largas, asphaltadas, com os seus "tramways" velozes, os seus autos luxuosos, as suas arvores typicas, os seus letreiros luminosos, os seus jardins, os seus arranha-céos... Que mais? Não é preciso ir além. O Rio de hontem é uma caricatura do Rio limpo, modernizado, chic, de hoje. E, então, quando a illumina a graça da carioca, cujas silhuetas desfilam, como sombras douradas, pelas nossas avenidas, á hora suggestiva do "footing", a nossa capital póde orgulhar-se de ser elegante e bella. Façamos, com auxilio dos flagrantes desta pagina, o confronto do Rio de hontem com o Rio de hoje.

Rua Frei Caneca, esquina da Avenida Mem de Sá, hoje e antes da abertura desta Avenida.

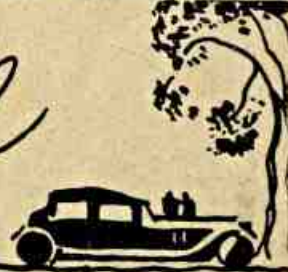
A Praça da Republica em 1907.

A Praça da Republica em 1932

1907

1932

LITERATURA

EM 1907 E EM 1932

NÃO se trata de nenhum estudo de literaturas comparadas. Nem mesmo de um curso, em que eu tentasse ensinar como evoluiu a nossa literatura, nos ultimos 25 annos, espaço que marca a existencia de FON-FON.

O Rio maravilhoso de hoje depressa esqueceu o que ficou atraz...

Quando o bonde de burro e o tilbury desappareceram, deante do primeiro automovel que célere cortou as avenidas da cidade, esta revista surgiu atroando aos ares a buzina do progresso: FON-FON.

E, *fonfonando*, rasgou novos horizontes á nossa depauperada literatura, privilegio de um então reduzido grupo de homens que vestiam as idéas pelo figurino das escolas importadas.

Na historia da literatura brasileira, FON-FON marca uma época, porque pelas suas columnas vehiculou o pensamento de uma geração, sadia e forte, seiva americana, destinada a cumprir destinos gloriosos.

De 1907 a 1932, até mesmo o aspecto physico dos n o s s o s escriptores se modificou, tornando-se mais consentaneo com a physionomia da natureza, viril, vestida de branco.

Impossivel imaginar-se Medeiros e Albuquerque, por exemplo, mettido numa sobrecasaca soturna, de c h a p é o côco, bigodeira farta, cavanhac, espetado á porta da Garnier, discutindo a *immortalidade da alma*...

Nem se poderia arranjar publico para ouvir o sympathico sr. Coelho Netto discorrer sobre *Os espectros divinos*, ali numa sala do Instituto de Musica.

Tudo mudou!

Medeiros, espirito eclético, usa agora chapéo de palha, tem o rosto raspado e ambientou igualmente a sua prosa scintillante:

Coelho Netto, que se apegou ao chapéo de massa, ao colete, á gravata branca e ás calças estylo capa de espingarda, ficou sendo uma reliquia dentro do *passadismo*. Preciosa reliquia. E o povo caminhou para a frente, buscando o verdadeiro sentido da vida.

Esta casa teve, de começo, como principaes redactores, dois espiritos de escól: Mario Pederneiras e Gonzaga Duque.

Mario Pederneiras é considerado, com razão, um dos mais doces e emotivos p o e t a s contemporaneos, que usou o metro livre, com rara pericia. Foi o cantor das coisas singelas, que fugiu ao martyrio parnasiano, para consagrar-se ao louvor da belleza da nossa *urbs*. Elle cantou o Passeio Publico, o Corcovado, as arvores da rua, os costumes da cidade. Era um enamorado da terra carioca, esta terra que ainda lhe deve uma herma no seio de um dos seus jardins.

Céo de velludo,
Negro e macio,
De noite cheia de humidade
E frio...
Findo o trabalho,
Onde envelheço os dias
E aborrecidamente me dis- [*trahio*
Embuçado no commodo [*agasalho*
Do meu sobretudo,

A bohemia intellectual de 1907. Sentados: Mauricio de Medeiros, Raphael Pinheiro, Oscar Lopes, Antonio Torres, Guerra Duval, Olavo Bilac, Horacio Cartier (?), Heitor Lima e Gregorio da Fonseca. Em pé: Sebastião Sampaio, Luiz Edmundo, Martins Fontes e Leal de Souza.

Euclydes da Cunha e Graça Aranha em 1907.

Para sentir as emoções va-
[dias
Da alma nocturna e fria
[da cidade.
A terra cheiro, bem a flor
[e hervagem
Humida de matto,
E, excitante e subtil, em
[tudo actúa,
Inspirando o olfacto
E a aragem...
O perfume sensual de uma
[noite de lua.

Nem um outro rumor, além
[do que o meu passo
Produz na pedra lisa da
[calçada
Da Rua intermina e ca-
[llada...
Como lenta e vadia, ainda
[a lua
No espaço,
Assim, ando eu na Rua.

.. ..

Ao lado de Pederneiras, viveu Gonzaga Duque, o mestre da critica de arte. Então, Fon-Fon attrahiu a colmeia dos novos.

Veiu Gustavo Barroso, que tem nas mãos a direcção espiritual desta casa.

Vieram Hermes Fontes, [illegible] Santos, Lima Campos, Victorio de Castro, Alvaro Moreyra, Olegario Marianno, Felippe d'Oliveira, Homero Prates, Rodrigo Octavio Filho, Ronald de Carvalho, Osorio Dutra, Adelmar Tavares, Claudio Ganns e tantos outros que são a expressão do pensamento moderno.

Si eu continuasse a enumerar nomes literarios que passaram ou foram focalizados pelo Fon-Fon, teria de abrir columnas, repetindo o que está no conhecimento do mundo das lettras.

Quem quizer escrever a historia da nossa literatura nos cinco lustros derradeiros, terá fatalmente de consultar estas paginas, parando o olhar em cada uma dellas, colhendo emoções, fixando bellezas, tendo um sorriso para os eleitos, uma lagrima para os que evadiram, descrentes da gloria ephemera das letras... Amadores e profissionaes, uma côrte luzida.

Uma singular multidão de artistas, martyres da inveja alheia, da burguezia que tem numa bôa digestão a unica razão de ser da vida... Mas é, afinal, para satisfação do "paladar" que se renova, do burguez, que nós estabelecemos tambem rumos diversos ao nosso espirito, rompendo por vezes os modelos classicos, escandalizando pela falta de medida das idéas. Então a senhora Critica rotunda e vesga vem ao nosso encontro, azeda...

Porque nós estamos esquecidos das lições dos *mestres!* Ah! os mestres...

São tantos... Porem, acaso, em 1932, nós devemos entreter relações com o publico á maneira de 1907? O jornal de hoje, trepidante, nervoso, sensacional, tem alguma coisa parecida com a gazeta doutrinaria, secca, insipida, lida pelos nossos paes da primeira á ultima linha? Os primeiros redactores de Fon-Fon saberiam attender ao gosto da sua clientela actual? O meu tem de ser mais variado, até o infinito... As casas de hoje são de cimento armado, e nem por isso deixam de exhibir uma physionomia mais agradavel que os sombrios pardieiros coloniaes. Os livros se fazem tambem obedecendo a uma technica nova. Livros de cimento armado... Por que não?

Não ponho na phrase nenhum conceito pejorativo. Livros de idéas arejadas, trazendo nas suas paginas a alegria desordenada do seculo. Porque assim fazemos a nossa literatura, colhendo motivos pelos salões onde a valsa lenta é uma reminiscencia da vida anemica dos romanticos, sêres inferiores, aos olhos da actual geração amante do rythmo das musicas selvagens.

Foxtrotando, architectamos a chronica, um conto de fadas... As *garçonnes* cariocas já se conhecem, como as suas irmãs parisienses. Bôa bola... Da pontinha... Gosto de você mas não é muito, muito... Uma literatura de roupa de brim, fresca.

Não é mais possivel o uso da cartola... Os caturras que não interpretam o sentido exacto da vida, vendo tudo através das lentes escuras do pessimismo, proclamam a inferioridade das coisas actuaes, distanciados como andam de tudo.

Por que não morreu Bilac?

Simples é a resposta.

E' um masculo, quente, tropical, que nós sentimos.

.. ..

Diz tua bocca: "Vem!"
"Toda mais!" diz a minha,
[a soluçar... Exclama
Todo o meu corpo que o
[teu corpo chama:
"Morde tambem!"
Ai! morde! que doce é a
[dor
Que me entra as carnes e
[as tortura.
Beija mais! morde mais!
[que eu morra de ventura,
Morto por teu amor!

(Concl. na ultima pagina)

Medeiros e Albuquerque de sobrecasaca e chapéo côco...

Afranio Peixoto quando era chefe do Gabinete Medico-Legal da policia.

Raul e Calixto, duas figuras populares dos circulos intellectuaes do Rio de Janeiro. Nota para o leitor: este instantaneo foi apanhado em 1907...

MARIO POPPE

Coelho Netto no dia em que realizou, no Instituto de Musica, a sua famosa conferencia sobre «Espectros Divinos», ha vinte e cinco annos.

Quando o FON-FON nasceu, Viriato Corrêa era assim...

Factos de hontem

Politicos e Diplomatas de 1907.

Uma parada em 1907

O carnaval em 1907

Um jogo de foot-ball em 1907.

e de hoje
Politicos e Diplomatas de 1932.
O Carnaval em 1932.
Uma parada em 1932
Um jogo de foot-ball em 1932.

Sr. Sabino Barroso, deputado por Minas Geraes.

Srs. Sá Peixoto e Jonathas Pedrosa, membros da representação amazonense no Congresso.

Srs. Epitacio Pessôa e general Pires Ferreira, da alta politica do Norte.

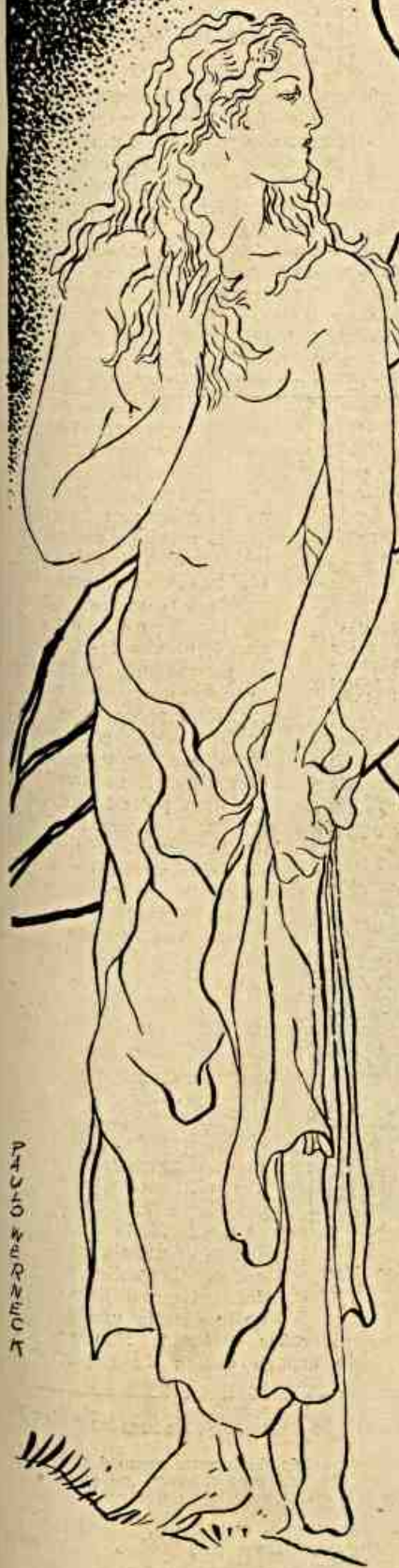
O sr. José Bonifacio de Andrada e Silva palestrando sobre a politica mineira...

Srs. Bernardo Monteiro e Henrique Salles, deputados por Minas Geraes.

O sr. Pandiá Calogeras ouvindo um candidato a emprego em plena rua...

Ao centro: srs. Carlos Peixoto Filho e Pinheiro Machado, os dois grandes dirigentes da politica nacional. Em baixo: sr. Lauro Sodré, senador pelo Districto Federal.

Srs. Gonçalves e Julio de Mello, deputados por Pernambuco.

Ó MOCIDADE!

A derradeira chuva inebriante de tuas rosas!
— O' mocidade! — que me offereces um triste adeus!
O mais doloroso para a surpreza dos olhos meus.

Ah! os vinte annos! tudo se perde, tendo-os perdido!
Todas as cabeças de vinte annos são gloriosas!
Estou defronte de um jardim fechado, muito florido,
De que não pudesse, nem sequer ao menos, tocar
[um ramo...
Tão perto, e, emtanto, inalcançavel, inattingido!

Confiei que fosses — ó mocidade! — uma perenne
[chuva de rosas!
Sentir que te amo perdidamente, que te amo, te amo!

De teus sonhos sempre, como escolhido, viver co-
[roado!
Si te retivesse o beijo balsamico, o halito encantado!
Arrependimento de não haver mais soffrido e ainda
[mais amado!
E, distrahidamente, teu vinho rico haver entor-
[nado...

— O' mocidade! — para que a vida sem a frescura
[de tuas rosas?

Oliveira e Silva

da arte do silencio

DO momento famoso em que, n'uma *cave* de Paris, os Lumiéres fizeram passar, em uma tela minuscula, deante d'um publico sceptico de scientistas e curiosos, o seu primeiro film animado — umas rapidas dezenas de metros de pellicula —, ao momento presente, em que a grande industria artistica tem a seu serviço, n'uma subserviencia invencivel, todas as maiores bellezas da arte e da mechanica, vae um salto brusco de tempo, pouco mais de um quarto de seculo, que, pela sua exiguidade, é um indice claro da vertigem da vida humana nos tempos modernos. Na verdade, nunca uma descoberta scientifica, pondo de parte os annos das tentativas, caminhou mais rapidamente para a sua finalidade, sem se deter, mesmo quando troava o canhão e se ceifavam vidas aos milhares. Nessas circumstancias limitou-se a mudar de logar e a continuar a sua evolução para a conquista do direito a sêr considerada uma arte pura. Por uma singular coincidencia, o cinema appareceu ao carioca quando lhe a p p a r e c e u o Fon-Fon. São irmãos gemeos, nascidos nessa febre de progresso e de transformações que sacudiu a velha cidade colonial e a fez surgir, pelo genio de Passos, por entre uma poirada de destroços, a formosa entre as formosas. Pelo *droit de honneur et de naissance*, a primeira sala cinematographica, o primeiro film, surgiu alli, na rua do Ouvidor. Foi uma iniciativa de Paschoal Segrato, logo seguida na Avenida Central por espiritos emprehendedores, como Marc Ferrez, Arnaldo Sousa e Staffa. O Pathé e o Parisiense, eis as duas primeiras "grandes" salas que abriram a marcha para a victoria dessa nova modalidade artistica, que rapidamente dominou o gosto do publico, dando, desde logo, a impressão de que seria um grande concorrente no campo das diversões cariocas. Não se me tornará possivel, no limitado espaço destas duas paginas,

O primeiro grande salão cinematographico do Rio: «Cine Pathé»

Scena de um film antigo. Max Linder em «O automovel do Max», da Essanay.

O AMOR MODERNO (conclusão)

Mas, a verdade é que a mulher nunca foi tão camarada do homem como depois que surgiu o amôr moderno. Nunca comprehendeu tão bem os seus deslises, as suas traições, as suas necessidades... Nunca o ajudou tanto nos momentos difficeis.

• • •

O amôr antigo? *Blague*... Thema que só se presta para dissertação e novellas...
O amôr moderno, na sua philosophia, toda especial, começa pelo fim...
E é o melhor meio de se evitar o conto do vigario no casamento...

...ao cinema falado

...marcar, pormenorizadamente, a evolução da industria cinematographica, no Rio, desde essa época até a construcção dos palacios da praça Floriano; mas é de justiça deixar annotado que a agitada vida cinematographica deu, durante muito tempo, uma nota viva de alegria, de mundanismo, de enthusiasmo, á arteria da grande Avenida, que se limitava pela Galeria Cruzeiro e a rua 7 de Setembro. Foi nos salões cinematographicos desse perimitro que se exhibiram, em noites memoraveis, a Bertini, Max Linder, Borelli, Psilander, todos os grandes italianos, francezes e dinamarquezes, por entre o ruido das orchestras das salas de espera, que tanta vida emprestavam aos modestos recintos em que o publico se agglomerava, sem conforto, mas contente.

Ali, ainda, começaram a apparecer os primeiros americanos, a quem a guerra entregou o mercado. Ali foi o reinado do film mudo, d'uma arte que se firmava em qualidades proprias, sem os pruridos de se misturar com o theatro, de se confundir lamentavelmente com elle.

Quantos nomes de mulheres seductoras, de artistas de talento passaram n'essas telas, — nomes de que quasi ninguem hoje mais se recorda. Theda Bara, a dos olhos mysteriosos; a elegante Borelli; a empolgante Pina Menichelli; Gustavo Sereno, Psilander, Prince, falando só de alguns primeiros, deixando de referir os que vieram depois, pelas pelliculas norte americanas, a tomar a alma dos cariocas, e de cujos nomes, tambem, elles precisam um pequeno esforço para se recordar.

O cinema, hontem como hoje, é um consumidor voraz de energias artisticas. Com o impulso com que ergue um nome, o atira ás trevas do esquecimento. E' a arte do momento que passa, e nada mais. Mas o seu apparecimento no Rio teve, ao menos, a vida d'uma ephemeride inolvidavel: nasceu com o Fon-Fon... e com a Avenida Central.

ANTONIO GUIMARÃES

A «Cinelandia» carioca, e seus modernos arranha-céos.

Um film comico moderno: Monte Blue e Clyde Cook em «Campeão Amoroso».

PAULO WERNECK

Toda a vez que um casal de namorados passa por mim, no descuido da sua felicidade, eu tenho vontade de repetir-lhe os versos de Bilac:

* * *

"Namorados, que andaes com a bocca transbordando
De beijos, perturbando o campo socegado
E o casto coração das flores inflammando,
Piedade! — Ellas vêm tudo entre as moitas escuras...
Piedade! esse impudor offende o olhar gelado
Das que viveram sós, das que morreram puras!"

Artistas de hontem

Vera Sergine.

Max Linder.

Pearl White.

André Deed.

Prince.

Emmy Lynn.

Napierkowska.

Artistas de hoje

Jeanette MacDonald

Charlie Chaplin (Carlitos).

Norma Shearer.

Maurice Chevalier.

Ramon Novarro.

Marleine Dietrick.

Greta Garbo.

FON-FON no CINEMA

Direcção de
Wlater Lang

Interpretação de:

Bert Lytell
Dorothy Sebastian
William Morris
Richard Tucker
Maurice Black
Claire MacDowell
Howard Hickman
Rita Carlyle

IRMÃOS (BROTHERS)

PRODUCÇÃO DA COLUMBIA

DOIS irmãos gemeos são separados na infancia, quando se encontravam num asylo de orphãos. Um é levado para uma atmosphera de riqueza, o outro para um ambiente de pobreza. O rapaz rico, um advogado, leva uma vida dissoluta, tornando-se criminoso de morte. O rapaz pobre ganha a vida como pianista de café e leva uma existencia serena. Devido á sua semelhança com o outro, Eddie Connolly, o rapaz pobre é acusado do crime praticado por seu irmão, Bob Naughton, cuja identidade elle desconhecia até então. Uma brilhante defesa

que Bob demonstra que Eddie não teve participação alguma no crime. Bob soffre um collapso e é levado para um sanatorio. Eddie, a pedido do coronel Naughton, toma o logar do irmão na casa, pois a senhora Naughton, nada sabe a seu respeito. Eddie accede. Morando na nova residencia, em outro meio, elle se apaixona por Norma, noiva de seu irmão. Está decidido a não supportar aquella situação. Quando está para partir, chega a noticia da morte do irmão. Aproveita a opportunidade e declara o seu amor a Norma e assim continua vivendo na casa dos Naughton.

IDYLLIO AMARGO

FOX MOVIETONE

com Warner Baxter, Leila Hyams e Ralph Bellamy

DUMAINE, um joven e guapo sargento francez, vê-se prisioneiro dos allemães, e com elle todo o esquadrão que commandava. Atribulados pelos negros dias que os esperavam, Dumaine e quatro dos seus camaradas estudam, durante a noite, o meio mais facil para obter uma fuga. E, após mil peripecias, conseguem levar a effeito o audacioso plano, sendo, como era de esperar, capturados, pelas immediatas providencias dos inimigos. Submettidos a interrogatorio, são julgados e condemnados a trabalhos forçados. Dumaine, entretanto, devido, talvez, á sua linhagem e educação primorada, é indicado para servir no castello do conde Reichendorff, um nobre allemão, homem de 70 annos, que transformara aquelle vetusto solar em hospital de sangue.

Com o venerando ancião, habitava a linda Axelle, noiva de seu filho Dietrich, que, com os tres irmãos da moça, tinha seguido para o «front», onde este perdera a vida lutando pela patria! Axelle, por convenções familiares, accedêra no seu noivado, porquanto não amava o filho do conde.

Esses tres annos de tremendas e crueis incertezas, de provações intensas, fizeram nascer, no coração do capitão Elbing, um ardente e impetuoso amôr pela linda Axelle. Devido á conducta de Dumaine, e ainda por sua cultura, pois era engenheiro, é elle incumbido de proceder á installação electrica do castello. Recebido friamente pela joven Axelle, Dumaine não esconde a grande sympathia que lhe inspirou a bella allemã. Deante daquella convivencia diaria, a frieza e o muito orgulho de Axelle foram cedendo aos impulsos do "deus Cupido" e ella viu em Dumaine, não o inimigo, mas o cavalheiro como jamais havia sonhado.

Barreiras existiam: ella era allemã, e elle francez; estavam em pleno apogeu da guerra! Passam-se os dias, e Dietrich, gozando um pequeno repouso, volta á casa paterna, completamente outro. As cruezas das batalhas o tinham transformado, e para tanto veiu a saber do grande amôr de Elbing por sua noiva, muito embora soubesse não ser elle correspondido.

Mal visto por seus compatriotas, Dumaine, sabendo que elles desejavam escapar mais uma vez, procura dissuadil-os, lembrando-lhes o perigo a que estavam expostos. Vendo frustrado todos os seus appellos, Dumaine resolve, por espirito de camaradagem, acompanhál-os naquella terrivel aventura.

Madrugada alta, elles estavam preparados e já iam escalar o limite da prisão, quando são presos e entregues ás autoridades germanicas, que os condemnam ao fuzilamento.

Axelle, sabendo que nas mãos do capitão Elbing estava a sentença, pede, roga, implora, em nome do seu grande amôr, salvar Dumaine, o unico homem a quem, na verdade, ella amava. E, como providencia divina, veiu, emfim, o armisticio, coroando assim de risos, flôres e amôr, o idyllio que fôra bem amargo no seu inicio, mas que seria, d'oravante, bello, sincero e forte como a propria eternidade.

O AMOR ANTIGO

(Conclusão)

Em consequencia de tudo isso, o amôr moderno é uma farça divertida em que entram todos os factores: até mesmo, ás vezes, por acaso, o coração... Cupido atola-se num oceano de lama. E' negocista e pratico. Não suspira: faz contas... Não sonha: digere... E o maior castigo do homem, que o perverteu, é, como o de Belzebuth, esta sentença atroz: não poder amar...

Desse modo, a Vida vae-se tornando, para os que ainda entendem o aza de uma borboleta ou a petala de uma rosa, uma horrivel casa de pensão em que os hospedes são roubados de dia e — á noite — sugados de persevejos...

SUA ESPOSA PERANTE DEUS

DA PARAMOUNT

com Gary Cooper e Claudette Colbert

SAM WHELAN, apesar de commandar apenas um cargueiro de pouca monta, exige dos seus homens a mais severa disciplina, tanto a bordo como em terra. Succede, porém, que em Timarindo, um dos portos de escala do navio, Sam vae á terra, e, de visita ao Café de Alisandro, se envolve num terrivel conflicto a proposito de uma rapariga que alli trabalha.

De regresso ao navio, a meio da viagem, Sam encontra ao abandono, num bote, uma criança de tenra idade. Leva a criança para bordo e encarrega dois marujos, Mark e Alósio, de olhar pelo petiz até que seja possivel alojál-o convenientemente em terra. A criança conquista, porém, o coração de Sam, que logo resolve adoptál-a. Os dois rapazes não se ageitam ao estranho encargo que lhes deu o capitão, e este, então, resolve tomar uma ama, e encarrega o agente do navio de descobrir uma rapariga que sirva para tal.

A esse tempo, Sally Clark empregava os derradeiros vintens das suas economias no custeio da sua passagem numa escuna que devia levál-a a Timarindo. Reclamada como testemunha pela justiça de Nova York, a proposito de um caso de extorsão de dinheiro, ella preferiu exilar-se, iniciando, desde então, uma peregrinação que a fez bailarina de music-hall, em varios logares por onde andou. No Café de Alisandro, encontra carta de uma sua amiga, de Nova York, annunciando-lhe que agora já póde voltar á sua cidade natal, sem risco de ser incommodada pela justiça. Não obstante esse aviso, Sally pede contracto a Alisandro, ao que elle oppõe uma terminante negativa.

Volta Sally ao escriptorio do agente da companhia de navegação, na esperança de que se lhe depare algum meio de regressar a Nova York, e ali vae encontrar Sam, a examinar as pessôas que se candidataram a servir de ama á criancinha. Mas Sam não acceita nenhuma, insistindo com o agente que o que elle quer é uma rapariga decente e sympathica, que se affeiçõe ao menino, e não aquelles mostrengos que lhe foram apresentados. Depressa Sally trata de apagar o carmim nas faces, de puxar para traz o cabello, de disfarçar o modelo da sua saia, um tanto curta. Em resposta ás perguntas que lhe faz, ella conta-lhe que chegou recentemente de Trinidad, onde seu pae, um missionario, acaba de expirar, e que o seu proposito é alcançar Nova York e ali se reunir aos seus parentes. Sam, cujo navio vae agora para Nova York, contracta-a, afinal, para ama do menino, garantindo-lhe a bordo do cargueiro a mesma segurança que lhe poderia offerecer qualquer navio de classe.

Sally toma-se de grande sympathia pelo orphãozinho, e encontra dedicados auxiliares em Mark e Alósio; mas, infelizmente, Gafson, o immediato do navio, recorda-se de a ter visto a trabalhar em varios music-hall de portos do Pacifico, e resolve que disso tirará vantagem. Sally contesta que jamais o houvesse visto, mas Gafson resigna-se a esperar, confiante na sua memória.

Effectivamente, quando, ao chegar o navio a Nova York, ella agradece a Sam o seu tratamento respeitoso e se encaminha para o seu camarote a preparar a sua bagagem, Gafson lhe vae no encalço e tenta abraçal-a. Sally repelle-o, e a luta desperta a criança, que prorompe em gritos. Sam, temendo alguma novidade, corre ao camarote, e em defesa de Sally luta com Gafson, a quem acaba por atirar ao mar, por sobre a amurada do navio. Immediatamente, é arriado um escalér, mas o nevoeiro não consente que os trabalhos de salvação surtam resultado, e Gafson desapparece. Sam de novo recebe os agradecimentos de Sally e em breve os dois estão nos braços um do outro.

Depois que o navio atraca, Sam e Sally dirigem-se á terra para se casar. Sam é, porém, chamado com urgencia ao escriptorio do agente da companhia e ali enfrentado por Gafson, salvo por um transatlantico, e que o acusa de haver tentado assassinal-o. Sam confirma que lutou com elle, sim, mas em defesa de uma mulher, obedecendo ao que determinam as leis do mar. Quanto á versão sobre o passado de Sally, esta, a principio, tenta contestál-a, mas Gafson ameaça offerecer prova testemunhal, e a rapariga não tem remedio senão acceitar a acusação. Reconhece ter tentado illudir Sam, que é logo posto em liberdade, mas não quer mais saber della.

Sam manda Alósio levar ao seu destino a bagagem de Sally, e vae para terra. Confia a guarda do petiz a um grumete, o qual, depressa vencido pelo somno, deixa o menino abandonado o [illegible] que cae sobre o convéz do navio. Começa a chover forte, e quando Mark volta a bordo, encontra a criança ensopada de agua e chorando afflictivamente...

QUATRO FILMES QUE ARRASTARÃO O PUBLICO, MAGNETISADO PELO FULGOR DE NOSSAS ESTRELAS:
O MEDICO E O MONSTRO
(Dr. Jekyll and Mr. Hyde)
com FREDRIC MARCH — MIRIAM HOPKINS e ROSE HOBART.
SILENCIO
(Silence)
com
CLIVE BROOK
e
PEGGY SHANON
A LUDIBRIADA
(The Cheat)
com
Tallulah Bankhead
P'RA QUE CASAR ?
(Girls About Town)
com KAY FRANCIS, LILYAN TASHMAN, Eugene Pallete e Joel McCrea.
Paramount Pictures

A CURA

De Isabel Figueira

HAVIA varios annos que Delia Maneu, uma formosa joven loira, com uns olhos verdes bellissimos, soffria de um mal desconhecido. Rodeada de todos os encantos de uma vida confortavel, e dona absoluta de todos os seus caprichos, pois seus paes faziam tudo para cumulal-a de prazeres e lhe admittiam todas as fantasias. Parecia estranho que, com tantos meios para estar satisfeita com sua sorte, quizesse ella permanecer longas horas na mais absoluta quietude, alheia por completo a todo desejo de vida.

Um desengano amoroso, que suffocára em flôr suas mais caras illusões, a atirára ao mais profundo desalento. Indifferente a tudo que a cercava, sua apathia ia adquirindo, dia a dia, estranhas caracteristicas.

Aquella manhã, mal o sol surgiu no horizonte, ella se levantou precipitadamente do leito, com uma expressão de viva inquietude, como desde muito tempo não se via em seu bello rosto impassivel. Tomou seu banho, vestiu-se com simplicidade, sem se deter quasi em observar sua *toilette*. Mirou-se, depois, ao espelho, para dar um ligeiro toque de *rouge* nos labios exangues, e, uma vez executada essa manobra, calçou suas luvas de fina pelle e sahiu para a rua, resolvida a conseguir um balsamo para a pena que ensombrecia seus melhores dias.

Tivera conhecimento de um sábio chegado do Oriente, e ao qual se attribuiam poderes desconhecidos e infalliveis. Como um novo Messias, o sabio devolvia a vista aos cegos (de espirito) e fazia resuscitar os mortos (de illusões). Delia, desde o primeiro instante que ouvira falar do poderoso senhor, sentiu uma vivissima curiosidade em conhecer o sabio e vêr si elle lhe alliviava os males. Após grandes esforços, conseguira ser admittida na morada do mysterioso personagem. Com esse objectivo se levantára tão cêdo aquella manhã, pois tinha que ser uma das primeiras visitantes...

Em um bairro proximo da cidade, rodeada por um jardim cheio de rosas trepadeiras, residia o sabio em sua modesta casinha. Tão modesta, que as paredes mostravam já os tijolos desbotados pelo tempo.

Quando Delia Maneu se encontrou em presença do habitante de tão humilde lar, um estremecimento estranho a commoveu: era o influxo maravilhoso que exercia sobre quantos se aproximavam daquelle exótico ancião de longa barba branca como a de um patriarcha.

— Que sentes, minha filha? — perguntou-lhe o sabio, com voz pausada e rythmica.

— Uma tristeza infinita me tortura — respondeu Delia, com voz tremula. — Sou um pária em meio das riquezas que possúo. Nada me alegra, nada me consola, e já pensei em morrer.

— Morrer em tua idade, quando ainda não viveste? Não pódes ainda, minha filha, dirigir-te a tão altas regiões. Amas? — perguntou-lhe o sabio, olhando-a com infinita piedade.

— Amei, senhor. Amei muito, mas o desengano matou, furiosamente, minhas mais caras illusões.

— Disseste: *amei*. Então, queres dizer que deixaste de amar?

— Perfeitamente! — exclamou Delia, sem reflectir. — Para que havia de continuar amando a quem me enganou covardemente com outra mulher? Esqueci-o, mas ficou no fundo de minha alma uma profunda melancolia, impossivel de dominar.

— E' porque não amaste, minha filha — respondeu o velho, com serenidade.

— Que foi, então, essa angustia que abalou meu ser, mal se abriram meus olhos á luz das illusões, e que transformou minha vida inteira?

— Isso não foi amôr. Foi apenas uma paixão. E paixão não é amôr — respondeu o velho, com a serenidade e a convicção de quem possúe o conhecimento da verdade. — O amôr, fonte infinita de delicias, é eterno como Deus, que é o proprio amôr. Si houvesses sentido o amôr, não terias dito: *amei* — porque não poderias deixar de fazel-o. O amôr não tem passado; é sempre um glorioso e perenne presente.

"Um espirito impregnado de amôr se dá, como um dom divino; dá-se a quantos delle se approximem, em palavras amaveis, em sorrisos doces, em caridade e tolerancia. Dá-se sem esperar galardão algum, porque a intensidade do sentimento interno que o anima não admitte nenhuma outra manifestação. Em taes seres o egoismo de esperar um premio a seu esforço não cabe, porque não o necessitam. Elles possuem todas as riquezas, todas as venturas."

O velho levantou a mão fina e pállida, com o suave gesto do sacerdote que distribúe a benção a seus fieis, e lhe disse, com doçura infinita:

— Um amanhecer côr de rosa te aguarda. Olha serenamente o futuro, bem no alto tua pura fronte, com um unico ideal: amar. Ama sem esperar a recompensa. Mas ama sempre. Estás curada de teu mal. A paz seja comtigo!

* * *

Restabelecida immediatamente de sua estranha dolencia, Delia Maneu voltou brutalmente á vida das illusões com um conceito bem diverso do que tivéra a respeito dos motivos que lhe transformaram a existencia em uma absoluta apathia. A folia do mundo e suas lutas haviam desapparecido de seu espirito.

Amou. Amou sempre, como que obedecendo ao poder daquella ordem mágica, que o velho sabio lhe impuzéra.

Soffreu embates bravios do destino, mas, possuída daquella força sublime que tudo redime e purifica, a cada passo doloroso para o cume immarcessivel onde mora o amôr, se levantava com novas energias, sempre com a fronte pura erguida para o Ideal.

Passaram-se muitos annos. Sua fé não havia claudicado nunca. Seu rosto tinha a frescura de uma rosa.

Cinco formosas crianças a rodeavam: eram seus cinco filhos, filhos de um lar casto, onde reinavam a harmonia e o amôr.

Um dia, pensou nas passadas scenas de sua vida, e viu como fôra linda a jornada. Reviveu sorridente, toda a sua passada felicidade. Nunca um instante de

(Continúa na pag. seguinte)

AS PROXIMAS ESTRÉAS DA FOX
EM 2 DE MAIO NO
Palacio Theatro
COMP. BRASIL CINEMAT.
PASSAPORTE
AMARELLO
COM ELISSA LANDI e
LIONEL BARRYMORE
Direcção RAOUL WALSH
EM 9 DE MAIO NO BROADWAY
DEPOIS
do CASAMENTO
(BAD GIRL) COM
JAMES DUNN
SALLY EILERS
A linda combinacção
artistica descoberta de
FRANK BORZAGE

amargura moral a desanimára, apesar dos muitos obstaculos que o destino fôra collocando em seu caminho, com assombrosa estrategia experimental. Esquecêra por completo o significado das palavras: *tristeza* e *cansaço da vida*...

Quiz ir ao encontro do velho enigmatico que, num gesto tão simples, mas com uma força de

A CURA

(Conclusão)

suggestão imponente, lhe havia dado o segredo de tão maravilhosa panacéa para todos os seus males.

Pediu a seus filhos que a acompanhassem — santas e formosas flôres que haviam surgido ao poderoso influxo do amôr.

Com tão glorioso presente, se dirigiu ao bairro proximo da cidade aonde fôra triste e angustiada trinta annos atraz. Uma surpresa amarga a recebeu: a morada do velho havia desapparecido sem deixar rastros apparentes de sua existencia. Delia contemplou, com olhos espantados, um maravilhoso palacete de architectura ogival, esculpido em marmore rosa. Na frente, á maneira de symbolos, com letras gravadas em ouro, uma legenda que dizia assim: "Entra com alma de menino na morada do justo. Serena-te, e pensa."

A carinhosa mãe e abnegada esposa penetrou no interior e acompanhada de seus filhos, quiz orar naquelle estranho templo.

No centro da sumptuosa morada havia uma pequena extensão circular. Sobre a terra virgem, livre dos attributos ostentosos com que o homem a cobre, numerosas margaridas formavam uma phrase estranha. Delia leu, com olhos piedosos, estas palavras: *Omnia vincit amor*. Era a unica coisa que accusava a passada existencia do humilde e grande conhecedor da alma humana e suas fraquezas.

— O amôr tudo vence! — exclamou Delia, pronunciando as palavras escriptas em latim pelas modestas margaridas que são o symbolo dos namorados. — E' verdade — ajuntou, comprehendendo a mysteriosa mensagem que estava escripta nellas. — E' verdade: o amôr é a força mysteriosa que anima o kosmos e nos mostra a divina trajectoria para a morada do Todo Poderoso.

GUERRA
FLAGELLO DE DEUS

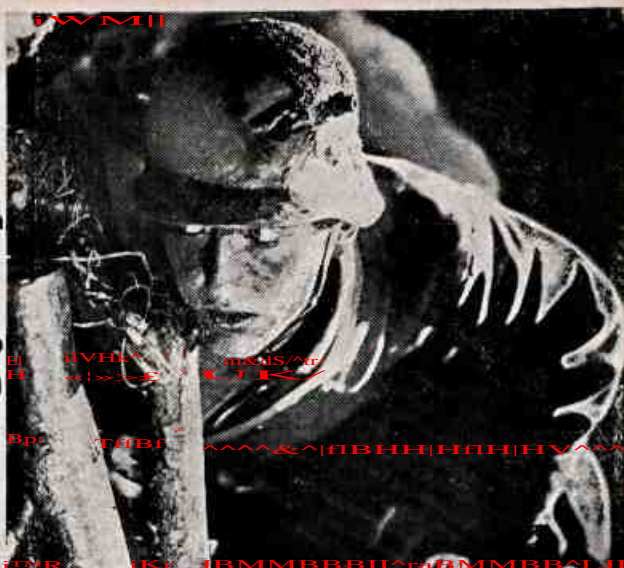
a mais veridica das producções que tiveram por thema a Grande Guerra

FORMIDAVEL! EMPOLGANTE!

Film synchronisado de G. W. Pabst

adaptado do famoso romance

"OS QUATRO DE INFANTARIA"

(VIER VON DER INFANTERIE)

No sol, á chuva, á neve, os quatro de infantaria marchavam sem cessar, em busca de uma victoria que fugia sempre.

Na patria, morria-se de fome; no front, morria-se tambem.

O fim que os esperava era o anniquilamento e, no emtanto, elles não fraquejavam nunca.

Era o inferno sem fim; o paroxysmo da loucura...

E elles marchavam, marchavam, marchavam...

O castigo

De Yves Dengh

JURA-ME, Pedro, pela felicidade do nosso filho, que não me enganaste; que o que me disseram de tuas relações com essa mulher é mentira; que essa Catharina Dorba, em quem eu depositava toda a minha confiança, não possúe mais do que tua estima...

Suavemente, elle a acalmava, procurando as palavras mais ternas e convincentes e gestos de grande doçura. Sua voz, que o temor fazia mais persuasiva, a envolvia toda como em um véo de ternura.

E elle mentia!... Mentia horrivelmente! Nos immensos olhos erguidos para elle, o homem lia uma decepção feita de incerteza e de suspeita. E o corpo frágil, tremendo inteiro contra seu coração, já não lutava contra a suprema agonia da felicidade.

Teve mêdo de perdêl-a, ou antes, de perdêl-os: a sua esposa e o seu filho. O mêdo traz a covardia, e elle foi covarde. Aquelles dois seres, a quem elle queria acima de todas as coisas, não eram, porventura, toda a sua vida, apesar da singular paixão que lhe inspirava Catharina Dorba?

Estranha complexidade do coração humano!

O olhar de Pedro procurou as brancas cortinas de mousseline sob as quaes repousava Joãozinho. Assim, pois, ali, sobre aquella doce cabecinha, devia lançar sua blasphemia horrivel.... Fixou os olhos, e não vacillou mais.

Com um brusco movimento que a inclinou toda para traz, Lydia se desembaraçou de seus braços. Não ousava traduzir a vacillação daquelle homem. Pareceu-lhe, de repente, que tudo havia terminado, que uma noite gelada acabava de succeder ao dia radioso de sol.... Fugir, sahir dali para longe, para bem longe, com seu pequeno nos braços...

Pedro interceptou seu olhar de allucinada, e ficou aterrorizado deante da horrivel visão que leu nelle: o lar deserto, vazio o berço.... O amor da esposa bôa e a ternura de seu filho desappareciam, então, sob aquelle mutismo, que não sabia como romper! Não! Conservaria o lar, a despeito de tudo...

Lentamente, avançou. Sua mão tremula apenas tocou a cabeça cacheada do menino, e, torturado, com o coração ardente de lagrimas, fechando os olhos para não ver, fez um falso juramento!....

Que esforço extraordinario não deve ter feito para abafar a voz de sua consciencia quando um ser, transfigurado pelo amor e a alegria, agora a seus pés, implorava docemente um perdão!

* * *

JOÃOZINHO já não existia! Levado por uma implacavel meningite, foi repousar para sempre sob a florida terra do cemiterio proximo.

Foi-se.... e em seu corpinho gelado deve ter levado a felicidade do lar, porque os dois seres que ficaram nunca mais sorriram.

Catharina Dorba teve conhecimento do pesar que ensombrecia cruelmente a casa de seus amigos. Ali chegou uma tarde.

A atmosphera estava tão pesada, que Lydia teve que ir para a cama bem cêdo. "Coração" — disséra o medico, apenas, com um tom vago, mas com accento tão inquietante, na emtanto, que Pedro se alarmou seriamente.

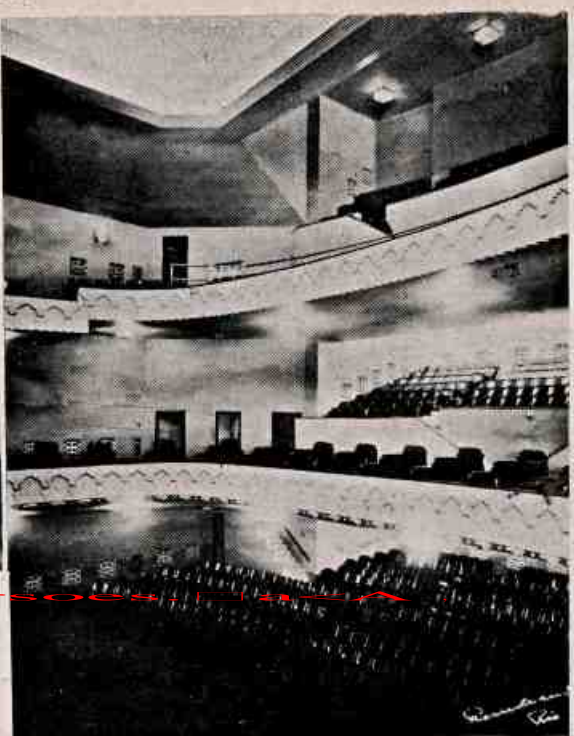
Catharina quiz ficar junto á enferma. A tempestade, ao longe, rugia surdamente, enchendo de sonoridades o valle proximo. Os relampagos eram como chammas na escuridão opaca e espêssa. Lydia repousava mais calma sob a maravilhosa acção do conteúdo de uma fina ampôlla, cujo esqueleto de vidro se achava ainda sobre a mesinha de cabeceira. O bem estar fictício, reflectindo-se no bello rosto, myrrhado, ganhou, sem duvida, a confiança de Catharina, porque ella abandonou o quarto envolto numa semi-penumbra.

Reinava por toda parte um silencio fúnebre. Do gabinete filtrava um pouco de luz riscando o tapete do corredor. Resolutamente, entrou. Pedro estava alli.

Com as faces apoiadas nas palmas das mãos, os dedos se enfiavam febrilmente na negra cabelleira. Não parecia o mesmo. Olhava vagamente, ao acaso, mas sua abstracção era profunda, porque não ouviu o ruido da porta ao abrir-se, nem o roçar do vestido que passou, no emtanto, tão perto delle, tão perto...

Ouviu uma voz. Uma voz ouvia distante ainda, harmoniosa, doce, affectuosa... Pouco a pouco se foi precisando em seu espirito pesado de dôr, as palavras lhe chegaram mais distinctas e claras. O perfume suave que impregnou o ambiente chamou á realidade os seus sentidos, devolvendo-os ao momento atroz em que estava vivendo...

(Continúa na pag. seguinte)

O amplo e elegante «foyer» da linda casa de diversões.

A sala de espectaculos.

Aspectos interiores do novo e confortavel

THEATRO CARLOS GOMES

da Empreza Paschoal Segreto, recem - inaugurado

Passadiço, entre a sala de chá e a platéa, no primeiro andar.

O salão de chá.

Voltou-se rapidamente. A mulher sobresaltou-se sob o olhar carregado de odio que recebeu em pleno rosto — um olhar como nunca tinha visto. Sobresaltou-se pelo tom gelado das palavras que articulavam os labios lividos:

— Retire-se daqui, eu lhe rogo, que seu logar não é aqui... e muito menos lá...

E indicou com a mão o aposento da enferma.

— Pedro, não posso comprehender sua attitude! Si ella ignora tudo (não é verdade?), porque essa attitude intransigente?

E, como elle protestasse com um gesto, Catharina replicou numa voz quente e emocionada:

— Só alguns dias a tratarei como si fosse uma irmã querida, ha de ver. A pobre Lydia tomou-me as mãos, subitamente, apertou-as longamente nas suas, e, baixinho, só para eu ouvir, me disse: "Obrigada, Katie, por ter vindo... Não me deixes... Promette-mo! Não é verdade que não me deixarás?..."

— E...

— E eu lh'o prometti!

— Não! E' impossivel! Você não póde ficar aqui! Todo o meu ser se rebella deante de tal pensamento.

E, apoderando se da frágil boneca, que apertou entre suas mãos febris e nervosas, continuou:

O CASTIGO

(Conclusão)

— Mas você... como é que você não comprehende isto?...

Ella olhou-lhe o rosto varonil contrahido pela dôr. Viu desfilar nos olhos de febre, que sondavam os seus, todo um passado de loucos transportes, de caricias roubadas á outra, á esposa, á amiga...

E ambos se calaram...

Pedro se aproximou da janella. A tempestade rugia sempre, a chuva cahia incessante e cerrada e as grandes arvores do jardim pareciam guardar em si mesmas o formidavel ruido da natureza desencadeada. Seus longos braços nodosos abandonavam ás furias do vento as frágeis folhinhas gemedoras. No infinito, as coisas se illuminavam sob a luz fugaz dos relampagos violentos.

Catharina avançou para aquelle a quem havia amado e que agora lhe fugia. Sentiu, naquelle instante, uma profunda ferida em seu orgulho de mulher bonita. Aquella deserção, não podia consentil-a sua vaidade de mulher adulada e sempre festejada.

A despeito do drama que se desenrolava, quiz conservar ainda, sobre aquelle homem, seu dominio de outr'ora, seu antigo poder, e, suavemente, tomando-lhe a mão, pediu:

— Pedro, deixe-me ficar... Quando ella melhorar, eu partirei...

— Por ella, está ouvindo?, só por ella consinto em que você permaneça aqui...

O tom era breve, incisivo. Mas isso pouco importava a Catharina quando ella ganhava a partida. Todo o seu ser gritava triumphante a cynica victoria! As mãos, que conservava entre as suas e que não procuravam libertar-se... Os formosos olhos sombrios, que já dulcificavam lentamente... Os labios cerrados.... Aquelle subito abatimento que se manifestava... Emfim, a concessão a seu desejo de permanecer na casa... Não eram acaso provas todas do dominio que ainda exercia sobre elle?...

Soltou as mãos e foi apoiar as suas nos hombros robustos, mas angustiados. Seus labios iam pousar na fronte ensombrecida...

Elle não poude fazer um gesto, e todo o seu corpo se petrificou. Pela porta entreaberta, lentamente, uma pequena fórma humana avançou, cahindo depois, pesadamente, ao solo... Branca apparição do outro mundo, de olhos dilatados para melhor reter em sua fixidez implacavel a suprema visão da certeza cruel...

O CÃO DA GRANJA

De JULIO RENARD

DEPOIS de longa caminhada, a familia Piccolin, fatigada, resolveu entrar numa granja, para se refrescar. O senhor Piccolin empurrou a barreira com o pé, mas se deteve, surprehendido, ao ver que um enorme cão se precipitava para elle, furioso, procurando desprender-se da corrente que o segurava. Exclamou, então:

— Bem se percebe que nunca nos viu!

E, dirigindo-se á dona da granja, que contemplava os vizinhos com indifferença, perguntou:

— Este cachorro morde?

— Oh! Morderia, si pudesse — respondeu a interpelada. — De noite, quando o soltamos, são bem raros os que se atrevem a passar pelos arredores. E' tremendo!...

— Já ouvi dizer que elles se amansam com queijo gruyére.

— Desconfie do que se diz, se tem amôr a suas canelas.

— Bem... Quer dar-nos quatro copos de leite?

A bôa mulher não se deu grande pressa em servil-os.

Terminou previamente o que lhe interessava a ella e depois foi entregando, com longos intervallos, a cada um dos membros da familia, seu copo de leite fresco.

Emquanto bebiam, a pequenos tragos, os Piccolin visitaram a granja, percorrendo os estabulos, detendo-se a contemplar os patos e as gallinhas e examinando demoradamente os instrumentos de lavoura, não sem voltar a vista, de vez em quando, para o cão que fazia grande barulho ladrando e forçando a corrente, para seguir a direcção dos visitantes.

— Ainda não te calaste? — exclamou o senhor Piccolin. — Então não somos ainda amigos?

— Tenho mêdo desse cão com esses dentes. Meninos, cuidado!

— Como te chamas? Leão? Tigre?

E passou revista a todos os nomes de cães imaginaveis, sem que nenhum delles surtisse o effeito desejado.

O senhor Picollin procurava serlhe grato fazendo-lhe mil caretinhas e chamando-o carinhosamente: "Pichicho... Pichicho...", ao mesmo tempo que batia, suavemente, na perna.

E o cachorro não deixava de ladrar.

— Vamos acabar com isso! Cala-te, que te vou estrangular! Felizmente, a corrente é forte...

E, convencidos da solidez da corrente e não podendo acalmar o cão, Piccolin resolveram excital-o ainda mais. Atiraram-lhe pedrinhas, gritaram, e o animal enfurecido, com a lingua de fóra, os olhos vermelhos e furiosos, fazia esforços inauditos para se soltar.

De repente, zas! a corrente salta, quebrada, e os Piccolin lançam, em côro, um grito de pavôr.

A mãe apenas poude exclamar "Meu Deus!". E ficou como uma estatua. Os meninos deixaram que os copos cahissem, e o senhor Piccolin, que ria, ficou com a bôcca desmesuradamente aberta, como si ainda continuasse rindo, mas reflectindo o olhar um terror panico.

E, quanto á dona da granja, pobre mulher!, esta deitou a correr levando os copos, e o senhor Piccolin se preparou para assistir a uma catastrophe.

Mas foi o cão que ficou mais espantado.

Ao ver-se livre, se voltou, surpreso, e contemplou a corrente que o prendia. E, como si houvesse sido surprehendido no momento de commetter uma falta grave, dando um grunhido surdo, metteu-se em sua casinha...

O QUE SE DEVE SABER

O FEMINISMO NO JAPÃO

A mulher japoneza não se tem conservado indifferente ás idéas avançadas de suas irmãs européas. Assim, a pouco e pouco vae-se adaptando ás mesmas, e adaptando as modas e costumes occidentaes.

Para tanto, teve de vencer prejuizos seculares e convencionalismos que eram verdadeiros dogmas na sociedade japoneza.

Graças, porém, á sua perseverança e vontade de triumphar, qualidades muito proprias da raça, conseguiu remover os obstaculos que encontrou no caminho da sua libertação sem, no emtanto, perder o encanto da sua intensa feminilidade.

Quem, ha um quarto de seculo, poderia admittir a hypothese de apparecer uma "Revista Feminina da Mulher Japoneza"?

Hoje em dia são em grande numero as jornalistas e escriptoras que escrevem nos diarios nipponicos sobre modas, politica, finanças, etc.

Durante as sessões legislativas as tribunas da imprensa enchem-se de mulheres. São chronistas parlamentares que levam nas suas bolsas, juntamente com o *baton*, o caderno stenographico. Conhece-se a senhorita K..., socialista avançada. Antes das francezas, obtiveram as japonezas o direito de votar. Muitas mulheres illustram, tambem, o magisterio nipponico. A senhorita Murota lecciona litteratura franceza na Faculdade de Letras de Neiji e a senhorita Tsuda — a primeira japoneza educada nos Estados Unidos — na escola que dirige obriga seus alumnos a trajar á européa.

No theatro, no cinema, a mesma victoria. Meninas japonezas dançam o *charleston* com o mesmo desembaraço das americanas.

E que dizer da evolução intellectual da japoneza?

Nos *ateliers* vêem-se algumas de blusa e cabellos curtos. Os salões de artes plasticas de Ueno estão repletos de quadros e esculpturas notaveis enviadas por expositoras de talento. Ha clubs femininos, á moda dos dos Estados Unidos e da Inglaterra, onde se fazem conferencias, e se discutem themas de actualidade, e se organizam leituras e recitativos.

Como se vê, a victoria do feminismo no Japão é um facto e em nada é inferior ao intenso movimento de opinião que a mulher occidental vem desenvolvendo no mundo.

"Vá dizendo
a toda gente"
ELIXIR DE
INHAME
DEPURA-FORTALECE-ENGORDA

UM AVENTUREIRO

De Frederico Boutet

VICTOR NORTIER, alto e corpulento, com um charuto entre os dedos, passeava por seu salão da avenida do Bosque. Sua filha, Gabriela, sentada ao lado de uma pequena mesa, fumava um cigarro egypcio e tomava o café que acabava de ser servido. A luz electrica illuminava brilhantemente o vasto salão, talvez demasiado sumptuoso, e onde apenas se ouviam, amortecidos pelo tapete, os passos do dono da casa. Nortier reflectia. Seu rosto barbeado e energico, de pelle macia e corada, parecia contrahido por alguma preoccupação, mas, na realidade, os pensamentos que o faziam assim eram agradaveis: Nortier pensava que um negocio realizado aquella mesma tarde ia accrescentar cerca de um milhão aos numerosos milhões que havia ganho em trinta annos de trabalhos encarniçados, de vontade, de audacia, de sorte e de perigos.

— Aqui tens o café, papae.

E, proferindo essas palavras, Gabriela, alta, esbelta, morena e muito bonita, aproximou-se de seu pae com uma chicara de café na mão.

Nortier interrompeu seu passeio e sorriu, com doçura. Viuvo havia dez annos, concentrára todo o seu carinho em Gabriela, que era sua filha unica.

— Obrigado, Gabrielinha... Mas a que horas queres ir ao baile?

— Oh! Não quero ir antes das dez e meia ou onze.

— Muito bem. Eu te deixarei lá antes de ir para o club. Ah! Mas a proposito: hoje o senhor La Haussaye me pediu tua mão para seu filho Armando.

— E' o quinto pretendente desde o primeiro dia do anno — disse Gabriela, rindo.

— Sim... Mas trata-se de uma familia muito distincta..., da nobreza burgueza..., digna, solemne... O pae..., o avô..., as allianças, os titulos... e uma pequena fortuna bem cuidada. O joven Armando La Haussaye é um rapaz sério, tranquillo... Tem um bello futuro... Possúe condecorações... Bem deves comprehender, minha filha, que, neste assumpto, não quero exercer influencia alguma sobre ti. Digo-te as coisas tal como ellas são... Tu resolverás.

— Papae — exclamou subitamente Gabriela, — tambem eu tinha uma coisa a dizer-te. Trata-se de outro pedido de mão que te vae ser feito, mas este com meu consentimento.

A moça ruborizou-se ligeiramente. Nortier franziu suas espessas sobrancelhas.

— Com teu consentimento?... Que significa isso? De quem se trata?

— De Bernard d'Ayrolles...

— Não o conheço.

— Sim, papae. No ultimo inverno, jantámos duas vezes em sua companhia, em casa dos Thévrigny... E uma noite, no theatro, ha coisa de um mez, eu to apresentei de novo... Não te recordas?

— Sim. Agora me lembro. Um rapaz alto, loiro, com ar de satisfeito de si mesmo. E a que se dedica?

— Creio que tem algum capital...

— E' um dos muitos *filhos de papae* que vivem lindamente, sem lutas nem trabalhos. O instituto, a Faculdade e depois o grande premio da loteria, isto é: um bom dote. O de Gabriela Nortier, por exemplo... E a installar sua incapacidade entre os milhões de papae Nortier... Em primeiro logar, não quero que te cases ainda... Preciso de ti para dirigir a casa. Eu já tenho muitas occupações.

— Mas, por que te hei de deixar, papae? Já disse a d'Ayrolles que não pretendo separar-me de ti. Si isso te agrada, morarei aqui com meu marido...

— E esse senhor d'Ayrolles ha de ter achado muito

O AVENTUREIRO

(Continuação)

razoavel teu desejo... Eu já o suspeitava... O mais curioso é que La Haussaye me propoz o mesmo em relação a seu filho. "Meu caro amigo — disse-me, — Armando não quer privá-lo da companhia de sua querida Gabriela. Si você quizer, o joven casal poderá ficar installado em sua casa. Armando está disposto a isso. Você lhe inspira tanto respeito e tanto affecto!..." Sim, eu sei; eu sei o que procura o joven Armando: uma mulher encantadora, um palacete luxuoso e a installação tranquilla entre os milhões do velho Nortier, que continúa ganhando alguns mais... Outro de teus pretendentes, Vilar-Laurier, filho do magistrado, orgulhoso como La Haussaye de seus antepassados, tambem consentiria em installar-se aqui.

— Então, meu pae, não permittes que d'Ayrolles?...

— Não! Por emquanto, não. Reflecte. Eu tambem reflectirei, e voltaremos a falar sobre o assumpto dentro de tres mezes. Isto mesmo eu disse ao senhor La Haussaye, que insistia em obter uma resposta... Dentro de tres meses...

— Mas, papae, eu não gosto, de maneira alguma, de Armando La Haussaye...

— Eu não te imporei ninguem. Mas agora quero que reflictas.

— E que direi a d'Ayrolles?

— Que espere trez meses. Eu não conheço esse moço e é preciso obter informações acerca de sua pessoa. Quando tiver essas informações, voltaremos a falar sobre o assumpto... Deixa-me tranquillo, agora. Vae preparar-te, que chegou a hora de sahirmos.

Gabriela não insistiu. Embora tivesse um genio energico e impulsivo, não ousava nunca resistir ás ordens de seu pae.

Meia hora depois, Gabriela entrava nos salões onde devia encontrar Bernard d'Ayrolles, que era um rapaz muito elegante e muito seductor, de maneiras desenvoltas e de aspecto decidido.

Decorreram as semanas, e Gabriela, que continuava sahindo assidua e livremente, via em sociedade Bernard d'Ayrolles, Armando La Haussaye, o joven Vilar-Laurier e seus outros pretendentes. Mas só d'Ayrolles lhe interessava. Ella não se atrevia a falar novamente a seu pae, mas ia ficando melancolica, o que começava a preoccupar o senhor Nortier.

Uma tarde de junho, achava-se Victor Nortier em seu gabinete, quando lhe annunciaram a visita do senhor La Haussaye. Era o pae de Armando homem frio e amarellento, de aspecto grave.

O visitante estreitou a mão de Nortier, sentou-se e começou a falar ainda com mais solennidade do que habitualmente.

— Meu querido amigo — disse, — venho dar um passo delicado, que é, para mim, além de um dever de amizade para com vocês, um dever de hygiene social.

— De que se trata? — perguntou, bruscamente, Nortier, a quem a maneira de falar do senhor La Haussaye irritava profundamente.

— Ha algum tempo, meu amigo, tive a honra de solicitar para meu filho Armando a mão da senhorita Gabriela. Você me pediu trez mezes para pensar e dar a resposta, coisa que achei desde logo, muito justa. Esperamos. Devo dizer-lhe que isto não tem a menor relação com o que vae você saber. Limitei-me a recordar um facto. Pois bem. Passo a outra coisa, que é a seguinte: a senhorita Gabriela conheceu, no ultimo inverno, na sociedade, um rapaz chamado Bernard d'Ayrolles. Conhece-o?

— Não, ou, pelo menos, muito pouco.

— Eu já o suppunha. Pois bem: esse moço mostra-se excessivamente amavel para com a senhorita Gabriela Nortier. Todo mundo tem notado e commentado isso, e mais que a senhorita Gabriela parece acalentar as pretenções desse moço. Não quero insinuar que a senhorita Gabriela transponha os limites das conveniencias sociaes, e si o fizesse ligeiramente, seria apenas apparentemente. Estou certo de que ella é innocente, e Armando, que vê nella, cada vez mais, a companheira sonhada, pensa da mesma fórma que eu. São coisas sem importancia, mas nem todo mundo o julga assim... Em resumo: a senhorita Gabriela poderia, sem suspeitá-lo, comprometter-se... E comprometter-se por quem? Vou esclarecê-lo sobre a verdadeira personalidade do individuo que ousa pretender a mão de sua filha. Em primeiro logar, elle não se chama Bernard d'Ayrolles. Seu nome é Emilio Bernard e nasceu numa aldeia que se chama Ayrolles. Veja só! Depois, esse cavalheiro pertence a uma familia miseravel: sua mãe era lavadeira. Faz-se passar por advogado, mas, embora haja terminado o curso de direito, ainda não conquistou o titulo. Chegado a Paris na idade de vinte annos, vive como póde, que é pessimamente.

(Continúa na pag. seguinte)

O AVENTUREIRO

(CONCLUSÃO)

Certa vez, esteve trabalhando até num theatro de Londres... Dirige, com um falso nome e sem lá apparecer, um café cantante de Montmartre, e vê-se que esse negocio caminha bem, porque o homem, agora, já póde apresentar-se na sociedade. Esse individuo fixou suas pretenções na senhorita Gabriela e quer compromettel-a, para que o casamento se torne necessario...

— E como soube você tudo isso? — perguntou Nortier, que escutava vivamente interessado.

— Por meio de uma agencia de investigações... Tudo quanto lhe disse desse aventureiro posso proval-o... Ha testemunhas irrecusaveis... Não deve você vacillar...

— Não vacillo! — exclamou Nortier, erguendo-se em sua cadeira. — Suas informações me são sufficientes... Esse rapaz é muito interessante. De qualquer fórma, é um homem que age, que arrisca, que luta... Recorda-me minha juventude, a época em que eu procurava afanosamente a fortuna... Aquelles dias em que você não me cumprimentaria na rua, senhor La Haussaye... Ah! Elle se chama Emilio Bernard? Pois eu me chamo Victor Nortier. E' filho de uma lavadeira? Pois minha mãe vendia fructas... Só? E' um aventureiro, e você veiu contar-me coisas calumniosas delle, ou, pelo menos, exaggeradas. Pois bem: tambem eu, quando, em meu inicio, procurava sahir da miseria, fui chamado de aventureiro, e um senhor La Haussaye qualquer fez

A MODA DE HONTEM — Antigamente, tres mulheres interrompiam o transito de uma rua...

DEPOIS DA PARABOLA

ENTRE a turba heterogéna e sob o céo da Gallilêa, vae o Filho do Homem dizendo sua palavra de Verdade e de Luz. Já seus olhos viram os crepusculos da Bethania, e seus pés sentiram a frescura das aguas do Cedrão. A rude gente de Capharnaum soube, tambem, de sua parabola, e as mulheres de Samaria ouviram o canto de sua doutrina magnânima.

Publicanos e phariseus, escribas e peregrinos de Magdala, homens de Nephtalim e do Hebrão seguem o rastro luminoso e nazareno do rapsodo de alvas vestiduras, que vae para a cidade de Levy.

Sua voz de milagre rola sobre a terra arisca, illuminada pelas rosas de Sarão, e sobe para a atmos-

uma investigação a cerca de minha pessôa e me denunciou calumniosamente, não para impedir que eu me casasse, mas para arrebatar-me o primeiro negocio bom que se me apresentava...

"Todos os demais pretendentes á mão de minha filha, com seu filho á frente, são seres insignificantes, que só servem para gastar o dinheiro que herdaram ou que lhes chega ás mãos facilmente... Eu estou envelhecendo, e quero descansar... Seria seu filho quem iria continuar meus negocios e defender minha fortuna e a de sua esposa? Eu preciso de um rapaz de meu gênero, que tenha coragem, que tenha audácia, que tenha força... Eu não quero uma gallinha molhada... O rapaz se chama Emilio Bernard e é um canalha... Pois bem: será o marido de minha filha... Não creio que elle seja um canalha... E mesmo que o fosse... eu o concertaria... Fique certo disso. Minha filha o ama, e, quando se casar com elle, me ajudará a fazer com que elle caminhe recto entre nós dois. Como caminhei eu, quando tive a sorte de poder mostrar o que valia!... E passe muito bem, senhor Haussaye!"

O outro, suffocado pela ira, pelo aborrecimento, foi logo sahindo, apressadamente, do gabinete de Victor Nortier.

Este tocou a campainha e ordenou a um criado, que appareceu, que chamasse sua filha.

— Minha querida Gabriela — disse elle, tranquillamente, depois, á joven, — já tenho informações a respeito de Bernard. Dize-lhe que póde vir falar-me... Parece-me que fizeste uma bôa escolha. Esse rapaz interessa-me.

A MODA DE HOJE — Nos dias que correm, só muitas mulheres...

(De "The Merry Magazine", de Londres)

De José Nucete--Sardi

...era limpida, confundindo-se com a harmonia das flautas e o canto dos pássaros de Deus.

Já Maria de Magdala soube de seu perdão e de seu amôr. Os lyrios se tornaram mais alvos á sua passagem e na Montanha resôa ainda sua lyrica palavra incomprehendida, que, apesar de adulterada por escribas e doutores, vae accender fogo de justiça na steppe dos seculos.

Mas na Judéa promoveram-se tumultos. Thiberio inquieta-se em Roma, e para além das palmas e das hosannas, para além da Porta Antoniana, espera Quinto Cornelio o Centurião, para cumprir a sentença de Poncio, que, em nome do Imperio, depois da parabola, crucifica a palavra de Verdade e de Luz.

NOTAS DE ARTE

ARRAU. — O grande pianista chileno Claudio Arrau que nos visitára em 1930, voltou agora, contractado pelo maestro-emprezario Sylvio Piergili, e fez-se ouvir no Theatro Casino, nas tardes de 7 e 9 de Abril executando estes programmas: I) — a) *Rondo em ré maior* — de Mozart; *Sonata em mi bemol maior* — de Beethoven; b) *Ballada em lá bemol maior, Dois Estudos, Scherzo, em si bemol* — de Chopin; c) *Danseuse de Delphes* e *Jardin sous la pluie* — de Debussy; *Allegro Bárbaro*, de Bela Barok; *Eu puero e Triana* de Albeniz — II) — a) *Variações em fá maior op.* 34 e *Sonata em fá sustenido maior, op.* 78 — de Beethoven; b) *Sonata em si menor* (dedicada a Schumann), de Liszt; c) *Almeria* e *Navarra*, de Albeniz; *Minstrels* e *L'Isle Joyeuse*, de Debussy.

Não diminuiu a impressão de belleza technica e esthetica que nos deu o pianista quando da primeira vez aqui esteve. A mesma bravura, a mesma sentimentalidade, a maxima nitidez através das mais tumultuosas passagens. Notámos ainda o que antes não haviamos notado: a capacidade especial do virtuose como interprete de Chopin. Pareceu-nos que as suas interpretações da *Ballada*, do *Scherzo*, e dos *extra* — que foram tambem Chopin, uma *Valsa* e um *Estudo*, se não nos enganamos — excederam todas as outras. A *Ballada*, principalmente, deixou-nos excepcional impressão. Ouvimol-a, vendo deante dos olhos todo o drama idealizado na poesia de Mickiewicz, que inspirou a musica de Chopin. Afigurou-se-nos que tocando Arrau tinha diante de si não só a musica como tambem a poesia da ballada.

De Beethoven foram interpretadas duas sonatas das menos tocadas e menos applaudidas. Dellas preferimos a *Sonata em mi bemol*, á *Sonata em fá sustenido maior*.

Sem subscrever o juizo irreverente de Vincent d'Indy que a qualifica de *insipida*, sentimos não se revela na *Sonata em fá sustenido maior* tudo que caracteriza o verdadeiro genio do mestre de Bonn. Por isso mesmo custamos a crer na opinião que attribue a Beethoven a classificação dessa *Sonata* ao lado ou acima da *Sonata em dó sustenido menor*, a tanto mais bella quanto mais ouvida obra-prima da musica de todos os tempos, a celebre *Sonata Ao luar*.

A *Sonata em mi bemol*, embora não nos impressione como a *Pathetica*, a *Appassionata*, a *Aurora* e outras obras-primas do genio beethoviano, e seja de genero analogo ao da *Sonata em fá sustenido maior*, genero leve, gracioso, alegre, comico, por opposição ao epico, e tragico, ou sublimemente lyrico das grandes composições de um dos maiores senão o maior de todos os musicos — agrada e diverte, encanta mesmo em certas passagens de accentuado lyrismo como no *Minuetto*, em que Saint-Saens foi inspirar-se para a sua famosa composição a dous pianos — *Variações sobre um thema de Beethoven*, que tivemos a dita de ouvir no antigo Theatro S. Pedro, executada pelo proprio autor e por Arthur Napoleão.

Talvez pela propria natureza da composição, o certo é que não ouvimos com muito agrado a interpretação que deu Arrau á *Sonata em fá*, ao passo que applaudimos toda a execução da *Sonata em mi*.

A *Sonata* de Liszt — que nos parece reunir as maiores difficuldades á mais alta belleza — foi para Arrau triumpho semelhante ao da *Ballada* de Chopin.

Embora não nos tenha sempre emocionado em Debussy e Albeniz como outros grandes pianistas já nos emocionaram, comtudo é de justiça louvar as interpretações de *Jardins sous la pluie* e *Minstrels*.

Mas, simples questão de gosto, as nossas restricções, que não são as de um critico, no sentido integral em que deve ser tomado esse termo, mas de simples chronista de impressões, não envolvem reparo á arte do grande pianista sul-americano, já acclamado por platéas européas e que o nosso publico mais uma vez saudou com frequentes e enthusiasticos applausos.

Se ainda houvesse tempo, lembrariamos ao maestro Piergili conseguisse do grande pianista só realizasse um recital, com obras do poeta do piano, um recital-Chopin. Dada a maestria com que a interpreta o mestre polaco — musico unico, que, por assim dizer não teve antecessor nem successor — era de esperar mais um grande exito para o notavel interprete.

OSCAR D'ALVA

Póros abertos

Os póros do rosto fecham infallivelmente com o uso de um só vidro do maravilhoso

DISSOLVENTE

O DISSOLVENTE NATAL obriga que os póros se fechem e acaba com as rugas, manchas, pannos, sardas, espinhas, cravos, etc. Usado pelas actrizes de cinema para a limpeza diaria da pelle.

A' venda em toda parte.
VIDRO 5$000
Pedidos pelo tel.: 4 - 6106.
L. R. SOUZA
Caixa Postal 2167 — RIO.
Envia-se, a quem mandar o endereço, informações gratis sobre o famoso
DISSOLVENTE NATAL

Uzem
TONICO
N. 10
de Mme. SELDA POTOCKA

Alisa, amacia e dá brilho ao cabello.
Pedir prospectos gratis.
RUA SENADOR VERGUEIRO
233
RIO DE JANEIRO

OURO!

A PROCEDENCIA DA LARANJA, GARANTE O SEU MERCADO

Para conseguir esta preferencia é cultival-a no Municipio de Iguassú, no logar denominado

PARQUE NOVA IGUASSU'

(Propriedade de Guinle Irmãos)

onde existem terras privilegiadas para essa cultura.

Vendas a longo prazo, com facilidades nos pagamentos.

EDUARDO V. PEDERNEIRAS
Avenida Rio Branco N.º 35 A, 1.º Andar
Rio de Janeiro
Praça Ministro Seabra N.º 24 A
Nova Iguassú

TERRENOS DESDE
30$ · MENSAES

LEIAM os romances de *Fon-Fon*, que se encontram á venda na *Empresa Fon-Fon e Selecta S. A.* á Rua Republica do Perú, 62 (Antiga da Assembléa) — Rio.

P. Pernambuco Filho — VENENOS SOCIAES — Edts. Flores & Mano — Rio — 1932 — 3$

É o segundo volume da "Bibliotheca de cultura medico psychologica", que está sendo publicada sob a direcção de Neves Manta. O autor, docente de psychiatria da Universidade, ha muito vem mantendo forte propaganda contra os chamados vicios elegantes, que estão destruindo o organismo de uma geração já de si de fundo anemico, fraca. Neste trabalho, o dr. Pedro Pernambuco Filho cita varios casos de observação clinica, mostrando aos incautos todo o cortejo de negras miserias, de torpes horrores, a que estão sujeitos os que se entregam ao vicio da cocaina, do ether, do opio, etc.

O livro contém os seguintes capitulos: *Considerações geraes; Cocaina; Diamba; Opio e seus derivados; Tratamento e convalescença; Conceito medico legal; Commentarios sobre a legislação e repressão policial.*

João Amoroso Lindo — PAULO, APAIXONADO! — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1932 — 3$

O autor desta novella, não sabemos porque, apresenta-se com a capa de um pseudonymo. A ansia de muita gente que publica livros, sem ao menos saber escrever, é vêr o nome em letra de fôrma.

Pois o autor deste trabalho pensa de modo contrario.

Escrevendo com absoluta correcção, conhecendo perfeitamente a lingua portugueza, não quiz vêr o seu verdadeiro nome na capa da brochura. Será devido ao genero do trabalho publicado?

A novella de amôr, em Copacabana, porque Paulo, a figura central, é um tubarão da praia, serviu para a critica aos nossos costumes politicos, exhibindo o autor a sua veia humoristica.

Aqui é que o carro pegou...

O episodio do pato vivo, mettido no forno, onde havia um prato de arroz, é pouco asseiado e serve apenas para prejudicar o livro. Mas, o sr. João Amoroso Lindo póde tirar a mascara...

O sr. Gervasio Lobato, que em Portugal cultivou o mesmo genero de composição, nunca teve pejo em assumir a paternidade de *Lisbôa em camisa*, e coisas semelhantes.

Miguel Costa Filho — OS FARÇANTES DA REVOLUÇÃO — Ed. A. Coelho Branco F.º — Rio — 1931 — 5$

ESTE livro encerra verdades amargas e de combate a conhecidos politicos, e alguns proceres da revolução de outubro, como diz o autor. Sendo o Brasil um paiz de franca opposição, é de suppôr que se tenha esgotado inteiramente a edição. Jornalista impetuoso, de idéas avançadas, o autor confessa têl-o escripto em pouco tempo, tal si fôra uma série de reportagens, commentarios e artigos de jornal. Muito embora, não se nota a pressa no acabamento, pois o estylo nervoso do autor empresta ao trabalho intensa vibração, tornando-o curioso, interessante. A terceira parte do volume revéla o sociologo de penetrante observação, de quem se póde esperar obra de maior folego.

Edvard Carmilo — HUMILDADE — Editor Pocai — S. Paulo — 1932 — 12$

JA' certa vez disse que Edvard Carmilo fez parte de uma caravana de sonhadores, á qual tive a honra de pertencer na feliz quadra da minha mocidade, quando na Paulicéa amada viviamos a grande *Vida*. O tempo, era de prever, fez-nos, porém, a [illegible] de partida, dissolvendo a caravana amiga, seguindo cada um o seu destino. Muitos dos nossos perderam-se. Alguns, sentiram que os sonhos lhes morriam, devorados por negras desillusões. Outros deram de idéa... Só um permaneceu fiel ao seu idéal, como terrivel enamorado do Bello que era. Esse foi Carmilo, a creança de olhos azúes, o unico de todos nós que ainda não tem juizo... apesar da idade. Carmilo ficou isolado, cantando, cantando em

[...]urdina, lindos madrigaes de amôr. E porque a sua inspiração lyrica enleva, embriagando a nossa alma tão afeita, hoje, ás asperezas da vida, força é ouvil-o, com attenção, embora poucos possam entendel-o. Renan, o meu velho amigo de tantas horas de prazer, ensinou-me que o homem só tem necessidade é de Belleza e de Amôr.

A belleza só póde ser conhecida pelo homem artista, através da sua sensibilidade nervosa, desordenada, dentro do sonho cavalgado nas azas da fantasia. E as azas da fantasia de Carmilo são amplissimas, luminosas, de largo vôo. Elle, com a palavra magica, tece poemas em prosa, como os não ha na lingua portugueza, e com a paciencia classica da aranha que, com o fio de séda, rendilha o seu castello no ar...

São esses poemas que apparecem no seu primeiro livro *Jardim fechado*, depois em *Fim de primavera*, em 1930, e agora em *Humildade*.

Este ultimo livro guarda a mesma harmonia encantadora dos demais anteriormente publicados. Carmilo é um poeta da prosa, de fina sensibilidade, um apaixonado da Côr, do Som, da Luz. Um nome victorioso das letras.

Baroneza Orczy — SIR PERCY — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 5$

O original inglez ora traduzido foi publicado sob o titulo *Sir Percy Hits Back*. Os amantes da leitura de aventuras encontram neste livro um delicioso passatempo. E' dos melhores volumes da Collecção *para Todos*.

Maurice Leblanc — A CASA DOS MYSTERIOS — Editora Guanabara — Rio — 1932 — 4$

ESTE livro destina-se aos amantes da leitura genero policial. São as novas aventuras de Arsenio Lupin, figura central de uma literatura rocambolesca que agitou os espiritos curiosos, marcando época. A apresentação material do volume é excellente.

Edgar Wallace — O ANJO DO TERROR — Liv. Globo — Porto Alegre — 1932 — 5$

WALLACE forneceu mais um volume para a "Collecção amarella", da editora gaúcha. Neste livro a fantasia, o genio inventivo do grande novellista arrebata e domina o espirito dos leitores mais exigentes.

A traducção é bôa.

S. S. Van Dine — A SÉRIE SANGRENTA — Liv. Globo — Porto Alegre — 1932 — 5$

VAN DINE, escriptor de largos recursos de imaginação, póde agora ser lido na nossa lingua. A obra que apparece traduzida para a *Collecção Amarella* está despertando viva curiosidade, aliás justificavel.

Jack London — A AVENTUREIRA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 5$

COM este volume foi iniciada a publicação das obras de Jack London, traduzidas para a *Collecção para Todos*. Trata-se de um romance de aventuras, cuja fabulação interessa vivamente os leitores deste genero literario.

Olavo Dantas — FOLHAS DE ACANTO — Rio — 1931

AO que parece, este é o primeiro livro de versos do sr. Olavo Dantas. O indice do volume indica a sua abundante producção. Era preferivel que o joven poeta fosse menos copioso. Não sei si o *copioso* cabe no caso, mas o mantenho. Os autores devem antes se preoccupar com a qualidade da producção, e não com a quantidade. Entretanto, isto quasi nunca acontece, principalmente em se tratando de estreantes. O sr. Olavo Dantas usa e abusa do soneto, fórma poetica decadente. Por se tratar de uma das mais sérias difficuldades do verso, tenta a todos... O autor, meditando sobre a sua obra, poderia tél-a expurgado de certos defeitos. A composição é desigual, resentindo-se da falta de equilibrio. As rimas usadas peccam por forçadas, ou pela vulgaridade.

Um exemplo aqui está no soneto *Alentos do ideal:*

E' pequeno o penar de quem espera
Nas tormentas o sopro da bonança.
E de quem no deserto adusto avança,
Em busca do frescor que o desaltera.

O campónio que espreita a primavera,
No frio inverno de esperar não cansa,
Porque elle vê, ao longe, uma esperança,
Que a energia esgotada retempera.

Si alguem padece de um soffrer fugaz,
Conserva sempre o coração pugnaz,
E a alegria é maior após tormentos.

Porem se, acaso, o golpe fôr tão fundo
Que dos nossos ideaes leve os alentos,
Nada mais esperamos neste mundo.

O exemplo evidencia os defeitos do poeta. Podiamos citar outros.

Si a arte de poetar consistisse em alinhar rimas, não haveria nada mais monotono. O que nós buscamos no verso são as claridades do espirito, a vibração dos nervos, a musica.

O livro *Folhas de Acanto* resente-se justamente de vibração.

O poeta perdeu-se em fazer phrases. Era preferivel mais simplicidade, menos solennidade em armas alexandrinas.

O sr. Olavo Dantas, que é um moço intelligente revelando cultura apreciavel, si quizer, poderá ainda conquistar os louvores da critica isenta de paixões. Para tanto não será necessario grande esforço.

Mathilde Alguefeuse e Roger Dombre — AMAR E VIVER — Editora Guanabara — Rio — 1932 — 4$

A *Bibliotheca Feminina* acaba de ser acrescida de mais um excellente volume, traducção de Helio de Andrade. Uma historia simples, emotiva, cuja leitura constitue agradavel passatempo.

Goethe — PENSAMENTOS PHILOSOPHICOS — Rio 1932 — 4$

DEUS, o Mundo, as Sciencias, a Arte, o Amor. O livro representa uma selecção de trechos sobre os themas citados. A traducção foi feita por Miguel Costa Filho, que escreveu um pequeno prefacio sobre Goethe, vasado com elegancia digna de registo. O volume pertence á *Collecção Benjamin Costallat*, organizada pelo querido escriptor patricio.

Mario [signature]

UMA DESCOBERTA MARAVILHOSA

Tubo (FIALA) Radioemanogeno do scientista prof. L. Pagliani para o preparo, em casa, da Agua Radio-Activa

Que as doses moderadas de emanação do Radium na agua sejam efficazes, tem-se uma prova no poder das aguas de fontes naturaes radioactivas, cujas virtudes curativas dependem muito da sua moderada radio-actividade, do que do seu conteúdo em substancias chimicas. O uso prolongado destas aguas radio-activas tem uma acção curativa certa. Para poder praticar taes curas, porem, longe das fontes e em todo o tempo, na propria casa, faltava até hoje um apparelho que produzisse emanações de Radium, de uso facil e de pouca despesa. Pois foi pela dedicação ao estudo desse problema, muito serio para o bem estar da humanidade, que o professor L. Pagliani, medico e scientista notavel conseguiu um apparelho que denominou "Tubo (Fiala) Radioemanogeno L. Pagliani." Esse tubo contém radium, cuja emanação dá á agua commum uma radio-actividade muito superior a todas as aguas mineraes conhecidas. O radium, sendo, por assim dizer, eterno, estes tubos não perdem sua efficacia senão depois de muitos annos. O pequeno volume, numa grade de prata finissima, permitte leval-o e utilizal-o em toda a parte, e produz, em 24 horas, um litro de agua radio-activa.

A descoberta do professor L. Pagliani foi approvada e controlada pela grande scientista Mme. Curie, e aqui, depois de analysada especialmente pelo Instituto Oswaldo Cruz, foi igualmente approvada em minucioso laudo, assignado pelos drs. Carlos Chagas e José Carneiro Felippe.

Como se vê, trata-se de uma descoberta importantissima, que facilita a cura das mais graves molestias, como sejam:

Diathesis uricemicas e gotosas com manifestações de: calculos renaes, areias urinarias, tumefacções dolorosas das articulações, nevralgias, synovites, dores sciaticas, diabetes, obesidades, rheumatismo, figado etc.

Deficiencias organicas no renovamento geral do organismo, por qualquer cousa: esgotamento nutritivo e funccional.

Alterações funccionaes das glandulas das vias digestivas, das endocrinas e intersticiaes, das generativas e urinarias. Alterações funccionaes da pelle e do couro cabelludo.

Molestias varias e debilidade, que acompanham a menopausia das senhoras, a insipiente e accentuada velhice precoce ou moral, nos dois sexos, com perturbações uremicas e arterio-scleroticas.

Consequencias de uma vida demasiado sedentaria, especialmente com excessivo cançaço cerebral.

Em todos os casos, em que seja preciso fortalecer a actividade funccional de alguns orgãos especiaes ou de todo o organismo em geral.

O "Tubo (Fiala) Radioemanogeno L. Pagliani", preparado para esse fim, contem, encerrada em suas paredes permeaveis á agua, mas inatacaveis por ella, uma quantidade de sal insoluvel de radio, que sem consumir-se praticamente, produz, como nas rochas radiferas, uma quantidade sempre constante de radio-emanação; assim, collocando-se o "Tubo" na agua, esta recebe a solução ao nascer e justamente no momento em que a sua potencia radio-activa, está no mais alto grau. Por este processo, determinadas quantidades de agua, renovando-se em uma unidade de tempo, dentro de um recipiente que contenha um "Tubo (Fiala) Radioemanogeno do scientista L. Pagliani" adquirem successivamente, sem limite de vezes, um grau de radioactividade superior ao dos mais ricos mananciaes hydricos, que se radioactivam na natureza, ao atravessar as chamadas rochas radiferas.

A descoberta do professor Pagliani merece, pois o maior carinho dos nossos scientistas e dos nossos e numerosos doentes.

Na casa Hermanny — rua Gonçalves Dias 50—apparelhos de Prata finissima 250$000.

Informações com o concessionario V. Marchese a rua da Quitanda 79 sob.

Novidades Literarias da Europa

CITAÇÕES

A Academia Franceza vem de crear uma commissão de "Citações" com o fim de procurar autores de citações celebres, e corrigir as que se fizerem erroneamente, avisando o autor de qualquer obra onde a falta se note, afim de ser ella corrigida. Bella idéa e durissimo trabalho, porque, como a anecdota de Calino, a maioria das citações celebres têm sido deturpada dia a dia, a ponto de perderem ellas o sentido primitivo. Isso succede até aos grandes mestres. Voltaire, em "Les Guèbres", escreveu: "Qu'un chacun dans sa loi cherche en paix la lumière". Citando-o, Emile Faguet diz: "Que chacun dans sa foi, etc. Victor Hugo escreveu: "Tout commence en ce monde et tout ailleurs". Brunetière, citando-o, diz: "Tout commence ici-bas, mais tout finit ailleurs. "Varios escriptores como Prud'homme, Daudet, Maurois etc., attribuem a Boileau — "La critique est aisée et l'art est difficile", quando o verso é de Destouche. As coincidencias tambem são innumeras. Chamfort escreveu: "Le gouvernement de France était une monarchie temperée par des chansons". No seu livro "La Russie en 1839", o Marquez de Custine observava: — "Le gouvernement russe est un monarchie tempérée par l'assassinat. Chamfort ainda, no seu "Magazins et pensées", dizia: "Je voudrais voir le dernier des Rois étranglé avec le boyau du dernier des Prêtres". Diderot, nas suas "Poesias diverses", escreveu:

"Et ses mains ourdiraient les entrailles du
[prête
A défaut d'un cordon, pour étrangler les
[rois"...

Algumas vezes, a falsa citação é melhor que a veridica, como succede com Chamfort e Diderot. Mas, conseguirá a Academia alguma coisa? Duvido! A. B.

O celebre Café Greco, que era em Roma o que foi em Paris o celebre Café Procope, frequentado por poetas e artistas, notadamente Byron e Shelley, acaba de "morrer", segundo a expressão da imprensa franceza e italiana, com enorme celeuma nos jornaes. Havia sido fundado em 1720, e agora acaba de ser transformado em "Bar Americano."

O livro que actualmente faz furor em Paris, é o primeiro romance de Marcel Pagnol, o famoso autor de "Marius", "Topaze", etc., intitulado *Pirouettes*, que o editor Fasquelle vem de lançar na praça, attingindo em 5 dias 25 edições. Como já havia succedido com as peças desse autor que attingiram a mais de 2 mil representações consecutivas, o seu romance, que agora é commentado largamente pela imprensa, havia sido recusado por 3 editores como imprestavel!

O escriptor dinamarquez Sophus Michaelis, que vem de morrer, foi durante 17 annos o presidente da Sociedade de Homens de Letras de Copenhague, tendo sido o traductor de "Le Tombeau sous l'Arc de Triomphe" e deixou va-

LOUIS LEFEBVRE

Romancista de enorme exito, que nos deu «Poulot en Italie», «Le Grand Jour», «La Maison vide», «Danse des ombres» e muitas outras obras cujas edições se contam por milhares e que vem de obter grande successo com o seu novo romance Silence.

Livros que acabam de apparecer

— «O toi qui souffres tant, mon frère», de Joseph Angot. (Spes, editor).
— «De la patrie et du patriotisme», por Paul Miguel (E. Figuière, editor).
— «Un monde commence», por René Bergerioux (Bernard Grasset, editor).
— «Bong Kwe», conto, por Winant D. Hubbard. (Librairie Stock, editora).
— «L'impossible décheance», romance, por Marc Evian. (Edit. Albert).
— «La tour des Abeilles», romance, por Pierre Billotey. (Nouvelle Sté. d'Edition).
— «Caumont, duc de la Force», por Joseph de Pesquidor. (Alcan, editor).
— «Henri Bordeaux», por Pierre Benoit. (Alcan, edt.).
— «Denis», romance por Jean de Vial. (Fasquelle, editor).

das obras de grande valor, traduzidas em varias linguas, sobre Napoleão.

No dia 28 de fevereiro, para commemorar o 129 anniversario do nascimento de Victor Hugo, o governo francez organizou varias cerimonias que se revestiram de grande solennidade. Uma delegação da "Fundação Victor Hugo", presidida por Harancourt compareceu ao seu tumulo, onde varios discursos se proferiram, entre os quaes cita-se o da Condessa de Noailles, de rara belleza.

ANDRÉ MAUROIS

Um dos mais populares autores da França de hoje. O romancista de «Climats», «Silences du Colonel Bramble», «Bernard Quesnay», o formidavel biographo de «Byron», «Lyautey», é autor de innumeras obras de grande exito. Acaba de publicar «Cercle de famille», que está obtendo enorme successo!

Um interessantissimo estudo sobre Taine (Formation de sa pensée) de um ineditismo notavel e de autoria de André Chevrillon, da Academia Franceza, vem de ser publicado pela livraria Plon, com successo.

A França vem de perder um dos seus maiores historiographos, o professor Albert Mathiez. No dia 26 de fevereiro, dando o seu curso de "Historia da Revolução Franceza" na Sorbonne, foi repentinamente atacado de uma congestão cerebral, vindo a fallecer minutos após. Mathiez era um apaixonado da Revolução franceza e era considerado como a maior autoridade no assumpto.

Existe "misterio" e "mysterio", diz-nos o original philologo francez René Guénon, em um interessante estudo que vem de publicar na revista "Le Voile d'Isis". E' um erro, diz elle, quando se fala dos dramas espirituaes da edade média, dizer-se, ou melhor, escrever-se "que elles encantam pelo mysterio". — Deve dizer-se *misterio*, que é o certo. Misterio vem do latim *ministerium*, que significa officio ou funcção. Portanto "o misterio" fazia parte da liturgia e é por isso que elle se representava primitivamente nas igrejas. Comtudo, e é uma das curiosidades da etymologia, nos "mysterios" gregos, davam-se tambem representações symbolicas analogas aos "misterios" da edade média. Dahi, talvez, a confusão. E verdade, porém, que as falsas etymologias, são, ás vezes mais "mysteriosas" do que se pensa.

O "*Jornal d'Eugène Delacroix*" é considerado como um monumento absolutamente unico na historia da arte nacional franceza. Elle alcança não somente o dominio da arte, mas tambem o da Historia e da literatura franceza. A livraria Plon vem de lançar uma nova edição desta obra, prefaciada por André Joubin.

Os jornaes italianos anunciam que Pierre Nolhac propõe-se a organizar um comité, com vista a offerecer a cidade de Roma um monumento em memoria de Chateaubriand.

O professor Farinelli, membro da Academia Italiana, descobriu nos archivos de Weimar o relato de uma viagem que fez, na Italia, João Gaspar Goethe, pae do autor de *Fausto*. Esse relato, escripto directamente em italiano, por Gaspar Goethe, foi posto á disposição da Real Academia Italiana, que vae dal-o á publicidade brevemente.

Publicam-se desde algum tempo, na Inglaterra, as obras completas de George Bernard Shaw, acompanhadas de notas e commentarios do celebre humorista. Causou escandalo e sensação o encontrar-se no prefacio do volume *Immaturity*, o ultimo apparecido, uma desrespeitosa apreciação do proprio autor sobre seu pae, que elle chama de "um miseravel bebedo", dizendo ainda: "Se o convidassem a jantar, ou a ir a qualquer parte, elle estaria sobrio ao entrar, mas ao sahir, estava sempre escandalosamente bebedo!" — D'outra parte acaba de apparecer tambem uma série de cartas trocadas entre Bernard Shaw e a celebre actriz Ellen Terry, em que se lê uma curiosa definição do celebre escriptor, feita por esta ultima, em uma das cartas escriptas em 1902:

Vous êtes un grand homme,
Vous êtes un vilain ane,
Vous êtes un chéri,
Vous êtes un tourmenteur,
Pauvre Charlotte...

Charlotte é a esposa do grande escriptor.

- «Esquisse d'un sionisme nouveau», por Kadmi Cohen. (Le Triangle editora).
- «Fauves, Humaines de L'Amazone», por R. Courteville. (Fasquelle, editor).
- «Chandeleurs», por Mme. Geneviève Duhamelet. (Desclée de Brouwer, edits.).
- «Le Rêve et la personnalité», por Marguerite Combes. (Boivin, editor).
- «Edouard Estaunié», por Daniel Rops. (Ancan, editor).
- «L'Armée d'Orient dans la guerre mondiale», por Deygas. (Payot, editor).
- «Isabelle la catholique», por W. Th. Walsh. (Payot, editor).
- «Souvenirs et enseignements d'une experience électoraie», por G. Claude. (Nouvelle Librairie Française, editora).
- «Eau chaude, eau froide, douche ecossaise», contos, por P. Bastien. (Figuière, editor).
- «Le Juif d'Auvergnat», romance, por Edm. Cohen. (Fasquelle, editor).
- «Goethe», por Paul Amann. (Rieder, editor).

SIGMUND FREUD

L'AVENIR D'UNE ILLUSION

Freud e a questão religiosa!...

Denoel et Steele Edts.
19 Rue Amelie
PARIS
12 Fs.

ANDRÉ SALMON

O poeta de «Prikaz», o autor dramatico de «Natchalo», o romancista de «Tendres Canailles», «Monstres choisis», «Manuscrit trouvé dans un chapeau», «Moeurs de la Famille Poivre», e «Negresse du Sacré Coeur», este ultimo recentemente publicado com enorme successo.

O milagre dos camellos

Quando Ali Mohamed chegou ao fim de sua carreira neste mundo e passou aos suaves braços da huries celestiaes, o pesar de seus tres filhos foi realmente immenso. Mas, afinal de contas, um homem morto é um homem morto, e todas as lagrimas do mundo não pódem resuscitál-o. Em compensação, os camellos vivos são animaes tão notaveis e formosos como valiosos. Por isso, embora os filhos de Mohamed lamentassem sua morte, não ficaram menos impacientes de entrar na posse de seus camellos.

Um rebanho de dezesete camellos havia deixado Ali Mohamed a seus filhos, e em seu testamento os dividira da seguinte maneira: o mais velho devia herdar a metade do rebanho, o segundo, uma terça parte, e o terceiro, uma nona parte.

O tres jovens árabes reuniram os dezesete camellos no pateo e começaram a transação.

— Muito bem — disse o mais velho. — Quantos camellos vae receber cada um de nós?

Começaram a fazer cálculos e não tardaram em trocar olhares de angustia. O mais velho dos irmãos, dirigindo-se aos outros dois, lhes disse:

— A não ser que eu haja enlouquecido, a metade de dezesete são oito e meio. Não podemos cortar um camello em dois.

— Isso não é nada — exclamou o segundo — comparado com meu problema. Porque uma terça parte de dezesete são cinco e dois terços, e é ainda mais difficil dividir um camello em terços que em metade.

Quanto ao que disse o terceiro, não é possivel nem mesmo imprimil-o, porque um nono de dezesete camellos era, simplesmente, uma calamidade.

— Bem — falou o mais velho: — um meio camello não beneficiará a ninguem. O melhor será que vocês me dêem a outra metade, isto é, nove camellos. Será, simplesmente justo, e vocês poderão, então, repartir os outros.

— Justo?!... Tu chamas a isso justo?! — protestaram os outros irmãos. — Naturalmente que um meio camello não beneficiará a ninguem, mas tu tens maior numero. Toma, pois, teus oito camellos e deixa-nos a metade em questão.

— De maneira alguma! A unica coisa que quero é cumprir a vontade de nosso bem amado pae, que me legou a metade do rebanho — objectou o irmão mais velho.

A discussão se foi acalorando até degenerar quasi em briga. Mas o irmão mais velho, consciente de sua responsabilidade como novo chefe da familia, conteve os outros.

— Não devemos brigar, irmãos — disse-lhes, severamente. — Vamos consultar Mullah Ibrahim, o homem amado do propheta. Expôr-lhe-emos nosso problema e obedeceremos sua decisão.

Os dois irmãos acceitaram immediatamente essa suggestão. Mullah Ibrahim era um homem santo e justo, e a voz pública asseguravа que tinha o dom da clarividencia, além de já ter feito varios milagres em sua vida.

O Mullah, depois de escutál-os, attentamente, permaneceu um momento immerso em profunda reflexão. Finalmente, sorriu, e, acariciando sua longa barba branca, lhes disse:

— Meus filhos: livre-me Allah de criticar vosso defunto pae; mas a verdade é que é impossivel dividir um rebanho de dezesete camellos em duas metade iguaes. Eu sou um homem pobre e só possúo um camello, mas vol-o darei gostosamente e assim tereis dezoito, numero com o qual não mais encontrareis difficuldades em seguir as instrucções de vosso pae.

Os rapazes protestaram um pouco. Mas o velho Mullah insistiu em sua dádiva.

— Que importancia póde ter um camello? — disse-lhes. — Naturalmente, me é de grande utilidade. Mas o melhor serviço que poderia prestar-me seria o de restaurar a paz entre meus vizinhos. Assim, pois, levae-o e não vos preoccupeis commigo. Allah é justo, e sabe o que faz. Elle me restituirá meu camello, si tal é a sua vontade.

Um pouco envergonhados e profundamente agradecidos, os tres jovens árabes receberam o camello de Mullah e o conduziram para casa. E com elle não tiveram mais a menor difficuldade em repartir o rebanho de camellos, de accordo com a vontade de seu pae.

O mais velho ficou com a metade, isto é, nove camellos; o segundo, que devia receber um terço, ficou com seis, e o ultimo, a quem correspondia a nona parte, teve dois.

A alegria dos irmãos foi, no emtanto, um pouco obscurecida pelo remorso de ter acceito o presente de um homem pobre. Mas, contentes de haver resolvido satisfatoriamente o problema, decidiram levar os camellos para suas proprias casas.

De repente, o mais velho se deteve, exclamando:

— Que me enforquem!

Ou algo equivalente a essa expressão em arabe.

Os outros dois voltaram a cabeça, ao ouvil-o, e viram, com profunda estranheza, o camello do Mullah Ibrahim parado no meio do pateo.

— Quem esqueceu um camello? — perguntou o mais velho.

— Eu tenho os meus dois — disse o mais moço.

— Eu os seis que me correspondem — ajuntou o segundo.

— E eu meus nove — disse o mais velho. — Assim, pois, cada um de nós tem sua parte e ainda sobram o camello do Mullah.

Os irmãos contaram de novo seus camellos, releram varias vezes o famoso testamento. Não havia duvida possivel: cada um delles tinha o numero de camellos que lhe correspondia. O milagre era evidente.

Os tres irmãos dirigiram-se a toda pressa á casa do Mullah, levando o camello. Mas o velho santo não se mostrou espantado ao vêl-os. Limitou-se a sorrir, e, acariciando sua longa barba branca, lhes perguntou:

— Então, meus filhos, dividistes o rebanho á vossa inteira vontade?

— Perfeitamente, Ibrahim — responderam os irmãos. — E produziu-se um milagre. Cada um de nós tem sua justa parte e vosso camello está sobrando.

— Bemdigamos a Alah, meus filhos — disse Ibrahim. — E que isto sirva de licção para vós. Dei-vos meu ultimo camello para manter a paz entre vós. Mas tambem vos disse que Alah era justo e que, portanto, mo restituiria, si tal fosse sua vontade. E, como vêdes, elle mo devolveu sem que, por isso, diminuisse vossa herança. O que demonstra que nunca devemos vacillar em sacrificar vossas posses pelo bem de vossos vizinhos.

Os admirados irmãos retornaram a sua casa e contaram a maravilhosa aventura a seus vizinhos e amigos, os quaes, por sua vez, a repetiram a suas relações, até que o mundo inteiro soube da virtude e sabedoria do velho Mullah Ibrahim e do milagre que elle fizéra no rebanho de dezesete camellos.

E a fama de Mullah Ibrahim permaneceu incólume durante seculos, até que um mathematico scéptico tomou um pedaço de papel e um lapis e se entregou a cálculos mysteriosos. Depois, exclamou, displicentemente:

— Milagre, não é?

Mas o pedaço de papel se perdeu, e, assim, todo aquelle que duvide do milagroso poder do Mullah Ibrahim se verá no caso de fazer seus proprios cálculos.

GLEB BOTKIN

DOR?
GUARAINA

OS SEIS NAPOLEÕES

(SHERLOCK HOLMES) Por CONAN DOYLE

O inspector Lestrade de Scotland-Yard costumava, ás noites, vir palestrar o seu bocado comnosco.

Essas visitas eram para Sherlock Holmes de um particular encanto, porque lhe davam azo a saber as novidades de que a policia tinha conhecimento.

Prestava elle a maxima attenção a todos os pormenores das trabalhosas investigações dos funccionarios e, em muitas occasiões, dava-lhe mesmo esclarecimentos utilissimos, filhos da sua longa experiencia a respeito dos homens e das coisas.

Ora uma vez, depois de um dialogo banal ácerca do tempo e dos jornaes, a conversa esmoreceu e Lestrade, chupando o cigarro, quedou-se, por instantes, num concentrado silencio.

Holmes, olhando-o fixamente, disse com accento intencional:

— Que ha de novo?...

— Nada, sr. Holmes. Nada que valha a pena, respondeu evasivamente o outro.

— Então... desembuche!

Lestrade desatou a rir.

— Pois bem, sr. Holmes, confesso que estou preoccupado. A coisa é banal, mas com o seu que de mirabolante. O sr. Holmes tem grande predilecção pelos casos sensacionaes; mas este é mais para chamar a attenção do dr. Watson, do que a sua.

— E' uma doença? interroguei.

— Sim. Um caso de loucura. E', porém, uma loucura curiosissima. Imaginem os senhores... Ha um individuo que tem por Napoleão um tão entranhado odio que despedaça todas as esculpturas representativas do heroe!

Holmes estirou-se na cadeira, e objectou com enfado:

— Ora adeus... Isso não me importa nada.

— Eu já o tinha avisado de que o assumpto pouco interesse podia offerecer-lhe. Mas, como o individuo de quem se trata praticou arrombamentos antes de quebrar as esculpturas, o caso deixa de pertencer aos dominios exclusivos da medicina, para invadir a esphera policial.

Holmes endireitou-se.

— Ah! O caso, agora, muda de figura. Visto haver arrombamentos, a maluquice do homem começa a provocar-me a curiosidade. Conte lá o acontecimento por miudo.

Lestrade tirou a carteira e passou pelos olhos uma folha de apontamentos.

— A primeira occorrencia deu-se ha quatro dias em Kensington Road, num estabelecimento de objectos de arte do judeu Moysés Hudson. O bricabraquista estava distante do armazém quando, repentinamente, sentiu o estrondo de qualquer coisa que se partia. Dirigiu-se ao local d'onde o som viera e encontrou, desfeito em cacos, um busto de Napoleão, que estava sobre a secretária, entre diversos outros objectos.

Correu para a porta, mas não conseguiu apanhar, nem sequer ver, o causador do maleficio.

Varios vizinhos é que o informaram de que tinham visto um sujeito, que sahira do armazém a fugir.

(Continúa na pag. seguinte)

AS' PESSOAS
QUE SOFFREM

DISSURAN
ACIDO URICO
GOTA
ARTRITISMO
FORMULA DAS MAIS COMPLETAS

ELIXIR DAS DAMAS
Um calix tomado ás refeições constitue
o remedio ideal para as
SENHORAS
Dá saude, regulariza e evita soffrimentos.
Vende-se em todas as Pharmacias.

O judeu acreditou que aquillo não passava de um acto de vandalismo como outros que, aliás, succedem de quando em quando.

Queixou-se á policia, mas o busto valia apenas alguns miseraveis schillings, e o caso parecia de um corriqueiro anodynismo. Por isso, não fizemos caso.

"Na noite passada, deu-se um acontecimento semelhante, no fundo, ao que lhes contei, porém já mais extraordinario e grave.

Foi em Kensington Road tambem, a poucas centenas de metros da loja de Moysés Hudson, na casa do dr. Barnicot, um medico muito afamado e com grande clientela na margem esquerda do Tamisa.

A habitação do doutor e o consultorio annexo são, como lhes disse, em Kensington Road, mas elle vae tambem exercer sua clinica em Lower Brixton Road, a umas duas milhas de distancia.

O medico é um enthusiasta por tudo quanto se ligue a Napoleão. Tem a casa atulhada de livros, de quadros, e reliquias historicas referentes ao imperador dos francezes.

Comprara elle, precisamente na loja do judeu Moysés, dois gessos eguaes, reproducção do Napoleão do esculptor Devine. Collocou um dos gessos no vestibulo da residencia em Kensington Road, e, com o outro, ornamentou o fogão do seu gabinete em Lower Brixton.

Hoje de manhã, quando ia sahir de casa, notou que a porta da rua tinha sido arrombada durante a noite e verificou, surprehendidissimo, que nada lhe haviam roubado, a não ser o gesso do vestibulo. A esculptura fôra levada do local em que se encontrava e arremessada, depois, com violencia, de encontro ao muro do jardim, como o demonstraram os estilhaços que estavam espalhados no solo e alguns pequenos fragmentos que ficaram adherentes á parede."

Holmes esfregou as mãos contente.

— A historia começa a tornar-se curiosa.

— Bem me queria a mim parecer que não era tão sensaborona como no principio se lhe afigurou.

Escute o resto.

O dr. Barnicot foi, conforme o seu antigo costume, ao meio dia, para a faina clinica de Lower Brixton.

Calculem os senhores o espanto do bom do medico quando, chegando lá, verificou que a janella do consultorio tinha sido forçada e quando encontrou, feito em migalhas e espalhado pelo pavimento, o segundo busto.

Agora, sr. Holmes, que já conhece a historia toda, dir-lhe-ei mais isto: nenhum indicio pudemos obter que nos puzesse na pista do criminoso, ou do louco, que deu causa ao estranho incidente.

— Na verdade, commentou Sherlock, o caso é bastante extraordinario. Diga-me uma coisa: os bustos quebrados ao dr. Barnicot eram eguaes ao que appareceu partido no armazem de Hudson?

— Sim, senhor. Tinham saido todos tres do mesmo molde.

— Essa circumstancia faz-me conjecturar que a pessoa que os destruiu não foi impellida a tal por odio a Napoleão. Se entrarmos em linha de conta com o numero elevadissimo de esculpturas delle, que por toda essa Londres fóra existem, torna-se absurdo suppor que tenha havido uma simples coincidencia no facto de serem destruidos tres specimens eguaes do mesmo busto.

— Estou inteiramente de accordo, accrescentou Lestrade. Demais, Moysés Hudson é o unico commerciante de objectos artisticos nesta parte da cidade e, desde ha muito, que elle não tinha na loja quaesquer esculpturas de Napoleão. De modo que, embora existam em Londres milhares de outras esculpturas do grande homem, é licito presumir que as quebradas pelo maluco eram as unicas que no bairro havia. Isto posto, chega-se á conclusão de que um doido, um fanatico, ou o quer que seja, que mora por aqui perto, tenha começado por ellas. Não acha?

— E' illogico fazer supposições com os actos de um doido, objectei eu. A "idéia fixa", como lhe chamam os psychologos francezes, dá em resultado a adulteração da intelligencia para uma certa ordem de raciocinios, deixando-a integra e limpida para o resto. Supponha um homem que haja estudado profundamente, com paixão, o caracter do imperador e o periodo historico da seu dominio militar. Imagine alguem que tenha recebido delle um grande aggravo material ou moral. Qualquer destas coisas não poderá conduzir a uma idéia fixa, sob o imperio da qual tenham sido praticados verdadeiros actos de loucura?

— Não, meu caro Watson, não, objectou Holmes, meneando a cabeça n'uma expressão de accentuada negativa. Nem que elle tivesse todas as idéias fixas do mundo, seria capaz de descobrir os sitios onde os bustos estavam.

— Explique então o senhor, o singular acontecimento.

— Que o explique?! Mas eu não tento explical-o. O que deduzo de toda a narrativa é um certo methodo nos tramites que esse homem excentrico segue. Por exemplo, o busto foi levado do vestibulo do dr. Barnicot para fora. Porque? Evidentemente para que o ruido, que causaria o seu despedaçamento, não fizesse acordar o medico. Veja agora o que se passou no consultorio de Lower Brixton. Ahi não havia motivo para esse receio e o gesso foi estilhaçado no proprio gabinete. O caso parece, ao seu primeiro aspecto, ser uma simples maluquice absolutamente destituida de interesse, mas eu, desde que reflecti nelle, já o não considero assim. Foi por maneira similhante, sem episodios de valia, que principiaram a desenrolar-se muitos dos complicados acontecimentos que eu tive de deslindar. Lembra-se, Watson, como eu descobri essa tremenda tragedia da familia Albermetty? Foi observando uma circumstancia que parecia de pouca monta: quanto a salsa tinha mergulhado na manteiga num dia quente. A sua historia dos bustos, Lestrade, é séria a valer, e grande obsequio me fará, pondo-me ao corrente de qualquer episodio que venha a succeder aos que contou.

* * *

Os novos acontecimentos que o meu amigo tinha previsto produziram-se com muito maior brevidade e d um modo muito mais terrificante, do que suppunhamos.

Na manhã immediata, estando eu a vestir-me, bateram-me á porta do quarto. Holmes entrou com um telegramma na mão e leu-me:

"Venha depressa. Pitt Street, Kensington, 131. *Lestrade*".

— Que será? perguntei-lhe.

— Não sei nada talvez de importancia. Palpita-me porém grandemente que é o seguimento do caso dos bustos. A ser assim, o nosso homem recomeçou as suas operações n'outro bairro de Londres. Tome o seu café depressa. Está um carro á nossa espera, lá em baixo.

Decorrido meia hora, chegavamos a Pitt Street, uma pequena rua tranquilla, situada num dos bairros londrinos de menor movimento. A casa n. 131 era como as visinhas de aspectos mesquinhos, e sem nenhuma ornamentação architectonica. A' entrada, junto de uma porta envidraçada, estacionava uma turba de curiosos.

— Olá! exclamou Holmes satisfeito. Isto é pelo menos um caso de morte! Só um acontecimento importante arranca do seu gabinete um inspector policial de Londres. De resto, basta-nos a curiosidade com que aquelle garoto extende o focinho, para adivinhar que se trata de um acto de violencia. Repare, Watson: os degraus superiores da escada foram lavados a jorros de agua. Os de baixos estão seccos.

(Continúa na pag. seguinte)

O EMPREGO DO RADIUM NO TRATAMENTO DAS DOENÇAS

Póde-se fazer agóra em casa um tratamento com elemento radioactivo

As qualidades beneficas do Radium e a sua propriedade curativa em determinadas moléstias são reconhecidas e apreciadas pelos scientistas de hoje, e innumeras pessoas devem a melhora de sua saúde e muitas vezes mesmo a cura de certos padecimentos ao bem conduzido tratamento com o Radium. O Radium age contra as dores e pontadas, exerce acção calmante sobre systema nervoso, contribue para fortificar o sangue e a sua circulação, activa o intercambio nutritivo (metabolismo), favorece um somno tranquillo e traz melhora do appetite. Facilita a digestão e a nutrição do tecido cellular. A sua acção sobre as articulações, os nervos e os musculos, torna-o recommendado nos casos de rheumatismo, sciatica, disturbios nervosos, anemia, arterio esclerose, debilidade da velhice. Um vidro de Sal-Miradium, que custa somente Rs. 30$000 é calculado para um mez de tratamento e possue as boas qualidades dos saes mineraes, contendo ao mesmo tempo 2.500 unidades-Mache (egual a 250.000 unidades Volts) de Radium genuino, o que corresponde a mais de 200 litros de agua radioactiva das fontes de saúde, as mais conhecidas no extrangeiro. Escrevendo-se a Dr. Blem & Cia., Ltda., caixa postal 2222, Rio, pode se obter gratuitamente o folheto "Radium".

Ah! Lestrade chegou á janella. Vamos emfim, saber ao certo o que se passou."

O inspector recebeu-os com um ar meditativo e grave e fez-nos entrar para um compartimento em que encontrámos uma pessoa de meia edade, cujo traje em desordem dava logo a perceber que estava numa crise de intensa e agitada commoção.

Foi-nos apresentado, como dono da casa:

— O sr. Horacio Harker, membro do Syndicato da Imprensa.

E' a continuação da historia dos bustos! disse Lestrade. Os meus amigos pareceram-me hontem interessados por ella. Hoje o caso revestiu uma feição mais complicada ainda, e, por isso lembrei-me de que lhes seria agradavel examinarem-n'o de perto."

— E a complicação a que se refere, qual é?

— Um assassinato! O' sr. Horacio Harker tenha a bondade de contar a estes senhores o que se passou.

O jornalista ergueu para nós a face triste.

— E' xtraordinario! disse. Tenho gasto a vida inteira a descrever tragedias alheias. Agora que um drama sensacional se desenrola em volta de mim, na minha propria casa, estou dominado por um tal nervosismo, que não atino com a narrativa. Se aqui entrasse como profissional, ter-me-hia entrevistado a mim proprio, á falta d'outrem, e havia de arranjar maneira facil de encher duas columnas dos jornaes da tarde. Pois hoje tenho desperdiçado o meu tempo a contar a coisa a todo mundo, e não sou capaz de o aproveitar para o meu mister. Eu tenho ouvido falar muito em si, sr. Holmes, e, se descobrir a chave deste enigma, bem compensado me considerarei de mais uma vez repetir a tragica historia.

Holmes assentou-se, para ouvil-a mais attentamente.

— A aventura parece ter por fulcro um busto de Napoleão que ha quatro mezes adquiri para ornamentar este gabinete. Comprei-o barato, proximo de High Street Station. Trabalho até muito tarde: ás vezes, quando a manhã rompe, ainda eu estou escrevendo. A noite passada assim succedeu. Estava assentado á secretária do meu escriptorio, que fica nas trazeiras do ultimo andar, quando, ahi pelas tres horas da manhã, ouvi um leve ruido; vendo que parecia vir do rez do chão, escutei. Nada. Convenci-me, por isso, de que fôra alguem ao passar na rua. Cinco minutos depois, se tanto, vibrou repentinamente no interior da casa, um grito horrivel — o mais espantoso, sr. Holmes, que aos meus ouvidos tem chegado — um grito que ha de echoar dentro de mim até a morte. Fiquei durante instantes paralysado de terror. Em seguida agarrei na tenaz do fogão, e desci ao andar de baixo. Ao entrar aqui, notei que a janella estava escancarada e que o busto tinha sido roubado. Ainda agora pergunto a mim proprio, como é que um ladrão teve a idéia de se apoderar dum gesso, dum gesso que de mais a mais é uma reles fancaria artistica. Como os srs. poderão verificar, querendo, é facil cavalgando o peitoril da janella, attingir o patamar da escada. Foi isto, certamente, o que fez o gatuno. Corri, por conseguinte, a abrir a porta, no encalço delle. No escuro, porém, tropecei de encontro a um corpo humano! Retrocedi a buscar uma luz, e, ao regressar, dei com um desgraçado, estirado de costas, com as pernas encolhidas e a bocca hiante. Tinha a garganta golpeada e grandes borbotões de sangue manavam della, alastrando para o solo... Esse cadaver ha de ser o pesadello de todos os meus sonhos! Ainda tive forças para bradar por soccorro, mas, logo a seguir, perdi os sentidos. E sei apenas que, ao voltar a mim estava no vestibulo, ao lado dum policia.

— Quem é o individuo assassinado? perguntou Holmes.

(*Continúa no proximo numero*)

EU ERA ASSIM

HENNE LORE
HENNE-LORE
A PLANTA MARAVILHOSA RECOLORADORA VEGETAL DOS CABELLOS
PRODUCTOS LORÉA RIO DE JANEIRO

A MULHER DE HOJE

(CONCLUSÃO)

... Que vae fazer? Não dorme? Mlle. Modernismo apanha o seu carnet e, com um pequeno lapis de ouro, traça, devagar, o programma do outro dia:

"9 horas — Instituto de Belleza.
12 " — Almoço no Palace.
13 " — Costureira.
14 " — Footing. Visita ás casas de moda, ás livrarias. Escolha de figurinos.
15 ás 17 horas — "Elle"... O amôr... Talvez um passeio de avião.
18 horas — Audição da violinista X. Uma mediocre. Ouvil-a — que estopada!
19 horas — Diner-dansant... O "outro"... O n.º 2...
21 horas — Theatro ou cinema? Talvez a recepção de mme. Z.
22 horas — ..."

Aqui, mlle. começa a adormecer. O lapis e o carnet caem-lhe das mãos mimosas e brancas. As primeiras linhas de um sonho vago se lhe esboçam no somno retardado — um livro de cheques, um palacete, um homem gordo, que ronca e sópra, e um typo elegante, a quem ella abre a janella do gabinete de estudo, devagarinho, para que não faça ruido... Um beijo... Outro beijo... Muitos beijos...

A LITERATURA EM 1907 E EM 1932

(CONCLUSÃO)

Bilac é o Poeta brasileiro.

O povo se revê na sua obra, no boleio nervoso da da sua phrase, no capricho das suas evocações formosas e suggestivas, como muito bem disse um critico erudito. E' o interprete do anseio nosso.

Por isso, não tem época determinada, no calendario literario.

Em 1932, ainda é expoente.

Sel-o-á no anno 2.000.

O que não será possivel é trazermos Casimiro de Abreu, choramingando, para apresentál-o como um symbolo das nossas letras.

Esta historia de *minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá*, passou.

Hoje, Guilherme de Almeida romantiza a vida, em *O beijo do taxi*.

. . . .

—*"Cuidado! Que loucura!"*
[Havia pela estrada,
um sol horizontal numa
[poeira doirada.
Andavam pelo céo nuvens
[de alegria.
Na distancia oxydada a
[cidade fugia.
Uma torre rezou, bem lon-
[ge, de mãos postas...
—"Que loucura! Cuidado!"
["E' ella... e eu...
Voltae as costas,
fechae os olhos, vós, noivos
[que andaes sózinhos
na perfidia sinuosa e lon-
[ga dos caminhos!

O taxi atropelou o sabiá...

Os casaes romanticos comprehendem a utilidade dos *taxis*, o vehiculo que symboliza o novo sentido da vida...

Para onde vamos?

E' difficil a resposta.

As ultimas descobertas scientificas tendem a revolucionar o mundo. O rythmo literario não poderá se manter no *mesmismo* que fez a delicia dos nossos avós. O espirito moderno não se méde pela escala de methodos preestabelecidos. Resulta dahi a sua belleza. Fon-Fon! tem sido o maravilhoso repositorio de todas as tendencias literarias do meio brasileiro, nestes ultimos 25 annos. Seleccionou os talentos que refulgem nas suas paginas. Esta é a verdade.

E si é consciencia de todos a conquista do posto de seu redactor constitue uma satisfação de uma vida literaria, devo confessar que não ambiciono maior titulo de gloria. Ha cinco annos, nesta casa, para o rumor dos prélos, e para elles vou enchendo os linguados de papel. Minha doce alegria!

E até quando poderei renovál-a, no convivio de bons companheiros, Sergio, Barroso, Capistrano, Portela, Elcias...

A MULHER DE HONTEM

(Conclusão)

— Edades!... E' uma indirecta? Quererás referir-te á minha edade? Edade é a que se apparenta ter, meu caro. E com os meus cabellos *á la garçonne*...

— Pintados já, em varias côres...

— Sim. Pintados. Todas o fazem e tambem vocês, os homens... Com o meu rosto...

— Tambem pintado...

— Naturalmente, mas discretamente...

— Sim, tão discretamente que as tuas faces e os teus labios parecem sangrar...

— E que seja assim?... E' moda e a moda, só a moda, ouviste, é que caracteriza e dá expressão propria, personalidade, como dizes, a uma mulher...

— Ouvi, sim, e chegaste ao que desejava concluir: a mulher de hoje é um simples decalque de figurino, uma boneca meio núa, meio vestida, espaventosamente artificial, por fora e, tambem, por dentro...

— Antes boneca, meio núa, meio vestida, que as bruxas á antiga, feitas de panno... Quanto ao teu "por dentro", não sei que queres dizer...

— E' simples: que até na alma e no coração vocês são artificiaes...

— Tambem na alma? Tambem no coração? Agora, fazes-me rir, Carlos. Não, queridinho, não. Estás sendo injusto e cruel. Por dentro, interiormente, continuamos a ser as mulheres de todos os tempos: bôas, sentimentaes, carinhosas, collocando o nosso amor acima de tudo na vida...

— Menos da moda...

— Mas, meu maridinho ranzinza, nós nos escravizamos á moda por amor mesmo de vocês, para agradar cada vez mais os homens, e poder sempre trazer presa aos nossos encantos a casta de gente mais volúvel e amante de variedade que o bom Deus já poz na terra...

— Volúveis, nós?

— Sim, os homens, por indole, gostam de variar e ai! de nós se não nos defendermos, fazendo-nos bonitinhas, mesmo artificialmente! Agora, com sinceridade, dize-me, sem desfazer esse sorrisozinho manhoso e bom que tens nos labios: preferirias ter-me ainda hoje como fui ha vinte e cinco annos atraz, gorducha, adiposa, usando saia balão, anquinhas, cóque, etc., ou tal como sou, hoje, esbelta, delgadinha, cabecinha arejada, mettida, na intimidade, num pyjamazinho alegre, como este, ou num peignoir fininho, transparente, como aquelle de que gostas tanto, em certas occasiões?... Estás a rir? Anda, dize, confessa...

— Confesso... que és uma gracinha, uma garota sem juizo, apesar da edade, Gaby... E quero-te, mesmo assim, garota estonteada, cabecinha de vento... [illegible]

— A quem tu amas, não é, [illegible]

— Sim, a quem eu amo... Gostas do [illegible] perfume?...

— Sim. Mudei de perfume. Gostas deste, hein? [illegible] suave, uma

— Se gosto! Fresco, [illegible] fragrancia de carne moça...

— Vê, grande máu! E tudo isso, todos estes pequenos cuidados eu os tenho por amor de ti, para te ser agradavel e trazer-te sempre preso no passado, ao que fui, no presente, ao que eu sou, e, no futuro...

— No futuro?

— Sei-o eu? Os annos... A velhice...

— A nossa velhice será mocidade ainda na nossa alma e no nosso coração, minha Gaby!... Uma mocidade quieta, tranquilla, feliz, porque nada mais desejará...

— Sim, meu querido, tambem o inverno florirá e nossas almas e nossos corações sempre estarão presos á imponderavel poeira de todo o passado...

— E tu que, ha vinte e cinco annos atraz, vestidinha de saia balão, blusa fechada e fita, toda de laçarotes, eras a estonteante floração de primavera do meu amor, és, hoje, o que serás amanhã: floração outomnal, como [illegible] nhã, a quieta floração do meu inverno...

QUEM IGNORA ?...

DE NORTE A SUL

NO

BRASIL,

TODA A GENTE PROCLAMA A SUPERIORIDADE DO CALÇADO

D.N.B.

VENDE-SE NAS PRINCIPAES CASAS DA CAPITAL E DE TODO O BRASIL